

PRISCILA MARQUES TONELI

**A PALAVRA PROSÓDICA NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO:
O ESTATUTO PROSÓDICO DAS PALAVRAS
FUNCIONAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), como
requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Bernadete Marques Abaurre

Campinas

2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

T612p Toneli, Priscila Marques.
A palavra prosódica em Português Brasileiro: o estatuto prosódico das palavras funcionais / Priscila Marques Toneli. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Maria Bernadete Marques Abaurre.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Fonética - Fonologia. 2. Análise prosódica (Linguística). 3. Gramática comparada e geral – Clíticos. 4. Língua portuguesa. I. Abaurre, Maria Bernadete Marques. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: The prosodic word in Brazilian Portuguese: the prosodic status of the functional words.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Phonetic – Phonology; Prosodic analysis (Linguistics); Comparative and general grammar – Clitics; Portuguese language.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

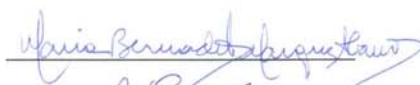
Banca examinadora: Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre (orientadora), Profa. Dra. Luciani Ester Tenani e Profa. Maria Filomena Spatti Sândalo. Suplentes: Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt e Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves

Data da defesa: 19/02/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Maria Bernadete Marques Abaurre



Luciani Ester Tenani



Maria Filomena Spatti Sândalo



Luiz Carlos Schwindt

Charlotte Marie Chambelland Galves

IEL/UNICAMP
2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, aos meus pais, Jair e Silvia, e aos meus irmãos, Paula e Jair Henrique, que sempre confiaram em mim, e me incentivaram a correr atrás daquilo que eu sempre quis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me ajudado a alcançar meus dois maiores sonhos, a faculdade e o mestrado, e por ter me presenteado com uma família e amigos, que me amassem e me apoiassem em todos os momentos. Essas pessoas maravilhosas têm me ajudado e me acompanhado ao longo do caminho da vida, comemorando comigo as minhas conquistas, e sem elas, provavelmente eu não estaria hoje concluindo o meu mestrado.

Dentre essas pessoas, tenho algumas como exemplo: minha mãe, uma grande batalhadora, mostrou-me que nunca devemos desistir de nossos sonhos, mesmo que as dificuldades sejam grandes; meu pai, meu herói, mesmo sem ter nível superior, sempre exigiu que estudássemos; e meus irmãos, que me acompanharam e me incentivaram a continuar; por isso dedico todas as minhas conquistas a eles especialmente.

Agradeço aos meus primos Luciana e Egídio, meus exemplos acadêmicos de luta e conquista me provando que mesmo aqueles que saem da escola pública são capazes de chegar à universidade pública. Sem contar o apoio moral de meus primos Rose, Luana, Luis, Vinícius e Lucas que me levavam e me acomodavam em sua casa na época do vestibular, Neuseli e Vilmar, que me ajudavam na digitação de trabalhos e idas na faculdade fora do horário de aula.

Agradeço aos meus amigos: Daniela, minha amiga de infância e comadre; Marcinha, companheira de festas; Tatiane, minha advogada; Marcela-Paraná, pronta para tudo; Charles, meu psicólogo; Machadinho e o seu divã; meus avós, meus tios, tias, primos e primas, e todos aqueles que contribuíram de algum modo e participaram da minha vida em José Bonifácio. Claro que não posso esquecer do Paulo, nosso biólogo, enfermeiro, médico, um irmão pirado, que seguiu meu caminho e também veio para a universidade pública, e do Zequinha, um garoto batalhador, meu massagista, fisioterapeuta, duas pessoas especiais que ainda hoje não me esquecem, e estão sempre me dando forças a continuar batalhando.

Agradeço, especialmente, ao Flávio, que tem me acompanhado desde a época da faculdade, e que me levanta sempre quando caio e me sinto desanimada diante dos obstáculos da vida, com seu carinho, atenção e amor.

Agradeço novamente a Deus por me mostrar o caminho rumo a minha primeira conquista: entrar na faculdade. Nessa época, fiz amigos para a vida toda, os quais tenho no meu coração para sempre, mas não posso deixar de agradecer a Lilian, minha amiga de todas as horas; Danúbia, minha fiel colega de trabalhos da faculdade; Solange, nossa salva vidas; Serginho, meu amigo de cervejinha e parceiro; Marcão, meu amigo fiel e companheiro; Ana Lúcia, minha jovem mãe; Kelly, Fernando, Leandro, Patrícia, Priscila, Marcio, Grazielle, Marisa, Regiane, Angélica, Caio, Glauber, e Livia.

Além dos amigos de graduação, agradeço aos professores do Ibilce/Unesp, por terem contribuído na minha formação acadêmica, profissional e pessoal, especialmente ao professor Raul, o qual foi o primeiro a me encaminhar na carreira acadêmica me auxiliando a decidir a área que me atraía a pesquisa; à Luciani Tenani, por ter despertado em mim o prazer em estudar fonologia, e quem me encaminhou durante a Iniciação Científica, além de ter contribuído com a reta final desse trabalho ao participar de minha banca de defesa.

Já em Campinas, mais uma vez Deus me abriu as portas para a minha segunda conquista: o mestrado na Unicamp. Novamente a amizade foi um dos suportes que me apoiaram na nova etapa que iniciara, casa nova, cidade nova, e amigos novos, os quais se tornaram a minha segunda família, já que a minha estava tão longe. Agradeço aos amigos que fiz aqui no IEL, Aquiles e Fábio, as duas pessoas que mais me ajudaram nos momentos difíceis, como a saudade de casa, as dúvidas das disciplinas, a falta de grana, as aulas de inglês, os almoços no *Oggi*, entre outras coisas; Aline, Rita, Adriana, Larissa, Renato, entre outros, que de algum modo participaram dessa nova fase.

Além dos amigos que fiz no IEL, sou imensamente grata à minha família de Campinas: tia Laide, Carla, tio Ari, Aline, Júlia, Emerson; turma da casa das bonecas, Natália, minha colega de quarto e confidente, Cíntia, minha irmã de Curitiba e nossos papilis Tia Vanda e Tio Valdemar; Vanessa, nossa mineirinha ‘arretada’; Karen, japinha mais linda; Giovana, pessoinha muito especial; Camilis, e para sempre com o Glauber; Julis Costa, Javã, Mateus, Thiago, Héber, Juliana Leite, Stella, Fabrizio, Juliana GO, amiga de

IEL e irmãzinha na casa das bonecas, Tércio, Patrick, Gustavo, amigos com os quais convivo e sempre espero conviver.

Não posso esquecer de agradecer o carinho e atenção dos meus amigos de trabalho da escola Jornalista Roberto Marinho, professores, direção e funcionários, especialmente Yacy, minha mãe diretora, Manoel, Genny, Meire, Mariana, Adriana, os quais me suportaram reclamar do cansaço de acumular uma dupla função, professora da rede pública e pesquisadora.

Agradeço especialmente à Bernadete Abaurre, pela orientação desse trabalho e pelas discussões do mesmo; à Flaviane Fernandes, minha amiga de discussões teóricas e diversas orientações na vida acadêmica, profissional e pessoal; à Filomena Sândalo e Charlotte Galves, agradeço a leitura e discussão de meu trabalho no exame de qualificação, e novamente agradeço a elas e a Luís Carlos Schwindt pela participação na banca de defesa. Agradeço também a Leda Bisol, Elisa Battisti, Luciene Brisolara pelas contribuições com textos, e a Marina Vigário, pelas discussões e observações desde o projeto até ao desenvolvimento dessa dissertação.

Agradeço também as minhas informantes Juliana, Giovana, Carolina, Tábita e Vanessa, as quais contribuíram na gravação do *corpus* de pesquisa, além dos funcionários dos IEL que me ajudaram tão cuidadosamente, Carlos do setor de audiovisuais, Wilson, Carlos que antes era da secretaria de pós-graduação, Cláudio, Rose, e todos os funcionários do departamento e biblioteca que sempre me auxiliaram com muita dedicação e atenção.

Sou grata à FAPESP, por ter me concedido uma bolsa de pesquisa para o desenvolvimento do projeto, a qual, pelo fato de estar trabalhando no serviço público, não pude usufruir.

E enfim, agradeço a todos pelo carinho, atenção, otimismo, confiança, contribuição, amor, amizade, e a todos aqueles que passaram pela minha vida, e que de algum modo, contribuíram diretamente e indiretamente com a realização desse trabalho, principalmente a Deus, pois sem ele, nada disso seria possível.

EPÍGRAFE

O Lutador

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
[...]

Insisto, solerte.
Busco persuadi-las.
Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade.
Guardarei sigilo
de nosso comércio.
Na voz, nenhum travo
de zanga ou desgosto.
Sem me ouvir deslizam,
perpassam levíssimas
e viram-me o rosto.
Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue
Entretanto, luto.

Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafia,
aceito o combate.
[...]

Luto corpo a corpo,
luto todo o tempo,
sem maior proveito
que o da caça ao vento.
[...]

Iludo-me às vezes,
pressinto que a entrega
se consumará.
Já vejo palavras
em coro submisso,
esta me ofertando
seu velho calor,
outra sua glória
feita de mistério,
outra seu desdém,
outra seu ciúme,
e um sapiente amor
me ensina a fruir
de cada palavra
a essência captada,
o sutil queixume.
[...]

O ciclo do dia
ora se consuma
e o inútil duelo
jamais se resolve.
[...]

**‘Poesia Contemplada’ Carlos
Drummond de Andrade**

RESUMO

Nas línguas, há vários elementos que são difíceis de classificar, principalmente no que se refere ao seu estatuto prosódico, e as palavras funcionais são um desses elementos, pois enquanto as palavras lexicais são sempre Palavras Prosódicas, já formadas no componente lexical, recebendo acento lexical, as palavras funcionais exibem um padrão variável entre as línguas, podendo se apresentar como clíticas ou como Palavras Prosódicas (cf. Selkirk 1984, 1995; Inkelas & Zec 1993, Peperkamp 1997; Zec 2005, Bisol 2005, entre outros). No caso do Português Brasileiro, não parece ser diferente, pois as palavras funcionais monossilábicas não formam um pé na maioria dos casos, não recebendo acento primário. Entretanto há palavras funcionais dissilábicas e até trissilábicas que preenchem essa condição e, portanto recebem acento primário.

Segundo Selkirk (1995), as palavras funcionais do inglês podem ser prosodizadas como palavras prosódicas independentes em três situações: (i) pronunciadas isoladamente; (ii) em posição final de sintagma; e (iii) estão focalizadas, pois recebem *pitch accent* nesses casos. Para Vigário (1999), no Português Europeu, somente os complementizadores podem ser Palavras Prosódicas independentes, quando em posição final de sintagma entoacional, pois recebem a proeminência desse domínio. Nos demais casos, as palavras funcionais serão formas ‘fracas’, portanto, clíticas.

Este trabalho propõe investigar as diferentes prosodizações das palavras funcionais (preposições, artigos, conjunções e pronomes clíticos) e o modo como são integradas à estrutura prosódica do PB, em um *corpus* de fala experimental, considerando a hipótese de que dependendo da posição em *I* e do contexto discursivo, podem ser prosodizadas como clítico, ou como Palavra Prosódica independente, formando, no caso de serem clíticos, o Grupo de Palavra Prosódica, de acordo com a proposta de Vigário (2007). Esse trabalho tem o objetivo maior de contribuir com os estudos do domínio da Palavra Prosódica no PB.

PALAVRAS-CHAVE: Fonética – Fonologia; Análise Prosódica; Gramática Comparada e Geral – Clíticos; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

In the language there are several elements that are difficult to organize, mainly to make reference to prosodic status, and the functional words are one of these elements, because while the lexical words are always Prosodic Word, they have already been formed in the lexical component, as they receive lexical stress the functional words show a variable standard between the language, they can show many things as clitics or prosodic words(cf. Selkirk 1984, 1995; Inkelas & Zec 1993, Peperkamp 1997; Zec 2005, Bisol 2005, between others). In the case of Brazilian Portuguese, it doesn't seem be different, because the monosyllabic words don't constitute a foot in the majority of the cases and they don't receive primary stress. However there are disyllabics functional words and trisyllabics words that fill this condition, so they receive primary stress.

According to Selkirk (1995) the functional words in English can be prosodized like independent prosodic words in three situations: (i) they are pronounced isolately; (ii) they are in the ending of the phrase; and (iii) they are focalized, because they receive pitch accent in these cases. According Vigário (1999) in European Portuguese, only the complementizers can be prosodic words, when they are in the ending of the intonational phrase, because they receive a prominence of these domain. In both languages, in the other cases, the functional words will be 'weak' forms, so clitics.

This paper proposes investigate the different prosodizations of the functional words (prepositions, articles, conjunctions and clitics pronouns) and the way like are integrated to the prosodic structure of BP, in particular in the spoken variety at a Campinas' s region in a corpus of experimental speech considering the hypothesis that depending of the position in intonational phrase, they can be prosodized like Clitics, or like Independent Prosodic Words. If they are clitics, they will form with the host the Minimal Prosodic Word proposed by Vigário (2007). This paper has the mayor goal to contribute with the studies to domain Prosodic Word in BP.

Key-words: Phonetics – Phonology; Prosodic Analysis; Comparative and General Grammar – Clitics; Portuguese Language.

LISTAS DE TABELAS E FIGURAS

CAPÍTULO 3

QUADRO 1: Palavras funcionais investigadas.....	42
FIGURA 1: Artigo ‘um’ produzido entre pausas em contexto de focalização.....	47

CAPÍTULO 4

QUADRO 2: Palavras funcionais investigadas.....	51
TABELA 1: Duração em contexto neutro (início, meio e fim de <i>I</i>) e em contexto de focalização.....	54
FIGURA 2: Preposição ‘na’ em posição final e medial de <i>I</i> em contexto neutro.....	55
FIGURA 3: Preposição ‘a’ em posição final e inicial de <i>I</i> em contexto neutro.....	56
FIGURA 4: Preposição ‘de’ em posição medial de <i>I</i> em contexto de focalização.....	57
FIGURA 5: Preposição ‘de’ em posição final e medial de <i>I</i> em contexto de neutro.....	57
FIGURA 6: Preposição ‘de’ produzida entre pausas em contexto de focalização.....	58
TABELA 2: Evento tonal em posição inicial de <i>I</i> em contexto neutro.....	60
FIGURA 7: Artigo ‘a’ em posição inicial de <i>I</i> em contexto neutro.....	61
FIGURA 8: Artigo ‘a’ em posição inicial de <i>I</i> em contexto neutro.....	61
FIGURA 9: Preposição ‘sem’ em posição medial de <i>I</i> em contexto neutro.....	63
FIGURA 10: Preposição ‘sob’ em posição medial de <i>I</i> em contexto neutro.....	63
TABELA 3: Evento tonal em posição final de <i>I</i> em contexto de focalização.....	64
FIGURA 11: Preposição ‘com’ em posição final de <i>I</i> em contexto neutro.....	65
FIGURA 12: Preposição ‘para’ em posição final de <i>I</i> em contexto neutro.....	65
TABELA 4: Evento tonal em contexto de focalização.....	67
FIGURA 13: Pronome ‘nos’ em posição medial de <i>I</i> em contexto de focalização	68
FIGURA 14: Preposição ‘para’ em posição medial de <i>I</i> em contexto neutro.....	73
TABELA 5: Redução da vogal e posições em <i>I</i> em contexto neutro.....	74

TABELA 6: Redução da vogal em contexto de focalização.....	81
FIGURA 15: Pronome ‘me’ em posição medial de <i>I</i> contexto de focalização com vogal reduzida.....	80
FIGURA 16: Artigo ‘a’ em contexto de focalização produzido entre pausas.....	81
TABELA 7: DG e posições em <i>I</i> em contexto neutro.....	84
FIGURA 17: DG entre a conjunção ‘porque’ em posição medial de <i>I</i> em contexto neutro e a vogal seguinte.....	86
TABELA 8: DG e contexto de focalização.....	87
TABELA 9: DT e posições em <i>I</i> em contexto de neutro.....	89
FIGURA 18: DT entre a preposição ‘de’ em posição medial e final em contexto neutro.....	93
TABELA 10: DT em contexto de focalização.....	93
TABELA 11: EL e posições em <i>I</i> em contexto neutro.....	96
TABELA 12: EL em contexto de focalização.....	97
TABELA 13: Vozeamento da fricativa e posições em <i>I</i> em contexto de neutro.....	99
FIGURA 19: Vozeamento em posição inicial e final de <i>I</i> em contexto neutro.....	100
TABELA 14: Vozeamento em contexto de focalização.....	100
FIGURA 20: Vozeamento da fricativa na conjunção ‘mas’ em posição inicial de <i>I</i> em contexto de focalização.....	101
TABELA 15: <i>Tapping</i> e posições em <i>I</i> em contexto de neutro.....	103
FIGURA 21: <i>Tapping</i> na preposição ‘por’ em posição medial de <i>I</i> em contexto neutro.....	103
TABELA 16: <i>Tapping</i> em contexto de focalização.....	104
FIGURA 22: Artigo ‘um’ produzido entre pausas em contexto de focalização.....	107
FIGURA 23: Preposição ‘para’ em posição inicial de <i>I</i> em contexto neutro.....	109

CAPÍTULO 5

FIGURA 24: (a) Adjunção de proclíticos a palavra seguinte e (b) Incorporação de enclíticos a palavra precedente no PE, segundo proposta de Vigário 2003.....	127
FIGURA 25: Conjunção ‘nem’ em posição final de <i>I</i> em contexto de neutro.....	130

FIGURA 26: Estrutura prosódica denominada Grupo de Palavra Prosódica, nos termos de Vigário (2003), formada por uma palavra funcional clítica mais uma palavra lexical que funciona como hospedeiro.....	133
FIGURA 27: Estrutura Prosódica formada pela palavra funcional prosodizada como Palavra Prosódica em contexto de focalização.....	13

ABREVIACÕES E SÍMBOLOS UTILIZADOS

SÍMBOLOS UTILIZADOS

σ	Sílaba
Σ	Pé
ω / PW	Palavra Prosódica
ϕ /PPh	Sintagma Fonológico
I/ IP	Sintagma Entoacional
U/ Utt	Enunciado Fonológico
W	Palavra Morfológica
L	Tom Baixo
H	Tom Alto
*	Acento Tonal
L+H/LH/H+L/HL	Evento Bitonal

ABREVIATURAS

CPL	Complementizador
GPW	Grupo de Palavra Prosódica
PWmax	Palavra Prosódica Máxima
PWmin	Palavra Prosódica Mínima
Caixa Alta	Acento De Palavra
PE	Português Europeu
PB	Português Brasileiro
DG	Degeminação
DT	Ditongação
EL	Elisão
Lex	Palavra Lexical
Func	Palavra Funcional
Voz	Vozeamento

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
2. REFERENCIAL TEÓRICO	
2.0. Introdução.....	07
2.1. Teorias da Fonologia Prosódica.....	07
2.1.1. Nespor & Vogel (1986).....	07
2.1.2. Selkirk (1984, 1986).....	09
2.2. A Palavra Prosódica e o Grupo Clítico.....	11
2.2.1. O domínio da Palavra Prosódica.....	11
2.2.2. O Grupo Clítico.....	17
2.3. A prosodização de palavras.....	19
2.3.1. Diagnóstico para a Palavra Prosódica.....	19
2.3.2. A prosodização dos Clíticos.....	22
2.4. A prosodização das palavras funcionais na literatura.....	23
2.4.1. Selkirk (1995).....	23
2.4.2. Vigário (1999).....	26
2.5. O estatuto prosódico dos clíticos no PB.....	30
2.5.1. Bisol (2000, 2005).....	30
2.5.2. Brisolara (2004), (2008).....	34
2.6. Considerações finais.....	37
3. METODOLOGIA	
3.0. Introdução.....	39
3.1. O experimento.....	39
3.2. O <i>Corpus</i> e as variáveis analisadas.....	41
3.3. Forma de análise dos dados.....	46
3.4. Considerações finais.....	48
4. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	
4.0. Introdução.....	49
4.1. Descrição dos dados.....	50
4.1.1. Correlatos acústicos do acento.....	51

4.1.1.1. A duração das palavras funcionais em contexto neutro e em contexto de foco.....	52
4.1.1.2. Descrição dos eventos tonais.....	59
4.1.2. Processos fonológicos.....	69
4.1.2.1. Redução da vogal: neutralização das átonas.....	70
4.1.2.2. Sândi vocálico.....	82
4.1.2.2.1. Degeminação.....	83
4.1.2.2.2. Ditongação.....	88
4.1.2.2.3. Elisão.....	94
4.1.2.3. Vozeamento da fricativa.....	98
4.1.2.4. <i>Tapping</i>	102
4.2. Discussão dos resultados.....	104
4.3. Considerações finais.....	113
5. O ESTATUTO PROSÓDICO DAS PALAVRAS FUNCIONAIS NO PB	
5.0.Introdução.....	117
5.1. O comportamento prosódico das palavras funcionais no PB.....	118
5.2. Evidências da inserção pós-lexical das palavras funcionais na estrutura prosódica.....	122
5.3. Uma proposta para a estrutura prosódica das palavras funcionais no PB	126
5.4. Considerações finais.....	134
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	141
ANEXOS.....	147
1. Sentenças do <i>corpus</i> experimental.....	148

1. INTRODUÇÃO

Nas línguas em geral, há vários elementos que são difíceis de classificar, principalmente no que se refere ao seu estatuto prosódico, e as palavras funcionais são um desses elementos, pois enquanto as palavras lexicais são sempre Palavras Prosódicas independentes, já formadas no componente lexical, dado que recebem acento lexical, as palavras funcionais exibem um padrão variável entre as línguas, podendo se apresentar como clíticas ou como Palavras Prosódicas (cf. Selkirk 1984, 1995; Inkelas & Zec 1993, Peperkamp 1997; Zec 2005, Bisol 2005, entre outros).

No caso do Português Brasileiro (doravante PB), não parece ser diferente, pois as palavras funcionais monossilábicas não formam um pé¹, não recebendo acento primário, logo, não são prosodizadas como Palavras Prosódicas. Entretanto há palavras funcionais dissilábicas e até trissilábicas que preenchem essa condição e, portanto recebem acento primário, sendo prosodizadas como Palavras Prosódicas. Apesar das palavras funcionais dissilábicas formarem um pé e receberem acento lexical, veremos no decorrer deste trabalho que algumas se tornam facilmente cliticizáveis, como por exemplo, a preposição ‘*para*’ e a conjunção ‘*porque*’ por sofrerem processos de redução vocálica na sílaba candidata a receber acento primário.

Segundo Cook & Newson (1996, p. 187)², as palavras lexicais são definidas como núcleos de classes abertas; fonologicamente independentes; potencialmente acentuadas; têm um ou mais complementos; complemento separável; conteúdo descritivo, ligadas ao mundo ‘real’; não têm traços gramaticais; e não são ligadas a parâmetros. No PB, adjetivos, verbos e substantivos pertencem à classe aberta ou categoria lexical.

Para Mioto et al (2004), uma classe lexical caracteriza-se por ter um número indefinido de membros no dicionário mental e por permitir a criação pelos falantes de novas expressões. Isso significa que novos adjetivos, verbos e substantivos podem ser

¹ É importante ressaltar que há exceções, pois algumas palavras funcionais monossilábicas são consideradas como tônicas, como por exemplo, os pronomes pessoais do caso reto, ‘*eu, tu, ele (a), nós, vós, eles (a)*’.

² O trecho original de Cook & Newson (1996): palavras lexicais são “*open class of heads; phonologically independent; potentially stressed; have one or more complements; separable complement; descriptive content, linked to ‘real’ world; do not have grammatical features; not linked to parameters*” (p. 187).

criados livremente pelos falantes, a partir de um item lexical já existente na língua, como os neologismos³ e as palavras derivadas⁴, além de ser sempre prosodizada como Palavra Prosódica, pois forma um pé e recebe acento primário no componente lexical.

Ao contrário das palavras lexicais, as palavras funcionais⁵, segundo Cook & Newson (1996, p. 187), são definidas como núcleos de classes fechadas; fonologicamente dependentes; normalmente não acentuadas; têm um único complemento, não tem um argumento e o complemento é inseparável; não têm ‘conteúdo descritível’; têm traços gramaticais; ligadas a parâmetros.

De acordo com Miotto et al (2004), as preposições, os artigos, as conjunções, e os pronomes pertencem à classe fechada ou categoria funcional, pois não derivam de um radical que pode originar outra categoria como o verbo, substantivo e adjetivo, ou seja, não permitem a criação de novos termos pelos falantes.

Isso quer dizer que as palavras da categoria funcional não formam novas palavras na língua, além do que, algumas delas, no caso as palavras monossilábicas, nem sempre formam um pé e recebem acento primário no componente lexical, como é o caso das preposições monossilábicas, dos artigos definidos, dos pronomes pessoais átonos (caso oblíquo) e algumas conjunções monossilábicas. Há ainda, como dito anteriormente algumas palavras funcionais dissilábicas que sofrem algum processo fonológico característico de sílabas átonas, o qual as torna facilmente cliticizável, pois a ocorrência do processo é evidência de que tal sílaba não porta acento lexical.

As considerações de Cook & Newson (1996) e Miotto et al (2004) se remetem aos aspectos sintáticos e morfológicos tanto das palavras lexicais quanto das palavras funcionais do PB. Quanto ao estatuto prosódico, podemos afirmar que as palavras lexicais são sempre prosodizadas como Palavras Prosódicas, pois formam um pé e recebem acento primário, requisito mínimo para a formação de uma Palavra Prosódica segundo Nespor & Vogel (1986).

³ Um exemplo de neologismo criado a partir do verbo ‘complicar’ é outro verbo ‘complicabilizar’. No texto ‘Complicabilizando, de Ricardo Freire’, publicado na Revista Época em 25 de setembro de 2003, todos os verbos são criados a partir da derivação de um verbo na sua forma infinitiva, mais o sufixo ‘ilizar’.

⁴ Um exemplo semelhante de formação de palavra derivada no português é o verbo ‘hospitalizar’ criado a partir do substantivo ‘hospital’.

⁵ Trecho original de Cook & Newson (1996): palavras funcionais são “*closed class of heads; dependent phonologically; usually unstressed; have a single complement, not an argument; inseparable complement; no 'descriptive content', not linked to 'real' world; have grammatical features; linked to parameters*” (p. 187).

Considerando que as palavras funcionais monossilábicas do PB são palavras átonas, esperamos que sejam prosodizadas como clíticos prosódicos, enquanto que as palavras dissilábicas e trissilábicas por formarem um pé e receberem acento lexical, sejam prosodizadas como Palavra Prosódica, se caso não sofrerem processos fonológicos característicos de sílabas átonas.

Diante dessas considerações, o nosso objetivo é investigar o estatuto prosódico das palavras funcionais do PB, como clíticos ou como Palavras Prosódicas, e o modo como são integradas à estrutura prosódica, ou seja, qual o domínio prosódico do qual fazem parte. Para alcançar tal objetivo, partimos da hipótese de que, dependendo da posição dentro do sintagma entoacional (*I*) e do contexto discursivo (neutro e focalização), elas podem ser prosodizadas de diferentes modos, como clítico ou como Palavra Prosódica. Nossa hipótese parte das afirmações feitas por Selkirk (1995) para o inglês, e Vigário (1999 e 2003) para o PE.

Segundo Selkirk (1995), as diferenças prosódicas da categoria funcional são analisadas por uma série de restrições ranqueadas, ou seja, diferentes prosodizações dos elementos funcionais vêm de diferenças nas propriedades morfossintáticas e no ranqueamento de restrições específicas de cada língua. Para a autora, as palavras funcionais podem ser prosodizadas como Palavras Prosódicas independentes em três situações: (i) pronunciadas isoladamente; (ii) em posição final de sintagma; e (iii) estão focalizadas, pois recebem acento tonal (*pitch accent*) nesse contexto. Nos demais casos, elas serão formas ‘fracas’, portanto, clíticos.

Em Vigário (1999), somente complementizadores podem ser prosodizados como Palavras Prosódicas independentes em posição final de *I* em contexto neutro. Vigário (2003) também afirma que algumas palavras lexicalmente inertes podem formar Palavras Prosódicas independentes quando sozinhas formam um *I*, sendo o núcleo desse domínio (p. 195).

No que se refere ao estatuto prosódico das palavras funcionais no PB, Bisol (2005, p. 164) afirma que “os clíticos são palavras funcionais que não pertencem a uma classe morfológica específica”. A autora ressalta que, devido ao seu caráter átono, os clíticos se apóiam no acento de uma palavra vizinha, e raramente se tornam o núcleo de um domínio fonológico, exceto nos casos em que, por razões métricas motivadas por *I*, o clítico recebe o acento principal de *I*. Nesse caso, as palavras funcionais clíticas são

integradas na estrutura prosódica do PB junto a uma Palavra Prosódica pronta, formando um constituinte prosódico, o Grupo Clítico ou Palavra Prosódica Pós-lexical.

Com relação ao estatuto prosódico dos clíticos, Brisolara (2008) também argumenta que os clíticos vão se adjungir a um hospedeiro no nível pós-lexical e formar uma estrutura recursiva.

Embora haja algumas discussões sobre os clíticos no PB, até o momento não encontramos trabalhos que tratem sistematicamente do comportamento prosódico das palavras funcionais a partir da análise de dados empíricos.

Partindo do princípio de que as palavras funcionais monossilábicas do PB são clíticos, e que as palavras dissilábicas e trissilábicas são Palavras Prosódicas (por serem lexicalmente acentuadas), exceto as que demonstram ser cliticizáveis, o presente trabalho propõe também, além de definir o estatuto prosódico de tais palavras funcionais, considerando as posições em *I* e o contexto discursivo, discutir em que nível da hierarquia prosódica as palavras funcionais vão ser integradas à estrutura prosódica (Grupo Clítico, Palavra Prosódica ou Sintagma Fonológico).

Para analisar essas questões, optamos por trabalhar com um *corpus* experimental a fim de obter dados controlados para que não houvesse uma distorção dos resultados ao observar as variáveis selecionadas. A variedade de português a ser analisada é a falada na região de Campinas-SP.

Nossa análise observará as seguintes variáveis: (i) o contexto discursivo (neutro e de focalização); (ii) posição da palavra funcional dentro de *I* (início, meio ou fim); (iii) a constituição particular (formação de pés) para a atribuição de acento primário; (iv) os correlatos acústicos do acento; e (v) a ocorrência de processos fonológicos que atingem as palavras funcionais.

A análise do contexto discursivo, neutro e foco, e da posição em *I* são relevantes, pois, segundo Selkirk (1995), as palavras funcionais sob focalização e em posição final de *I* são prosodizadas como Palavra Prosódica.

As evidências consideradas para que a palavra funcional seja uma Palavra Prosódica ao considerar o contexto discursivo e posição dentro de *I* serão a atribuição de (i) acento prosódico lexical quando há a formação de pés e (ii) acento pós-lexical (de foco ou de proeminência principal de ϕ ou *I*); a ocorrência de processos fonológicos

característicos de sílabas átonas; e o bloqueio de processos fonológicos como o sândi vocálico devido ao fato de portar acento lexical ou prosódico.

Com relação ao acento, para verificar se determinada palavra funcional é portadora de acento lexical ou pós-lexical, analisaremos algumas evidências acústicas, tal como a duração e a atribuição de evento tonal LHL, evento tonal característico de sílabas tônicas de palavra lexicais, pois somente palavras acentuadas recebem acento tonal (cf. Selkirk 1995 e Vigário 1999).

Além de ser uma pista importante para a prosodização das palavras funcionais, o acento também bloqueia a ocorrência de alguns processos fonológicos, como a regra de redução da vogal, a qual só ocorre em vogais átonas, e os processos de sândi externo tal como degeminação (DG), ditongação (DT) e elisão (EL). O acento e os processos fonológicos também podem fornecer pistas sobre o nível em que a integração prosódica das palavras funcionais ocorre: lexical ou pós-lexical.

É importante destacar que as palavras funcionais prosodizadas como clíticos prosódicos precisam se apoiar em um hospedeiro acentuado, pois a principal característica dos clíticos é não portar acento primário. Assim será necessário discutirmos a qual domínio da hierarquia prosódica o clítico se une para ser prosodizado.

Segundo Nespor & Vogel (1986), o clítico se une a Palavra Prosódica, e juntos formam o Grupo Clítico. Bisol (2005) afirma que o constituinte prosódico ao qual o clítico se une no PB é o Grupo Clítico ou a Palavra Prosódica pós-lexical. No entanto, segundo Selkirk (1984, 1986), Peperkamp (1997), Vigário (2003, 2007), Brisolara (2004, 2008), entre outros, esse constituinte não faz parte da hierarquia prosódica.

Com base nessas considerações, nos resultados e na análise das variáveis apontadas, faremos uma breve discussão sobre a existência do Grupo Clítico na hierarquia prosódica do PB, e o sobre o domínio ao qual os clíticos se unem para integrar a estrutura prosódica.

Para alcançarmos nossos objetivos baseamo-nos nas fundamentações teóricas propostas em Nespor & Vogel (1986) e Selkirk (1984, 1986), para a análise dos domínios prosódicos; e para a análise das palavras funcionais, Selkirk (1995) e Vigário (1999, 2003), entre outros.

Assim, esse trabalho está organizado da forma que se segue.

No capítulo 2, apresentamos o arcabouço teórico revisado, tal como (i) as teorias prosódicas de Nespor & Vogel (1986) e Selkirk (1984, 1986); (ii) os algoritmos de construção da Palavra Prosódica (Nespor & Vogel 1986; Selkirk 1984, 1986; Vigário 2003); (iii) alguns trabalhos sobre a Palavra Prosódica no PB (Bisol 2004; Leiria 2000); (iv) uma breve discussão sobre o Grupo Clítico; (v) propostas de prosodização das palavras funcionais na literatura (Selkirk 1995; Vigário 1999); (vi) estudos já realizados sobre os clíticos do PB (Bisol 2000, 2005; Brisolara 2004, 2008).

No capítulo 3, apresentamos a metodologia de trabalho a ser seguida, como por exemplo, experimento realizado, o *corpus* elaborado para a pesquisa, as variáveis analisadas, e por fim, a forma de análise dos dados.

No capítulo 4, apresentamos a descrição e discussão dos resultados, enfocando a análise dos correlatos acústicos do acento (duração e evento tonal) e da ocorrência de processos fonológicos (redução da vogal, sândi vocálico, etc).

No capítulo 5, apresentamos (i) o comportamento prosódico das palavras funcionais do PB; (ii) evidências da inserção pós-lexical das palavras funcionais; (iii) uma proposta de prosodização das palavras funcionais no PB.

Por fim, no capítulo 6, apresentamos nossas considerações finais sobre o estatuto prosódico das palavras funcionais, e possíveis desdobramentos futuros de nossa pesquisa.

Além de alcançar os objetivos propostos e investigar as questões levantadas, buscaremos, com a realização deste trabalho, trazer contribuições para o estudo da ‘Palavra Prosódica’ no PB, levando em conta quais fenômenos se referem a esse domínio.

2. ARCABOUÇO TEÓRICO

2.0. Introdução

O objetivo desta dissertação é investigar o estatuto prosódico das palavras funcionais no PB e o modo como são integradas à estrutura prosódica, considerando a hipótese de que, dependendo da posição em *I* e do contexto discursivo, as palavras funcionais podem ser prosodizadas como clíticos ou Palavras Prosódicas independentes.

Para sustentar a pesquisa aqui proposta, neste capítulo, apresentamos uma revisão teórica dos trabalhos fundamentais dentro do quadro da Fonologia Prosódica que auxiliaram na análise e reflexão das questões levantadas. Entre eles, apresentamos: na seção 2.1, as teorias prosódicas propostas por Nespor & Vogel (1986) e Selkirk (1984, 1986). Na seção 2.2., apresentamos uma revisão de trabalhos que tratam da Palavra Prosódica (2.2.1.) e do Grupo Clítico (2.2.2.). Na seção 2.3., apresentamos a prosodização de palavras, como os diagnósticos para a identificação de Palavras Prosódicas (2.3.1.) e de clíticos (2.3.2.). Na seção 2.4, apresentamos trabalhos que dizem respeito à prosodização de palavras funcionais nas línguas, tais como Selkirk (1995) para o inglês e Vigário (1999) para o PE. Na seção 2.5, revisamos os trabalhos já realizados no PB sobre o estatuto prosódico dos clíticos, Bisol (2000, 2005), e Brisolara (2004, 2008). Na seção 2.6, apresentamos nossas considerações finais sobre o capítulo.

2.1. Teorias da Fonologia Prosódica

As teorias prosódicas aqui revisadas são as desenvolvidas por Nespor & Vogel (1986) e por Selkirk (1984, 1986), as quais estudam a estrutura prosódica e o seu funcionamento nas línguas, propondo os constituintes prosódicos, os quais servem de domínio para a aplicação de regras fonológicas específicas. Tais teorias fazem o mapeamento entre a sintaxe e a fonologia. A seguir apresentamos as propostas mencionadas.

2.1.1. Nespor & Vogel (1986)

A teoria prosódica, proposta por Nespor & Vogel, é conhecida como *relation based*, por basear-se em diversos tipos de relações entre os constituintes sintáticos, e é a que aborda, como questão central, a interação entre a fonologia e o resto da gramática. A relação sintaxe-fonologia é definida a partir do mapeamento sintático-fonológico, o qual fornece uma representação prosódica, sendo que o *output* do componente sintático constitui o *input* do componente fonológico, com a possível intervenção de regras fonológicas. É importante acrescentar que a estrutura fonológica não é isomórfica à estrutura sintática.

De acordo com a teoria dessas autoras, a representação mental da fala é dividida em constituintes arranjados hierarquicamente, os quais são os constituintes prosódicos da gramática e que estão dispostos hierarquicamente como o indicado abaixo:

(1)

U → Enunciado fonológico (*Phonological Utterance*)
 I → Sintagma entoacional (*Intonational Phrase*)
 ϕ → Sintagma fonológico (*Phonological Phrase*)
 C → Grupo Clítico (*Clitic Group*)
 ω → Palavra fonológica (*Phonological Word*)
 Σ → Pé (*Foot*)
 σ → Sílabas (*Syllable*)

Os constituintes apresentados em (1) são regulados por princípios da hierarquia prosódica para satisfazer a *Strict Layer Hypothesis* (SLH), tais como:

- (2) Princípio 1: uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica, X^p , é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, X^{p-1} .
 Princípio 2: uma unidade de um dado nível da hierarquia é exhaustivamente contida em uma unidade de um nível superior da qual ela é uma parte.
 Princípio 3: as estruturas hierárquicas da fonologia prosódica são de ramificação n-árias.
 Princípio 4: a proeminência relativa definida para os nós irmãos é tal que a um nó é marcado o valor ‘forte(s)’ e a todos os outros nós é marcado o valor ‘fraco(w)’⁶.

⁶ Trecho original de Nespor & Vogel (1986): Principle 1. A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X^p , is composed of one or more units of the immediately lower category, X^{p-1} .
 Principle 2. A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.
 Principle 3. The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching.
 Principle 4. The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all the other node are assigned the value weak (w). (cf. Nespor & Vogel, 1986: 7)

Tais princípios são caracterizados por uma configuração geométrica, que é a mesma para a construção de cada constituinte da hierarquia prosódica. A seguir apresentamos os princípios de formulação da configuração geométrica referida (3)⁷.

- (3) Construção do constituinte prosódico: junte em um X^p de ramificação n-ária todos os X^{p-1} incluídos em uma sequência delimitada pela definição do domínio de X^p .

Com base na regra acima apresentada, as autoras dão também as regras de construção de cada um dos constituintes da hierarquia prosódica apresentados em (1). Ainda na regra em (3), X^p representa um constituinte qualquer da hierarquia (pé, palavra fonológica, grupo clítico, sintagma fonológico, sintagma entoacional, ou enunciado fonológico), e X^{p-1} representa o constituinte imediatamente inferior a X^p . Tais constituintes criam-se por meio da relação forte/fraco ou vice-versa, que se estabelece entre uma cabeça lexical.

Para as autoras, a menor unidade da hierarquia é a sílaba, mas isso não quer dizer que a sílaba não é divisível em unidades menores, no entanto os segmentos que compõem a sílaba, tais como *onsets* (ataques) e rimas, não servem como domínio de aplicação de regras, e por isso, não são considerados pelas autoras como constituintes da hierarquia.

2.1.2. Selkirk (1984, 1986)

A teoria proposta por Selkirk é conhecida por *end-based*, por ser baseada em bordas demarcadas da direita à esquerda de determinados constituintes sintáticos, e consiste em categorias prosódicas de diferentes tipos, as quais são organizadas hierarquicamente, assim como proposto também por Nespor & Vogel (1986). De acordo com a teoria proposta pela autora, em algumas línguas, as categorias prosódicas são organizadas na seguinte hierarquia prosódica (Selkirk 1978):

- (4) Utt (*Utterance*) → Enunciado
 IP (*Intonational Phrase*) → Sintagma Entoacional

⁷ Trecho original de Nespor & Vogel (1986): Join into an n-ary branching X^p all X^{p-1} included in a string delimited by the definition of the domain of X^p . (cf. Nespor & Vogel, 1986: 7)

PPh (*Phonological Phrase*) → Sintagma Fonológico
 PWd (*Prosodical Word*) → Palavra Prosódica
 Ft (*Foot*) → Pé
 σ (*Syllable*) → Sílabas

Cada uma dessas unidades apresenta estrutura interna organizada hierarquicamente e serve como domínio de aplicação de regras fonológicas, e os fenômenos fonéticos e fonológicos que ocorrem são definidos em termos de unidades da estrutura prosódica, não da estrutura morfossintática.

Em termos dessa hierarquia proposta em (4), Selkirk (1986) define certas restrições fundamentais na estrutura prosódica, que estão apresentadas em (5).

- (5) Restrições na dominância prosódica (onde C^n = alguma categoria prosódica)⁸
- (i) Camada: nenhum nível C^i domina um C^j , $j > i$.
Exemplo: 'Nenhum σ domina um Ft'.
 - (ii) Núcleo: algum C^i deve dominar C^{j-i} , exceto se $C^j = \sigma$.
Exemplo: 'Uma PW imediatamente domina uma σ '.
 - (iii) Exaustividade: nenhum C^i imediatamente domina um C^j , pois $j < i-1$.
Exemplo: 'Nenhuma PW imediatamente domina uma σ '.
 - (iv) Não recursividade: nenhum C^i domina C^j , pois $j = i$.
Exemplo: 'Nenhum Ft domina um Ft'.

Trabalhando com a relação de fronteiras, Selkirk (1986) afirma que a relação entre estrutura sintática e estrutura prosódica é capturada pelas restrições de alinhamento de fronteiras de constituintes. Para a autora, a relação entre a estrutura prosódica e a estrutura sintática é para ser capturada por restrições no alinhamento das duas estruturas, as quais requerem que, para algum constituinte de categoria α na estrutura sintática, a sua fronteira direita (ou esquerda) coincida com a fronteira direita (ou esquerda) de um constituinte de categoria β na estrutura prosódica, ou seja, os domínios prosódicos são construídos com base nos limites dos constituintes sintáticos, no entanto, não são isomórficos a eles.

- (6) A teoria 'edge-based' da interface sintaxe-prosódia (Selkirk 1986 et seq.)⁹

⁸ Trecho original de Selkirk (1995): Constraints on prosodic domination (where C^n = some prosodic category). (i) Layeredness: No C^i dominates a C^j , $j > i$. e.g. "A σ dominates a Ft". (ii) Headness: Any C^i must dominate a C^{i-1} (except if $C^i = \sigma$). E.g. "A PW must dominate a Ft". (iii) Exhaustivity: No C^i immediately dominates a constituent C^j , $j < i-1$. e.g. "No PWd immediately dominates a σ ". (iv) Nonrecursivity: No C^i dominates C^j , $j = i$. e.g. "No Ft dominates a Ft" (cf. Selkirk 1995, p. 443).

Fronteira direita/esquerda de $\alpha = = = >$ fronteira de β α é uma categoria sintática, β é uma categoria prosódica.

Selkirk ressalta que as restrições de alinhamento das fronteiras dos constituintes têm mostrado caracterizar a influência da estrutura do sintagma sentencial na estrutura prosódica em um amplo número de línguas. Assim, a autora fundamenta sua proposta teórica, justificando a relevância da delimitação dos domínios prosódicos com base nas restrições de alinhamento.

Apresentada as noções gerais da construção de domínios prosódicos segundo a perspectiva de duas teorias, enfocamos na seção seguinte a construção de dois domínios prosódicos, a Palavra Prosódica e o Grupo Clítico.

2.2. A Palavra Prosódica e o Grupo Clítico

Como um de nossos objetivos é discutir o estatuto prosódico das palavras funcionais no PB, como clíticos ou Palavras Prosódicas, é necessário revermos as propostas de construção do domínio prosódico da Palavra Prosódica e do Grupo Clítico de acordo com literatura. Para isso, apresentamos a seguir as propostas de Nespor & Vogel (1986), Selkirk (1984, 1986), e Vigário (2003), além de discussões já realizadas no PB por Leiria (2000) e Bisol (2004).

2.2.1. O domínio da Palavra Prosódica

De acordo com Nespor & Vogel (1986), a Palavra Prosódica¹⁰ é um dos menores constituintes da hierarquia, e é construída com base em regras de mapeamento que fazem uso de noções não fonológicas. Dentro do domínio de Palavra Prosódica, podem se reajustar as sílabas e os pés, quando necessário ou construí-los de acordo com os princípios universais e restrições específicas da língua.

Embora se tenha afirmado que não há isomorfismo entre a estrutura prosódica e a estrutura morfossintática, nota-se que, em algumas línguas, Palavra

⁹ Trecho original de Selkirk (1995): The edge-based theory of the syntax-prosody interface (Selkirk 1986 et seq.). Right/Left edge of $\alpha = = = >$ edge of β , α is a syntactic category, β is a prosodic category (cf. Selkirk 1995, p. 444).

¹⁰ Nespor & Vogel (1986) utilizam o termo *Palavra Fonológica* para referir-se a esse domínio prosódico.

Prosódica e unidade morfológica podem ser isomórficas, como por exemplo, no PB, [[casa]_W]_{PW}¹¹.

Como já fora mencionado pelas autoras, a Palavra Prosódica representa o mapeamento ente os componentes fonológicos e morfológicos da gramática, no entanto, as noções morfológicas usadas para discutir a formação de Palavra Prosódica não são as mesmas para todas as línguas, e, por isso, várias opções estão disponíveis para a definição desse constituinte. Por conta disso, as autoras reuniram todas as possibilidades já apresentadas e formularam a definição geral dada abaixo:

- (7) Domínio de Palavra Prosódica (ω)¹²
A. O domínio de ω é Q (Q = nó sintático terminal).
ou
B. I. O domínio de ω consiste de: (a) uma raiz; (b) algum elemento identificado por critérios morfológicos e/ou fonológicos; (c) algum elemento marcado com o diacrítico [+W].
II. Qualquer elemento solto dentro de Q faz parte da ω adjacente mais próxima da raiz. Se nenhuma palavra existir, eles formam uma ω por conta própria.

Apesar da definição em (7) permitir um número considerável de opções de formação de Palavra Prosódica, é previsto que não há línguas em que existam palavras maiores que o elemento terminal de uma árvore sintática, sendo igual ou menor que este.

A definição ainda prevê que não haverá mais que uma Palavra Prosódica em uma única raiz, e, em línguas nas quais a Palavra Prosódica inclui ambos membros de um composto, não haverá afixos ou seqüências de afixos que formam uma Palavra Prosódica independente. Tal definição ainda oferece a possibilidade de reagrupar elementos morfológicos de modo a confirmar a não isomorfia entre a estrutura prosódica e estrutura morfossintática. Uma vez definida a Palavra Prosódica, é possível processar sua construção como em (8):

(8) Construção de Palavra Prosódica¹³

¹¹ Os símbolos utilizados referem-se às iniciais das respectivas palavras em inglês. O primeiro 'W' é *Palavra Morfológica (Word)* e o segundo 'PW' *Palavra Prosódica (Prosodic Word)*.

¹² Trecho original (Nespor & Vogel, 1986, p. 141): ω domain. A. The domain of ω is Q. Or. B. I. The domain of ω consists of: a stem; b. any element identified by specific phonological and/or morphological criteria; c. any element marked with the diacritic [+W]. II. Any unattached elements within Q form part of the adjacent ω closest to the stem; if no such ω exists, they form a ω on their own.

Unir em ramificações n-árias toda Palavra Prosódica incluída dentro de uma seqüência delimitada pela definição do domínio de Palavra Prosódica.

Apesar de a regra de construção de Palavra Prosódica agrupar pés e Palavras Prosódicas, é claro que a estrutura fonológica abaixo do nível da Palavra Prosódica deve estar presente no momento em que são criadas. A sílaba de uma Palavra Prosódica deve estar unida a um pé n-ário ramificado pela regra geral de construção do constituinte prosódico, e, assim, por possuir apenas um elemento proeminente, não pode apresentar mais do que um acento primário. Uma Palavra Prosódica inclui um radical mais todos os afixos adjacentes, assim como os membros de compostos.

Diferentemente de Nespor & Vogel (1986), Selkirk (1986) propõe que o domínio da Palavra Prosódica é definido com base nas bordas de determinados constituintes sintáticos. O parâmetro $]_w$ seleciona as bordas direitas das palavras lexicais, agrupando juntamente a elas, palavras funcionais imediatamente adjacentes, neste caso, localizadas à esquerda da palavra lexical, pois as palavras funcionais são invisíveis para o mapeamento sintaxe-fonologia.

- (9) Estrutura sintática
(PFun) + (PLex)
Estrutura prosódica
[[PFunc[PLex] $]_{PW}]_{PW}$

Essa combinação de palavra funcional (clítico) mais palavra lexical (hospedeiro) constitui um caso em que a Palavra Prosódica extrapola os limites do nó sintático terminal (cf. Booij 1996). Para resolver essa questão Nespor & Vogel (1986) haviam proposto um constituinte que envolvesse esse tipo de seqüência, o Grupo Clítico. No entanto esse constituinte também tem sido discutido e questionado, e até mesmo excluído da hierarquia prosódica, como propõem Booij (1996), Perperkamp (1997) e Vigário (1999, 2003) ¹⁴.

De acordo com Vigário (2003), os clíticos tem sido alvo de muitas discussões e atraído grande atenção dos pesquisadores no que se refere à prosodização e o modo de integração na estrutura prosódica, principalmente por ser independente

¹³ Trecho original (Nespor & Vogel, 1986, p. 142): ω construction: Join into an n-ary branching ω all Σ included within a string delimited by the definition of the domain of ω .

¹⁴ Ver seção 2.2.2 sobre o constituinte Grupo Clítico.

morfologicamente e também pelo fato de possuir mobilidade na sentença. Entretanto, a principal característica prosódica dos clíticos é ser destituído de acento primário. Por esse motivo, o clítico precisa se unir a um item que corresponde a algum domínio prosódico para integrar-se estrutura prosódica.

Vigário (2003), ao investigar as propriedades fonológicas que definem a Palavra Prosódica no PE, propõe que algumas unidades morfossintáticas são agrupadas juntas para formar uma Palavra Prosódica Mínima, a qual é dotada de apenas um acento primário, e composta por estruturas incorporadas (palavras com sufixos ou hospedeiros mais enclíticos), ou estruturas adjungidas (palavras com prefixos ou hospedeiros mais proclíticos). A autora também propõe a construção de uma Palavra Prosódica Máxima ou Composta, a qual é formada por duas Palavras Prosódicas (caso das palavras compostas que não formam um sintagma fonológico), entretanto tem apenas um elemento proeminente que carrega a proeminência principal desse domínio.

As construções formadas por duas ou mais Palavras Prosódicas estão agrupadas em: (i) compostos morfossintáticos e algum composto sintático (palavra + palavra), como por exemplo¹⁵, ‘salto alto’ [[salto]_W[alto]_W]_{PWMAX}, ‘verde-água’ [[verde]_W[água]_W]_{PWMAX}; (ii) palavras derivadas com sufixos que constituem domínios de acento independentes de sua base, como ‘francamente’ [[franca]_W[mente]_W]_{PWMAX}; (iii) palavras derivadas com prefixos acentuados, como em ‘pré-estréia’ [[pré]_W[estréia]_W]_{PWMAX}; (iv) composto morfológicos (raiz+raiz), como ‘socioeconômico’ [[sócio]_W[econômico]_W]_{PWMAX}; (v) estruturas mesoclíticas, como ‘falar-te-ei’ [[falar-te]_W[ei]_W]_{PWMAX}; (vi) abreviações, como em ‘CD’ [[se]_W[de]_W]_{PWMAX}; e por fim, (vii) sequência de Palavras Prosódicas consistindo de (a) pares de nomes de letras, como em ‘RN’ [[erre]_W[ene]_W]_{PWMAX}; (b) nome de letras seguidas por numerais, como em ‘P-dois’ [[pe]_W[dois]_W]_{PWMAX}; e (c) alguns numerais seguidos por palavras frequentes ‘horas’ e ‘anos’, como em ‘onze horas’ [[onze]_W[horas]_W]_{PWMAX}.

Já em Vigário (2007), a autora propõe a Palavra Prosódica Mínima/ Menor (*Minimal/ Minor PW*) e Palavra Prosódica Máxima/ Maior/Composta (*Maximal/ Major PW, Compound PW*) formam um único domínio prosódico, o qual ela denomina de

¹⁵ Exemplos de Vigário (2003).

‘Grupo de Palavra Prosódica (*Prosodic Word Group*)’. Tal grupo, segundo a autora, é o antigo Grupo Clítico de Nespor & Vogel (1986) reciclado e não um constituinte novo.

No que se refere ao domínio da Palavra Prosódica no PB, Leiria (2000) afirma que esse constituinte faz parte da hierarquia prosódica dessa variedade de português, e propõe que a Palavra Prosódica é o domínio de aplicação da regra de apagamento da vogal com conseqüente alongamento das obstruintes, em ambiente $C_1V_1C_2V_2$, a qual apaga a C_1V_1 e alonga a C_2 , como por exemplo, ‘canto tonal ~ can[t:]onal’. Segundo Leiria, em contextos que envolvem palavras funcionais, a regra não se aplica, como em ‘aula d[e] didática’, pois se a vogal for apagada, a regra de palatalização não ocorre ‘aula *[d:]idática’¹⁶.

Leiria ressalta que, em contextos que envolvem duas Palavras Prosódicas, a regra se aplica, como em ‘grande domador ~ grand[o:]mador, entretanto a regra não é aplicada dentro de uma Palavra Prosódica como em ‘tato ~ *t:o’. Assim a autora justifica a existência desse domínio da Palavra Prosódica no PB, pois segundo Booij (1996), o requisito básico para se ter uma categoria prosódica é o fato de ela ser domínio para a ocorrência de regras fonológicas, e no caso analisado, a Palavra Prosódica no PB é o domínio para a aplicação do apagamento da primeira vogal em posição de final de palavra seguida por sílaba semelhante.

Já Bisol (2004) afirma que, no português, há varias regras que ocorrem no domínio de Palavra Prosódica, como por exemplo, a neutralização das vogais átonas, e a harmonia vocálica (cf. Bisol 2000). Observe os exemplos ¹⁷ a seguir.

(10) i) Neutralização das vogais átonas

caf[ɛ] > caf [e]teira

s[ɔ]l > s[o]lço

bolo > bol[u]

[verde > verd[i]

ii) Harmonia vocálica

coruja > c[u]ruja

menino > m[i]nino

peregrino > p[i]r[i]grino

¹⁶ Em trabalhos recentes, foram mostrados os contextos em que é possível o apagamento de sílabas semelhantes, o qual, de acordo com a literatura é denominado como haplologia. Como foge de nosso objetivo discutir tais questões, indicamos a leitura de Leal (2006) para mais informações sobre a ocorrência desse processo de apagamento silábico em contexto que envolve palavra funcional e palavra lexical.

¹⁷ Exemplos de Bisol (1999).

A partir da descrição do sistema fonológico do Português Brasileiro feita por Câmara Jr. (1970), na qual ele coloca a necessidade de distinguir palavra morfológica de palavra prosódica¹⁸, Bisol desenvolve um estudo firmado na distinção e na discussão da interação entre palavra morfológica de palavra prosódica¹⁹, cujos limites nem sempre coincidem. Baseando-se nos algoritmos de construção de constituintes prosódicos propostos por Nespor & Vogel (1986), Bisol afirma que a condição mínima para se estabelecer uma palavra fonológica, também no PB, é ser dotada de apenas um acento primário.

Quanto ao tamanho de uma palavra fonológica, no PB, a isomorfia entre palavra morfológica e palavra fonológica não se mantém, pois dados do PB mostram que um mesmo prefixo se comporta ora como uma palavra independente, ora não, e isso depende do grau de coerência²⁰. Quando ocorre a prefixação do prefixo ‘pré’ mais a raiz ‘fixo’, temos a formação de apenas um vocábulo fonológico ‘prefixo’, pois, no PB, não há vogais médias baixas /ɛ/ na posição pretônica, porque são neutralizadas em favor da vogal não-alta /e/. No entanto, quando há justaposição, como em ‘pré+estréia’, o prefixo ‘pré’ é um vocábulo fonológico independente, pois mantém seu acento primário durante o processo morfológico de justaposição. Esse caso é evidência de que a palavra fonológica é menor que o elemento terminal de uma árvore sintática.

Entretanto Palavras Prosódicas maiores do que sua contraparte também podem ser encontradas no PB quando há a ressilabificação, após a ocorrência de algum processo fonológico, como em ‘lápiz azul’, por exemplo. Nesse contexto ocorre a regra de vozeamento da fricativa, na qual a fricativa surda /s/ ao entrar em contato com a vogal da palavra seguinte assimila o traço [+voz] da vogal, e é ressilabificada com a vogal, /'la.pi.za.'zul/.

Com base na discussão de Booij (1983), Bisol diz que a Palavra Prosódica em PB tem três funções: (i) portadora de proeminência relativa, ou seja, a Palavra Prosódica tem apenas uma sílaba proeminente; (ii) domínio de aplicação de regras fonológicas, como por exemplo a regra de neutralização das átonas finais, a harmonia vocálica e o abaixamento datílico, entre outras; e (iii) o domínio de restrições

¹⁸ No texto original, o autor utiliza o termo palavra fonológica.

¹⁹ No texto original, o autor utiliza o termo palavra fonológica.

²⁰ Para saber mais sobre o comportamento dos prefixos nos PB, ver Schwindt (2000).

fonotáticas, como por exemplo consoantes palatais como /ʎ/ não podem iniciar Palavra Prosódica.

Em suma, o que se pode concluir, de acordo com Bisol, sem esgotar o assunto no PB, é que não há isomorfia entre Palavra Prosódica e Palavra Morfológica, pois assim como há Palavras Prosódicas menores do que as morfológicas correspondentes, há também maiores, principalmente quando a ocorrência da ressilabificação após processo de juntura entre palavras, como por exemplo, o sândi externo²¹. Apresentados os trabalhos que tratam da Palavra Prosódica nas línguas e no PB, apresentamos uma breve discussão sobre o constituinte Grupo Clítico.

2.2.2. O Grupo Clítico

O constituinte denominado como Grupo clítico foi proposto inicialmente por Hayes (1984), mas publicado em (1989), e além de Hayes, Nespor & Vogel (1986) também argumentam em favor da sua existência. Segundo tais autores, esse constituinte fica entre o Sintagma Fonológico e a Palavra Prosódica, e é constituído por um clítico (formas átonas) e uma palavra de conteúdo (forma que carrega um acento primário). Como os outros domínios da hierarquia, o Grupo Clítico é domínio para a ocorrência de regras fonológicas, segundo Nespor & Vogel (1986), como por exemplo, a atribuição de acento no Latim. Então, quando uma palavra como *‘vírum’* seguida por um enclítico como *‘que’*, formando *‘virúmque’*, tem seu acento mudado de lugar²².

Há dois tipos de clíticos, de acordo com as autoras: aqueles que são dependentes da Palavra Prosódica, formando junto com ela uma unidade fonológica, como os afixos; e aqueles que revelam certa independência, além de sofrer as mesmas regras fonológicas, como as palavras funcionais, as quais não portam acento primário.

Nespor & Vogel (1986) argumentam que não é possível classificar os clíticos como parte de uma Palavra Prosódica ou do Sintagma Fonológico devido ao seu carácter híbrido, e comprovam isso com a análise de várias línguas.

²¹ Diante das considerações feitas por Bisol, reforça-se a necessidade de um estudo sistemático da palavra prosódica (ou fonológica, como é tratada por Bisol) no PB, assim como já feito para o Português Europeu, por Vigário (2003). Este trabalho contribuirá ao estudo da palavra prosódica na medida em que define o estatuto prosódico das palavras funcionais.

²² Conferir outros exemplos em Nespor & Vogel (1986).

Zwicky (*apud* Nespor & Vogel, 1986) menciona que os clíticos pronominais não afetam de qualquer forma a localização do acento no Espanhol, e isso é evidência do seu estatuto independente à palavra hospedeira. Assim o verbo ‘*dándo*’ mantém a posição de seu acento principal, mesmo quando seguido por dois clíticos, como em ‘*dándonoslos*’ [[‘*dando*]ω[nos]_C [los]_C]_{GC}.

O Grupo Clítico seria o nível da hierarquia que mapeia os componentes sintáticos e fonológicos, conforme o algoritmo proposto em (11).

(11) Formação do Grupo Clítico²³:

- I. Domínio de C: O domínio de C consiste de uma Palavra Prosódica que seja independente (não-clítico) mais todas as Palavras Prosódicas adjacentes, que sejam
 - a. um Clítico derivacional (que determina o lado em que se une ao hospedeiro, direito ou esquerdo), ou
 - b. um clítico (que pode encontrar seu hospedeiro tanto do lado direito, quanto do lado esquerdo), tal que não haja hospedeiro possível com o qual compartilhe mais categorias comuns.
- II. Construção de C: Reunir em uma ramificação n-ária C todas as PWs incluídas em uma seqüência delimitada pela definição do domínio de C.

Embora alguns autores afirmem a existência desse constituinte nas línguas, Selkirk (1984, 1986), Selkirk & Shen (1990), Peperkamp (1997), Vigário (2003, 2007), entre outros vão contra essa posição, pois afirmam que os clíticos algumas vezes se comportam como afixos e se juntam à palavra vizinha, e ambos são prosodizados como um único constituinte, a Palavra Prosódica. Em outras se comportam como palavra independente, pertencendo ao Sintagma Fonológico.

O ponto mais discutido com relação à definição de Grupo Clítico conforme proposto por Nespor & Vogel (1986) é o fato dos clíticos formarem Palavras Prosódicas independentes, visto que a principal característica do clítico é ser acentualmente inerte, propriedade básica de uma Palavra Prosódica. Vigário (2007) afirma que essa assunção é contra-intuitiva e teoricamente problemática.

Inkelas (1990), utilizando o *Princípio da Economia*, sugere que o Grupo Clítico pode ser reinterpretado em Palavra Prosódica lexical e regras lexicais *versus* Palavra Prosódica pós-lexical (que podem incluir clíticos) e regras pós-lexicais.

²³ Trecho original de (Nespor & Vogel, 1986, p. 154): *Clitic group formation. I. C domain. The domain of C consists of a PW containing na independent (i.e. nonclitic) word plus any adjacent PWs containing a. a DCL, or b. a CL such that is no possible host with which it shares more category memberships. II. C construction. Join into n-ary branching C all PWs included in a string delimited by the definition of the domain of C.*

Há ainda outras propostas de substituição ou eliminação desse domínio prosódico, mas o fato de que, em várias línguas os clíticos se ligam a níveis superiores na hierarquia prosódica, também é indicativo de que não existe um constituinte responsável pela organização dos clíticos, visto que os clíticos não podem variar, de língua para língua, o domínio ao qual se unem.

Vigário (2007) ressalta que a eliminação do Grupo Clítico cria novos problemas, como por exemplo, a prosodização dos compostos como ‘*guarda-chuva*’ que possuem mais de uma Palavra Prosódica, por isso a autora propõe estruturas recursivas em que um nó Palavra Prosódica domina outros nós do mesmo nível, como em [[*guarda*]_{PW}[*chuva*]_{PW}]_{PW}.

Para suprir a problemática criada com a extinção do Grupo Clítico, Vigário (2007) propõe um constituinte do mesmo nível, o qual recebe a designação de *Grupo de Palavra Prosódica*. Assim, a hipótese formulada por Vigário é a de que o constituinte intermediário entre Palavra Prosódica e Sintagma Fonológico, agrupa Palavras Prosódicas. A autora ressalta que ‘este termo é intuitivo e transparente, uma vez que reflete o tipo de constituinte que se agrupa no seu interior, preservando a coerência terminológica da hierarquia prosódica’, além de ser conservador por manter a expressão ‘*Grupo*’. Como dito na seção anterior, o Grupo de Palavra Prosódica inclui outras designações como *Palavra Prosódica Máxima/Maior ou Palavra Prosódica Composta e Mínima/Menor*, já propostas em Vigário (2003).

Concluída a apresentação da definição do domínio de Palavra Prosódica, com base nas propostas teóricas e a discussão do constituinte Grupo Clítico na hierarquia prosódica, passamos à prosodização de palavras na seção seguinte. Vale ressaltar que dentre as propostas apresentadas a que melhor engloba os fatos a serem investigados neste trabalho e parece mais coerente, é a proposta de Vigário (2007), principalmente pelo modo com que lida com os clíticos em relação ao seu hospedeiro.

2.3. A prosodização de palavras

2.3.1. Diagnósticos para a Palavra Prosódica

Considerando que dependendo da posição dentro de *I* e do contexto discursivo, as palavras funcionais podem ser prosodizadas de modos diferentes, apresentaremos nesta seção quais os principais modos de se diagnosticar uma Palavra Prosódica. Se as palavras funcionais não forem Palavras Prosódicas na representação fonológica, elas serão clíticos prosódicos.

Segundo Vigário (2003), os mais comuns diagnósticos para a Palavra Prosódica são: atribuição de acento primário; fenômenos fonológicos que se referem ao domínio da Palavra Prosódica; generalizações fonotáticas; apagamento sob identidade²⁴; *clipping*²⁵; requerimento de palavra mínima; e silabificação. No caso do PE, a autora ressalva que nem todos esses fenômenos são diagnósticos confiáveis para o domínio da Palavra Prosódica. No caso do PB, discutiremos apenas os fenômenos que forem importantes para a prosodização das palavras funcionais quando Palavras Prosódicas, pois estudar amplamente o domínio da Palavra Prosódica na variedade brasileira foge ao objetivo deste trabalho. Por hora, restringir-nos-emos às palavras funcionais.

O domínio da Palavra Prosódica deve aceitar apenas um acento, logo a atribuição de acento primário é um dos principais diagnósticos para analisar nossos dados. Considerando que as palavras funcionais investigadas são monossilábicas e destituídas de acento primário por não formarem um pé, somente serão prosodizadas como Palavras Prosódicas se receberem algum tipo de proeminência pós-lexical, tal como proeminência principal de *I* ou ϕ .

Assim como outros domínios, o domínio da Palavra Prosódica é um domínio de aplicação de regras fonológicas (cf. Nespor & Vogel 1986). As palavras funcionais do PB sofrem alguns processos fonológicos tal como redução da vogal, sândi externo entre outros. Entretanto, somente a ocorrência desses processos em seqüências que envolvem palavras funcionais não é suficiente para diagnosticá-las como Palavras Prosódicas. Mesmo porque, por não haver muitos trabalhos que tratam desse assunto, é necessário investigar quais fenômenos fonológicos referem-se somente ao domínio da Palavra Prosódica em PB.

Além desses dois diagnósticos, como afirmado por Vigário, a Palavra Prosódica é o domínio para generalizações fonotáticas, como por exemplo, no italiano,

²⁴ *Deletion under identity*.

²⁵ Por não termos encontrados um termo referente a esse processo no PB, vamos usá-lo em inglês.

palavras prosódicas não iniciam com consoantes palatais como [ʎ] (cf. Peperkamp 1997). Segundo Bisol (2005) e Vigário (1999), o português aceita que os clíticos pronominais como o *'lhe'* iniciem por consoante palatal [ʎ], o que seria inaceitável se fosse uma Palavra Prosódica, exceto em casos de empréstimos como *'nhoque'* e *'lhama'*.

Há também o apagamento sob identidade. Autores como Booij (1985, 1988), Wiese (1993, 1996), e Kleinhenz (1994) propõem que no holandês e no alemão o apagamento de um elemento dentro de palavras complexas em estruturas coordenadas depende não somente de informações morfossintáticas, mas também do estatuto prosódico do elemento a ser omitido na sequência, ou seja, esse elemento deve ser uma Palavra Prosódica independente. No caso do PB, o apagamento entre termos coordenados parece ser bastante produtivo, como em *'pré-avaliação e pós-avaliação > pré e pós avaliação'*, no entanto, não parece o ser quando um dos termos é uma palavra funcional *'por amor e pelo ódio > *por e pelo ódio'*.

Além dos fenômenos mencionados acima, algumas línguas têm mostrado ter a síndrome da palavra mínima, isto é, uma Palavra Prosódica tem que ter um tamanho mínimo, como por exemplo, tem que ser dissilábica ou bimoraica. Em línguas como o PE e o PB, uma Palavra Prosódica pode consistir em um monossílabo tônico, como *'dê'*, ou átono *'de'*. Logo esse requerimento não serve para identificar uma Palavra Prosódica no PB.

Outro processo que serve como evidência do domínio da Palavra Prosódica é o *clipping* (*truncation*). Em algumas línguas, operações morfológicas consistem no encurtamento de palavras, das quais as formas de output formam uma Palavra Prosódica (mínima), como por exemplo, no italiano, *'amplificatore > ampli'*. O mesmo acontece no PB, como por exemplo *'faculdade > facul'*, e alguns até já são fossilizados como *'motocicleta > moto'*. No entanto, o mesmo não é notado quando a palavra a ser encurtada é uma palavra funcional, pois não é uma palavra de conteúdo.

Um último diagnóstico é o domínio da silabificação. Em línguas românicas, segundo Vigário (2003), esse critério não é claro devido à existência da silabificação no nível da palavra e a ressilabificação entre palavras, logo não é adequado para diagnosticar uma Palavra Prosódica em português.

Vários fenômenos podem ser pistas do domínio de Palavra Prosódica, de acordo com Vigário (2003), entretanto somente alguns podem identificar Palavras Prosódicas em determinadas línguas. No caso do PB, veremos nos capítulos a seguir, a discussão dos fenômenos relevantes para a prosodização das palavras funcionais.

2.3.2. A prosodização dos clíticos

Nos casos em que as palavras funcionais não são prosodizadas como Palavras Prosódicas, elas serão clíticos, os quais irão se apoiar em algum hospedeiro. De acordo com as propostas encontradas na literatura, e excluindo o Grupo Clítico da hierarquia prosódica, os clíticos podem ser integrados a estrutura prosódica de modos diferentes: (i) ser diretamente ligado ao Sintagma Fonológico; (ii) ser adjungido à Palavra Prosódica; ou (iii) ser incorporado à Palavra Prosódica.

Selkirk (1995) afirma que os clíticos funcionais podem ser prosodizados de três modos diferentes: clíticos livres, clíticos afixais e clíticos internos. A diferença entre um e outro está no tipo de configuração prosódica em que o clítico aparece em relação à Palavra Prosódica. A autora assume que as diferentes prosodizações das palavras funcionais deve-se ao fato dos critérios de não-recursividade e exaustividade serem violáveis, pois ambos ferem a *Strict Layer Hypothesis*, o que impediria tais prosodizações.

Para Vigário (2003), é necessário usar como diagnóstico alguns processos fonológicos para estabelecer qual modo com que o clítico será integrado à estrutura prosódica, tal como a regra de atribuição de acento primário. No caso do PB, palavras funcionais monossilábicas não formam um pé, logo não recebem acento primário, sendo prosodizadas como clíticos.

Quanto à prosodização dos clíticos, Vigário (2003, p. 28-29) afirma que pode haver variação, e isso depende da direção de cliticização de cada língua, ou também da sequência segmental que resultará a combinação entre palavra lexical e palavra clítica. No holandês, por exemplo, os proclíticos são adjungidos à Palavra Prosódica seguinte, enquanto que os enclíticos são incorporados à Palavra Prosódica antecedente (cf. Booij 1996). No caso do PB, segundo Bisol (2005) e Brisolara (2008),

os clíticos são adjungidos à Palavra Prosódica no pós-léxico, independentemente de serem proclíticos ou enclíticos.

Brisolara (2008, p. 154) argumenta que se a sequência clítico+hospedeiro fosse inserida no nível do sintagma (fonológico ou entoacional), isso implicaria mudar o domínio de aplicação de regras da língua, como a neutralização das átonas finais e a palatalização das plosivas coronais.

No decorrer desse trabalho, discutiremos novamente tais questões sobre o PB.

2.4. A prosodização das palavras funcionais na literatura

Para iniciar a discussão sobre o estatuto prosódico das palavras funcionais no PB, enfatizando o modo como são prosodizadas, faz-se necessário apresentar o que já se tem afirmado sobre o estatuto prosódico destas palavras nas línguas em geral, como por exemplo, os trabalhos de Selkirk (1995) para o inglês, Vigário (1999) para o PE, os quais serviram de base para nossa reflexão inicial e levantamento das hipóteses sobre o PB. A seguir apresentamos os trabalhos referidos.

2.4.1. Selkirk (1995)

As palavras funcionais têm propriedades fonológicas diferentes das palavras lexicais em qualquer língua, e estruturas que contêm palavras funcionais (Func) podem ser prosodizadas de várias maneiras, como afirmado por Selkirk (1995).

Com base nessa consideração, a autora apresenta evidências de que as palavras funcionais em inglês podem ser prosodizadas como Palavras Prosódicas independentes ou como um dos três diferentes tipos de clítico prosódico apresentados em (12) ²⁶ e, como já apresentado na seção anterior, infere que a prosodização das palavras funcionais reflete a maneira como são organizadas em Palavras Prosódicas na sentença.

Assim, um sintagma formado por uma sequência de palavras lexicais (Lex) na representação morfossintática (S-estrutura) é prosodizado como uma sequência de

²⁶ Para a autora, o termo clítico prosódico é considerado uma palavra morfossintática, mas não uma Palavra Prosódica independente.

Palavras Prosódicas em uma representação fonológica (P-estrutura). No entanto, quando o sintagma é composto por palavras funcionais, a prosodização é variada, pois, ora podem ser Palavras Prosódicas, ora um dos três diferentes tipos de clíticos prosódicos (ver (12)). Diante da sequência formada por uma palavra funcional e uma palavra lexical, [Func Lex], por exemplo, quatro diferentes organizações em Palavras Prosódicas estão, em princípio, disponíveis:

(12) ²⁷	S-estrutura	[Func Lex]	
	P- estrutura ²⁸	(i) ((func) _{PW} (lex) _{PW}) _{PPh}	Palavra prosódica
		(ii) (func (lex) _{PW}) _{PPh}	Clítico prosódico:
		(iii) ((func lex) _{PW}) _{PPh}	clítico livre
		(iv) ((func(lex) _{PW}) _{PPh}) _{PPh}	clítico interno
			clítico afixal ²⁹

Em (ii), a palavra funcional é irmã de uma Palavra Prosódica e filha de um Sintagma Fonológico, e é classificada por Selkirk como ‘clítico livre’ (*free clitic*). Em (iii), a palavra funcional é classificada pela mesma autora como ‘clítico interno’ (*internal clitic*) e é dominada pela mesma Palavra Prosódica que domina a palavra lexical (sua palavra irmã). Em (iv), a palavra funcional é irmã de Palavra Prosódica e dominada por Palavra Prosódica, e é classificada por Selkirk como ‘clítico afixal’ (*affixal clitic*).³⁰

A classificação quanto ao tipo de clítico prosódico, no qual a palavra funcional consiste, depende da interação de vários tipos de restrições na estrutura prosódica, entre elas, as restrições de dominância prosódica e as restrições de alinhamento das fronteiras dos constituintes.

²⁷ Trecho original (Selkirk, 1995, p. 441):

<i>S-structure</i>		[Func Lex]	
<i>P- structure</i>	(i)	((func) _{PW} (lex) _{PW}) _{PPh}	<i>Prosodic word</i>
	(ii)	(func (lex) _{PWD}) _{PPh}	<i>Prosodic Clitics:</i>
	(iii)	((func lex) _{PWD}) _{PPh}	<i>free clitic</i>
	(iv)	((func(lex) _{PWD}) _{PPh}) _{PPh}	<i>internal clitic</i>
			<i>affixal clitic</i>

²⁸ Mantivemos as siglas propostas por Selkirk (1995) para a Palavra Prosódica (PW) e para o Sintagma Fonológico (PPh) em (12).

²⁹ O clítico prosódico usado por Selkirk (1995) diz respeito à Palavra Prosódica, pois todos os clíticos prosódicos são definidos pela autora em termos da relação de dominância e irmandade em relação à Palavra Prosódica.

³⁰ Tais definições para palavra funcional são motivadas nas duas línguas estudadas pela autora, o Inglês e Servo-Croata.

As restrições existentes na interface entre estrutura morfossintática e estrutura prosódica não fazem referência às categorias funcionais, sendo restritas somente às categorias lexicais, as quais serão responsáveis pela disponibilidade de analisar as palavras funcionais como clíticos prosódicos ou não e quanto ao tipo de clítico prosódico que constituem.

(13) Restrições de alinhamento de Palavra Prosódica (PWCont)³¹

- | | |
|------------------------------|--------------|
| (i) Alinhe (PWd, L; Lex, L) | (= PWd ConL) |
| (ii) Alinhe (PWd, R; Lex, R) | (= PWd ConR) |

Segundo a teoria do alinhamento generalizado apresentada em (13), para delimitar uma Palavra Prosódica na representação, sua fronteira esquerda (L) deve coincidir com a fronteira esquerda de alguma palavra lexical (Lex). Se todas as condições forem respeitadas, as palavras funcionais sozinhas não teriam o estatuto de Palavra Prosódica. O modo preciso em que as restrições de dominância e alinhamento são hierarquizadas na gramática de uma língua particular fornece a base para explicar qual das variedades de prosodização, ou seja, sob quais tipos de clíticos prosódicos, palavras funcionais são realizadas em uma configuração morfossintática particular de uma dada língua.

No Inglês, as palavras funcionais são preposições, artigos, verbos auxiliares, complementizadores, e pronomes pessoais, as quais podem ser ou ‘fracas’, isto é, sem acento e reduzidas, ou ‘fortes’, acentuadas e não reduzidas.

Segundo a autora, as palavras funcionais do inglês aparecem como formas ‘fortes’ quando (i) forem pronunciadas isoladamente, sendo acentuadas e com uma vogal de qualidade igual à de monossílabos da categoria lexical; (ii) aparecerem focalizadas; e (iii) estarem em posição final de sintagma. Nos casos (i) e (ii), as palavras funcionais são formas ‘fortes’, pois recebem um acento tonal (*pitch accent*) ou um acento frasal (*phrasal accent*), os quais são associados respectivamente às sílabas acentuadas e ao final de um sintagma. No caso (iii), a posição final de sintagma é forte porque acento tonal ou acento frasal.

³¹ Trecho original (Selkirk, 1995, p. 445): *The prosodic Word alignment constraints (PWdCont)*

(i)	<i>Align (PWd, L; Lex, L)</i>	(= PWd ConL)
(ii)	<i>Align (PWd, R; Lex, R)</i>	(= PWd ConR)

Nos demais casos, as palavras funcionais serão formas ‘fracas’, apresentando propriedades de sílabas sem acento, propensas a sofrer redução da vogal entre outros processos fonológicos (cf. Selkirk, 1995, p. 447). Quando em posição não final, as funcionais não recebem a marcação de acento tonal ou frasal, e na ausência destes, a estrutura prosódica da palavra funcional depende da posição em que está encaixada na sentença. Se seguida por uma palavra lexical dentro de um sintagma, a palavra funcional aparece como ‘fraca’.

Em suma, para Selkirk (1995), a diferença entre uma palavra lexical e uma palavra funcional é que as palavras funcionais não têm o estatuto de Palavra Prosódica na representação fonológica e que podem aparecer como uma variedade de clíticos prosódicos em uma mesma língua e em outras. Isto porque as fronteiras das palavras funcionais não estão alinhadas com as fronteiras das Palavras Prosódicas, assim como as fronteiras das palavras lexicais estão alinhadas com as fronteiras das Palavras Prosódicas, estando as palavras funcionais livres para serem organizadas de outro modo, tais como os apresentados em (12).

2.4.2. Vigário (1999)

Na tentativa de definir quais palavras funcionais não são acentuadas no PE, Vigário (1999) discute que tais palavras são prosodizadas, fazendo uso de estruturas de incorporação e de adjunção, assim como proposto por Selkirk (1995), Booij (1996) e Peperkamp (1996, 1997).

A autora analisa palavras funcionais monossilábicas, tais como preposição, artigos, pronomes pessoais, conjunções e complementizadores. Tais palavras são prosodicamente deficientes no sentido de que não são prosodizados no léxico como palavras de conteúdo (semântico), segundo Anderson (1992) e Booij (1996).

As pistas iniciais que distinguem tais palavras no PE são a redução da vogal e o acento. A regra de redução vocálica é um processo que alça uma vogal não-alta sem acento e centraliza a vogal não posterior. Embora essa regra não se aplique a todas as vogais não acentuadas, somente pode ocorrer com vogais em posição átona. Esse argumento serve para as formas contraídas envolvendo preposição mais artigo, como

‘da’ e ‘pelo’, pronomes pessoais e também palavras dissilábicas como ‘para’ e ‘cada’, desde que tenham todas as vogais reduzidas como /ɐ/ e /ə/.

No entanto, a redução da vogal não pode ser usada para demonstrar que todas as palavras funcionais não são acentuadas, pois vogais altas, ditongos, e vogais nasais não sofrem redução. No que se refere às vogais altas, Vigário afirma que elas podem semivocalizar quando seguidas por uma vogal, como em ‘a blusa azul e a amarela’ [ja] ou em ‘queria ver o animal’ [wa].

Para as palavras funcionais restantes, como por exemplo, palavras funcionais com vogal nasal como ‘com’, a autora afirma que as vogais nasais podem reduzir, como em ‘com+a’ [kɐ], perdendo a vogal nasal e se contraindo com a vogal seguinte.

Além dos processos fonológicos de redução, as palavras funcionais do PE não podem (i) receber proeminência de ϕ , nem ser elementos proeminentes de *I*, pois essa possibilidade é disponível apenas para itens lexicais acentuados, como o marcador de negação ‘não’; (ii) não podem ser o elemento proeminente de *I* por atribuição de acento de foco, pois essa possibilidade é disponível apenas a itens lexicais; (iii) não podem ser marcadas com acento tonal, apesar de que no PE é possível que recebam acento tonal, mesmo que não sejam núcleo de ϕ , e isso é possível pela posição que a palavra funcional ocupa na sentença e não pelo acento que portam, ou seja, quando a fronteira de *I* ocorrer à direita de uma palavra funcional, como no caso de complementizadores como o ‘que’ que introduzem uma sentença encaixada (cf. Ladd 1996 e Frota 1997).

Dentre as classes gramaticais das palavras funcionais consideradas como ‘fracas’, há algumas poucas formas pertencentes a algumas dessas classes gramaticais que não foram consideradas por falta de argumentos claros que mostrassem que são lexicalmente sem acento, tais como as conjunções ‘quer’, ‘pois’ e ‘nem’; a preposição ‘sem’; o artigo indefinido ‘um’ e o pronome relativo ou interrogativo ‘que’, o qual, funcionando como pronome interrogativo, tem forma ‘forte’ em alguns contextos, sendo um dos exemplos de variância entre forte e fraco no PE.

Assim, dentre as palavras funcionais observadas, Vigário notou que elas são prosodizadas no léxico como sílabas, mas não como pés ou Palavras Prosódicas³², e que

³² No texto de Vigário (1999), a autora utiliza o termo ‘Palavra Fonológica’.

esses elementos são afetados por processos fonológicos que se aplicam no léxico e, como são prosodicamente deficientes, precisam de um hospedeiro para se apoiar, porém, esse processo de união das palavras funcionais a um hospedeiro ocorre no pós-léxico.

No nível pós-lexical, os enclíticos são incorporados à Palavra Prosódica precedente, pois segundo Vigário, alguns processos segmentais mostram que a sequência de verbo + clítico pronominal é tratada como uma única Palavra Prosódica, como por exemplo, a regra de apagamento de vogal não-posterior que tem como domínio a Palavra Prosódica. Tal regra apaga a vogal final de uma Palavra Prosódica quando seguida por outra vogal e é obrigatória entre Palavras Prosódicas, como podemos observar em ‘*pede azeitonas*’ [pɛ.da.zɛi.to.nas]. No entanto, quando a primeira palavra é seguida por um enclítico, a regra não se aplica na palavra lexical, podendo ocorrer na própria palavra funcional, como em ‘*peço-te azeitonas*’ [pɛ.su.tʃa.zɛi.to.nas], pois a fronteira final do enclítico coincide com a fronteira final de Palavra Prosódica.

Outras duas regras que corroboram a análise sobre a incorporação do enclítico são o processo de semivocalização das vogais altas quando precedidas por outra vogal, como em ‘*esse livro, vi-o na sala*’ [iʊ/ iw], todavia não se aplica entre Palavra Prosódica, como em ‘*a velha usou a amiga*’ *[w], e a regra de apagamento da vogal posterior final em Palavra Prosódica, pois a regra só ocorre em final de Palavra Prosódica e quando uma palavra está seguida por um enclítico a vogal a ser apagada é a do enclítico e não a da palavra precedente, como em ‘*esse quadro, deixo-te admirar*’ [dei.ʃu.tʃa.dɪ.mi.rar].

Os últimos processos que servem como evidência de que o clítico é incorporado à palavra precedente são: (i) a ditongação da nasal, como em ‘*calem-no*’ [ka.lẽj.no]; (ii) a centralização do /e/ acentuado seguido por uma palatal, como em ‘*dê-lha*’ [de.ʎa]; (iii) e a marcação de acento, como em ‘*dávamo-vo-las*’. Estes processos só ocorrem no nível lexical, então, a incorporação do clítico não desencadeia nem os bloqueia pós-lexicalmente.

Vigário argumenta que os enclíticos se comportam como sílabas pós-tônicas no que diz respeito à marcação de proeminência no nível mais alto, pois, enclíticos não

recebem proeminência de *I*, mesmo em posição final, exceto os complementizadores, e também não podem receber acento enfático, possibilidade disponível a palavras funcionais proclíticas.

Já os proclíticos, tal como preposições, clíticos pronominais pré-verbais e artigos definidos, são adjungidos à Palavra Prosódica seguinte, e a evidência de que ocorre adjunção e não incorporação é impossibilidade de semivocalização de uma vogal alta iniciando um hospedeiro quando precedido por uma palavra funcional terminada também por vogal, como em ‘falo da utilização’ [vɐ]/*[ɐw].

Outra evidência de que os proclíticos não são incorporados a Palavra Prosódica seguinte é o fato de podermos atribuir acento enfático à palavra funcional e à sílaba seguinte a ela, pois tal acento é pista de que há fronteira inicial de Palavra Prosódica. Logo se podemos acentuar ambas, concluímos que há uma fronteira à esquerda da palavra funcional e à esquerda do hospedeiro.

Assim, os proclíticos funcionais, diferentemente dos prefixos que se adjungem à base no nível lexical, e dos enclíticos que são incorporados à Palavra Prosódica precedente, adjungem-se à esquerda da base no nível pós-lexical, pois a palavra funcional tem independência morfológica, além de poder sofrer a redução da vogal, como em ‘de organizadores’ [dʒj.or.ga.ni.za.do.res], enquanto a redução não ocorre em prefixos, como em ‘desocupar’ *[de.su.ku.’par], uma vez que a redução acontece antes de a palavra funcional se adjungir à Palavra Prosódica.

Um pouco diferente dos proclíticos e principalmente dos enclíticos do PE, os complementizadores não são prosodizados como as outras palavras funcionais, pois podem formar Palavras Prosódicas independentes se forem acentuados pós-lexicalmente. Se os complementizadores não forem acentuados, eles são clíticos prosódicos que unirão a um nó mais alto que a Palavra Prosódica, no domínio de ϕ ou de *I*.

Um complementizador se comporta como uma Palavra Prosódica independente, quando: (i) ocupam a posição final de *I*, ganhando proeminência de *I*, sendo então acentuados, por exemplo, [O João disse que] *I* [os teus colegas não são de confiança] *I*. Além do mais, os complementizadores não se lexicalizam com outras palavras funcionais, e esse fato indica que ambos não são prosodizados do mesmo modo.

Vigário ressalta que, entre todas as palavras funcionais apresentadas, somente os complementizadores têm essa possibilidade, pois a impossibilidade de as palavras funcionais monossilábicas no PE formarem Palavras Prosódicas no pós-léxico vem da deficiência lexical de serem ‘fortes’.

Em suma, as palavras funcionais monossilábicas no PE são prosodicamente deficientes, pois não são dominados pela Palavra Prosódica, nem pelo pé no nível lexical, e, sobretudo, sofrem processos fonológicos lexicais ou pós-lexicais. Devido a este fato, os monossilábicos funcionais são inseridos na cadeia prosódica no pós-léxico e podem ou ser incorporados à Palavra Prosódica precedente, no caso dos enclíticos, ou podem ser adjungidos a ela, no caso dos proclíticos, lembrando que prefixos são adjungidos à Palavra Prosódica no léxico. Ao contrário dessas funcionais, os complementizadores, devido ao seu *status* ‘forte’, podem ser Palavra Prosódica independentes, se pós-lexicalmente acentuados, ou se forem formas ‘fracas’, vão se unir a um constituinte prosódico mais alto que a Palavra Prosódica na hierarquia prosódica.

2.5. O estatuto prosódico dos clíticos no PB

Antes de iniciarmos uma discussão sobre o comportamento prosódico das palavras funcionais no PB e o modo como são integradas à estrutura prosódica nos próximos capítulos, apresentaremos os trabalhos já realizados nessa variedade de português sobre a prosodização dos clíticos no PB.

2.5.1. Bisol (2000, 2005)

Uma das questões mais discutidas, segundo Bisol (2005), nos últimos tempos é o estatuto prosódico do clítico com seu hospedeiro, como por exemplo, ‘*de casa*’, ‘*chamem-no*’, e ‘*para Joana*’. Para a autora, os clíticos são formativos difíceis de classificar como palavras independentes ou como afixos, porque não recebem acento primário, diferindo da palavra lexical, e são formas livres, diferindo dos afixos flexionais.

Bisol (2000) afirma que os clíticos têm mobilidade na sentença, como por exemplo, os clíticos pronominais ‘*me*, *te*, *se*, *lhe(s)*, *o(s)*, *a(s)*’, os quais podem estar

enclíticos ou proclíticos em relação ao verbo, como em ‘para dizer-**lhe** a verdade’ ou ‘para **lhe** dizer a verdade’. No entanto, o PB privilegia a próclise, sendo a ênclise apenas mantida em alguns casos na escrita, ou em uso muito formal da linguagem oral.

Considerando o estatuto prosódico do clítico com seu hospedeiro, Bisol (2005) defende que o clítico e seu hospedeiro formam um constituinte prosódico, o qual é prosodizado no pós-léxico junto à Palavra Prosódica, sem integrá-la.³³

No que se refere às palavras funcionais no PB, Bisol (2005) afirma que são clíticos, uma vez que são destituídos de acento, apoiando-se num hospedeiro. Na representação prosódica, não importa qual a função sintática ou morfológica que o clítico desempenha junto ao seu hospedeiro, pois o que conta é a relação que é estabelecida entre os dois, em termos de ‘fraco’ e ‘forte’, atribuindo ao clítico mais o seu hospedeiro o estatuto de constituinte prosódico. Por isso a prosodização do clítico se processa no pós-léxico, não estando disponíveis para as regras lexicais, mas para as pós-lexicais.

Os clíticos são diferentes dos prefixos, pois estes integram uma Palavra Prosódica e estão sujeitos a regras lexicais, enquanto que um clítico se junta à palavra pronta sem integrá-la; estão sujeitos apenas a regras pós-lexicais; mantém sua independência morfológica em relação à Palavra Prosódica; e é mais livre em relação ao hospedeiro do que o prefixo em relação à base, pois os clíticos ‘figuram como contextos independentes na aplicação de regras fonológicas’.

A regra de neutralização de /e,o/ ~ /i,u/ em final de palavra se aplica tanto no clítico quanto no hospedeiro, e isso sugere que o clítico é adjungido ao hospedeiro e não integrado a ele, por exemplo ‘do menino ~ du meninu’. Nos prefixos, essa regra não se aplica, como podemos observar em ‘preconceber ~ *priconceber’, ‘reanimar ~ *rianimar’, e mesmo na sílaba inicial de algumas palavras, como em ‘lotação ~ *lutação’, ‘rodar ~ *rudar’, e ‘perene ~ *pirene’.

O clítico é insensível a regras lexicais como a regra de neutralização da vogal média baixa /ɛ, ɔ/ em sílabas pretônicas, como em ‘p[ɔ]s > p[o]sfácio’ e

³³ No seu texto publicado em (2000), Bisol afirmava que o constituinte formado entre o clítico e a palavra fonológica no PB era o Grupo Clítico de Nespor & Vogel ou palavra fonológica pós-lexical. Bisol usa o termo ‘Palavra Fonológica’ nos dois artigos mencionados nesta seção.

‘*pr[ɛ]fixo > pr[e]fixo*’, e a restrição de três janelas na atribuição de acento, como em ‘*fiLÓ, CÁsa, LÂMpada*’³⁴.

Como afirmado, o clítico só adquire o estatuto prosódico no pós-léxico, estando expostos somente as regras fonológicas pós-lexicais, como a neutralização da átona final, a nasalização da vogal, a sonorização da fricativa, e as regras de sândi como a DG, DT e EL³⁵.

A neutralização das átonas finais é uma regra variável, pois não se aplica em todos os dialetos, e com base nisso, é permitido afirmar que essa regra só se aplica no pós-léxico, atingindo palavras lexicais e clíticos.

A nasalização também ocorre tanto em clíticos, como ‘*em, nem, sem, com*’, quanto em palavras fonológicas, como ‘*dom, som, batem*’. Em alguns casos a nasalização é morfêmica como em ‘*fala[N], dize[N], parte[N]*’, no entanto o processo de assimilação que cria a vogal nasal não faz diferença entre N morfêmico e não morfêmico, como em ‘*se[N]da, ca[N]to, se[N]da*’, indicando que a nasalidade ignora a informação morfológica. Bisol ressalta que os clíticos em posição final e mesmo palavras com sílabas átonas finais com nasais são realizadas como consoante ou como glide, como podemos observar em (14).

(14) Nasalização e implementação de N

a. Palavra Prosódica

homem: [’o.mẽj ~ ’o.měj ~ ’o.mĩj ~ ’o.me/’o.mi]

fórum: [’fõ.rũj ~ ’fõ.rũĩ ~ ’fõ.ru]

órfão: [’õr.fãĩ ~ ’õr.fũj ~ ’õr.fũĩ ~ ’õr.fũ ~ ’õr.fu]

b. Clítico

em: [ẽĩ ~ ěj ~ ĩj]

com: [koĩ ~ kõĩ ~ kũ ~ ko/ku]

sem: [sẽĩ ~ sěj]

A sonorização da fricativa coronal /s/ é uma regra fonológica que se aplica tanto dentro da Palavra Prosódica como em ‘*pa[z]mo*’, e em constituintes maiores que a palavra, como o Grupo Clítico ‘*o[z] meninos*’, e o Sintagma fonológico, ‘*casa[z] bonitas*’.

A palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/ também atinge clíticos, como ‘*[tʃi] vi*’ e ‘*[dʒi] preto*’ e palavras lexicais, como ‘*[tʃi]me*’ e ‘*pre[dʒi]leta*’.

³⁴ A caixa alta indica acento primário.

³⁵ As definições e discussões sobre os processos de sândi vocálico (DG, DT e EL), sonorização da fricativa, *tapping*, e palatalização serão apresentadas no capítulo 4.

Por fim, há também as regras de sândi, tal como a DG, DT e EL, que, segundo Bisol, são, por sua definição, pós-lexicais. A DG e a DT podem ocorrer dentro de uma palavra, e entre palavras, porém a EL só ocorre entre palavras. Observe os exemplos da autora em (15).

(15) Regras de sândi

a. palavra fonológica	b. grupo clítico	c. frase fonológica
DG: cooperar > coperar	na avenida > navenida	fada amiga > fadamiga
DT: diabo > djabo	de arte > djarte	verde amarelo > verdjamarelo
EL: bauni ¹ la > *bani ¹ la	para operar > paroperar	kasa escura > casescura

A EL é bloqueada (i) dentro de Palavra Prosódica, pois produziria estruturas malformadas, como pode ser observado em (15); (ii) em monomorfemas de um único segmento, como em ‘*mora *nolaria*’, pois a palavra funcional perde um morfema; e (iii) em contextos em que a segunda vogal da segunda palavra carrega o acento principal da frase, como em ‘*para Olga*’ *[parɔlga]. Nesse último caso, o processo pode ser aplicado se for inserido uma palavra no sintagma, como em ‘*mas pa[rɔ]lga silveira*’.

Bisol utiliza o bloqueio da EL dentro da palavra como evidência de que o clítico e seu hospedeiro não constituem uma Palavra Prosódica do tipo lexical, embora acabem possuindo apenas um acento. Para ela, essa regra pode ser também evidência da relevância do Grupo Clítico para a hierarquia prosódica do PB.

Além das regras pós-lexicais como a DG, EL e DT, as quais atingem os clíticos do PB, a regra de apagamento da vogal /e/, apesar de ser variável e muito sensível a palavras funcionais, é restrita, segundo Bisol ao Grupo Clítico. Com base nos dados levantados por Barbosa (2005), Bisol afirma que o apagamento da vogal /e/ é de uso limitado, dependendo do contexto, embora se trate de uma regra cuja aplicação está restrita ao Grupo Clítico³⁶, como por exemplo ‘*de+um ~ dum*’.

A forma ‘*de*’ é preservada em algumas locuções sintáticas com função adverbial, como ‘*de noite, de dia, de tarde, de manhã, de leve, etc*’ em comunidades que praticam a redução vocálica e a palatalização da oclusiva dental [dʒɪ].³⁷

³⁶ Ver contextos da regra de apagamento da vogal /e/ em Bisol (2005).

³⁷ Bisol afirma que dialetos de fronteira tendem a ser preservadores de estrutura, por isso não é de se estranhar o fato do clítico manter a vogal /e/, sendo que a palatalização é uma regra de aplicação geral.

Outra evidência para a relevância do Grupo Clítico no PB é a redução silábica da preposição ‘*para*’, sozinha, como ‘*para ~ pra ~ pa*’, ou combinada com outra palavra funcional clítica, como ‘*para a ~ pra/pa, para as ~ pras/pas, para o ~ pro/po, para os ~ pros/pos*’. A mesma redução silábica pode ser encontrada em proparoxítonas como ‘*abóbora ~ abobra*’, mas não é criada a forma ‘**aboba*’, como na preposição /pa/ de ‘*para*’, o que confirma o caráter cliticizável da preposição, pois a redução na palavra lexical só ocorre em sílaba átona.

Tomando a seqüência clítico+hospedeiro como um constituinte prosódico, exposta somente a regras pós-lexicais, o qual não pode ser confundido com a Palavra Prosódica correspondente a palavra lexical, a autora conclui que o Grupo Clítico é (i) o domínio específico para o apagamento da vogal /e/ no fim de palavra; (ii) o preservador da vogal média de palavras como o ‘*de*’; (iii) o menor domínio para a aplicação da regra de elisão da vogal /a/; e (iv) o contexto para o surgimento de variantes da preposição ‘*para*’. A partir desses argumentos, Bisol ressalta a relevância do Grupo Clítico como um constituinte prosódico, o qual não pode ser ignorado na descrição prosódica do PB.

2.5.2. Brisolara (2004, 2008)

Considerando que as vogais médias são um dos segmentos vocálicos do PB que estão mais sujeitos à aplicação de processos fonológicos, Brisolara (2004) trata da regra de elevação da vogal dos clíticos pronominais ‘*me, te, se, lhe*’, em posição proclítica, tendo o verbo como hospedeiro, na variedade falada na cidade de Bagé, próxima à fronteira do Brasil com o Uruguai, a fim de estabelecer considerações sobre a prosodização dos clíticos nessa região do País, além de confirmar ou não os estudos já realizados por Bisol (1999, 2000, 2005) de que o Grupo Clítico faz parte da hierarquia prosódica do PB.

Segundo a autora, os processos de sândi, tal como a DT e a DG, favorecem a elevação da vogal /e/ em clíticos pronominais, sugerindo uma diferença no comportamento entre a vogal átona /e/ de clíticos pronominais e a vogal átona /e/ postônica final de vocábulos lexicais do PB.

Dentre as variáveis consideradas pela autora como (des)favorecedoras da regra de elevação da vogal /e/ dos clíticos, a variável ‘tipo de vogal da borda esquerda

do hospedeiro' e a variável 'contexto precedente' constituída pela consoante /s/ revelaram que as vogais /a/ e /i/ e a consoante /s/ favorecem a regra de elevação da vogal do clítico. Contudo, a variável 'tipo de segmento vocálico da sílaba seguinte' mostrou-se desfavorecedora da elevação da vogal, principalmente quando a vogal seguinte era um /i/.

No seu estudo realizado em (2004), a autora afirma que há duas evidências a favor da existência do Grupo Clítico no PB: uma é o alto número de ocorrências de elevação da vogal átona /e/ dos clíticos na fala dos mais jovens (16 a 25 anos), acompanhando a elevada aplicação desta regra também em final de vocábulos lexicais; a outra é a não submissão da vogal /e/ dos clíticos à regra de harmonia vocálica, a qual é aplicada ao /e/ em sílabas pretônicas quando há uma vogal alta seguinte, /i/, como em '*menino ~ minino*'.

O resultado encontrado para a variável faixa etária pode estar revelando uma mudança lingüística em curso, segundo Brisolara, pois a regra, que antes era bloqueada pelos mais velhos, passa a ser utilizada na fala dos mais jovens. Com base nisso, Brisolara afirma que o Grupo Clítico tenderia a não existir na hierarquia prosódica na gramática dos adultos, no entanto, estaria sendo introduzido na gramática dos mais jovens, na comunidade de Bagé.

Em seu trabalho de (2008), a autora novamente aborda os clíticos '*me, te, se, lhe(s), o(s), nos, lo(s)*' e toma por base a análise da regra de elevação das vogais /e/ e /o/, entretanto analisa as variedades faladas em Porto Alegre e Santana do Livramento.

A autora destaca que, no que se refere à prosodização dos clíticos, há divergência a respeito da inclusão do Grupo Clítico na hierarquia prosódica. Entretanto reafirma, de acordo com Bisol (2000, 2005), que os clíticos sofrem a regra de neutralização da vogal média independentemente da posição que ocupam em relação ao hospedeiro, como em '*t[I] disse*' ou '*disse-t[I]*'.

Brisolara aponta que os resultados da amostra 1978 mostram que a regra de elevação das vogais médias /e/ e /o/ de clíticos pronominais tem aplicação praticamente categórica na amostra de Porto Alegre (95%), enquanto que em Santana do Livramento, essa regra apresenta baixa frequência (21%). Já os resultados relativos a Santana do Livramento, amostra 2003 a 2005, indicam um uso relativamente maior em relação à

amostra anterior (44%). Notamos que, nas duas últimas amostras 2003 a 2005 que representam o português falado na fronteira, a preservação das vogais médias prevalece.

Com base na regra de harmonização vocálica, Brisolara verificou que tal regra não tem papel relevante nas três amostras investigadas, pois as vogais dos clíticos sofrem variação independentemente da vogal seguinte, e isso é uma evidência de que os clíticos não se comportam como sílabas pretônicas e, sim, como uma sílaba final. Essa afirmação proporciona três interpretações para a estrutura formada entre o clítico e o hospedeiro: (i) um grupo formado de uma palavra funcional e uma palavra lexical, ou seja, um Grupo Clítico; (ii) uma frase; ou (iii) uma palavra recursiva.

Brisolara afirma que é fundamental uma análise prosódica que considere os clíticos não como sílabas pretônicas do hospedeiro, mas como elementos que possuem alguma independência fonológica, pois uma regra, que a princípio se daria apenas no domínio da palavra fonológica, é aplicada também em clíticos pronominais do português.

Para sustentar sua afirmação, a autora apresenta algumas regras fonológicas do português como relevantes para a proposta defendida com respeito aos clíticos pronominais do PB, tais como, a regra de atribuição de acento, a neutralização da postônica final, a nasalização, a sonorização da fricativa coronal, a palatalização de /t/ e /d/, a harmonização vocálica, e as regras de sândi, como a DG, DT, e EL.

Brisolara afirma que o PB tem tendência à próclise, assim como Bisol (2005), além de haver simetria entre próclise e ênclise. Os clíticos pronominais são então adjungidos ao verbo no pós-léxico, uma vez que sofrem apenas regras fonológicas deste nível.

Quanto à estrutura prosódica formada pela combinação de clítico mais hospedeiro, a autora a classifica como uma Palavra Prosódica³⁸ pós-lexical recursiva, a qual não sofre restrições de tamanho. A Palavra Prosódica pós-lexical proposta por Brisolara tem exatamente o tamanho do Grupo Clítico de Nespor e Vogel (1986), entretanto a autora não admite que tal constituinte exista na hierarquia prosódica do PB. Assim, a Palavra Prosódica pós-lexical é inserida no nível da Palavra Prosódica, compartilhando com a palavra morfológica a característica de portar apenas um

³⁸ No texto original, Brisolara utiliza o termo “Palavra Fonológica”.

acento³⁹, sendo, no entanto, maior do que ela por ser constituída de uma ou mais palavras morfológicas, como por exemplo, um artigo e um substantivo formando uma Palavra Prosódica.

2.6. Considerações finais

Neste capítulo apresentamos os trabalhos significativos que servirão de base para sustentar a análise proposta neste trabalho.

A princípio, partimos do fato de que todas as palavras funcionais monossilábicas, exceto as que são acentuadas no léxico, são clíticos, inclusive as dissilábicas que são facilmente cliticizáveis, como o *'para'* e *'porque'*. Em seguida, propomos definir o comportamento prosódico das palavras funcionais a partir das hipóteses levantadas, pois como tem sido reafirmado por vários autores, as palavras funcionais são elementos de difícil classificação prosódica.

Para isto, discutiremos, com base nos dados apresentados no capítulo 4, quais os diagnósticos relevantes para a prosodização de uma Palavra Prosódica, de acordo com os critérios de análise propostos por Vigário (2003) entre outros. Identificadas as palavras funcionais que são prosodizadas como Palavras Prosódicas, as restantes serão então clíticos prosódicos.

Considerando que os clíticos precisam de um hospedeiro acentuado para se apoiar, discutiremos, no capítulo 5, com base nos resultados apresentados no capítulo 4, em que nível da hierarquia prosódica o clítico se unirá ao seu hospedeiro: o Grupo Clítico conforme proposta de Nespor & Vogel (1986); o *Grupo de Palavra Prosódica* conforme a proposta de Vigário (2007); a Palavra Prosódica conforme Selkirk (1995); ou a outro domínio prosódico como o ϕ ou o *I*. Vale lembrar que a proposta de Vigário (2007) não é constituinte novo para a hierarquia prosódica, mas uma nova interpretação para o constituinte Grupo Clítico de Nespor & Vogel (1986).

Partindo da reflexão da literatura apresentada, pretendemos nos capítulos seguintes definir o estatuto prosódico das palavras funcionais do PB e o constituinte

³⁹ Brisolara argumenta que se for assumido que a sequência clítico+hospedeiro se insere no nível da frase implicaria mudar o domínio de aplicação de regras da língua, como a neutralização das átonas finais e a palatalização das plosivas coronais.

prosódico ao qual o clítico se unirá para ser integrado à estrutura prosódica, apontando desdobramentos futuros para o estudo da Palavra Prosódica no PB.

No capítulo seguinte, descrevemos a metodologia a ser utilizada no desenvolvimento dessa pesquisa para alcançar os objetivos propostos.

3. METODOLOGIA

3.0. Introdução

Apresentamos neste capítulo a metodologia empregada no presente trabalho: na seção 3.1, apresentamos o experimento realizado e o seu objetivo; na seção 3.2, o *corpus* experimental elaborado e as variáveis levadas em conta em sua elaboração (contexto discursivo, formação de pés e posição em *I*); na seção 3.3, descrevemos a forma de análise dos dados obtidos a partir da aplicação do experimento (transcrição fonética, segmental e tonal); na seção 3.4, apresentamos as considerações finais desse capítulo.

3.1. O experimento

Como nosso objetivo é investigar o estatuto prosódico das palavras funcionais do PB, como clíticos ou Palavras Prosódicas, e o modo como essas palavras funcionais são integradas à estrutura prosódica, optamos por trabalhar com dados controlados por meio de um experimento, conforme a metodologia proposta pela fonologia laboratorial (cf. Ohala 1995, entre outros), tomando por base os trabalhos de Tenani (2002) e Fernandes (2007) sobre o PB.

A abordagem da ‘fonologia laboratorial’ é caracterizada por propor a construção de experimentos em que são criados contextos nos quais se pode observar a interação das variáveis relevantes para analisar as hipóteses levantadas, sem que haja a atuação de fatores que possam distorcer os resultados. Ou seja, o objetivo é obter dados de maneira controlada a fim de investigar as categorias propostas na teoria fonológica.

O experimento realizado no âmbito desta pesquisa consistiu na gravação de sentenças dentro de contextos situacionais específicos que levassem o informante a produzir os enunciados do modo mais próximo da fala espontânea. A hipótese que norteou a construção do experimento é a de que as palavras funcionais podem ser prosodizadas de diferentes maneiras a depender de certos fatores como contexto discursivo (neutro e foco), a posição ocupada dentro do *I* (início, meio ou fim), e sua

constituição interna, em termos de formação de pés. Tal hipótese para o PB é baseada nos trabalhos de Selkirk (1995) e Vigário (1999, 2003).

Selkirk (1995) já destacava que as palavras funcionais apresentam propriedades fonológicas significativamente diferentes daquelas palavras tidas como lexicais. A autora mostrou que um grande número de palavras monossilábicas (preposições, determinantes, complementizadores, verbos auxiliares, e pronomes pessoais) do inglês pode aparecer ou como ‘fracas’, isto é, reduzidas e sem acento, ou como ‘fortes’, i.e., acentuadas e não reduzidas (cf. Sweet 1891, 1908; Jones 1964; Gimson 1970; Zwicky 1970; Selkirk 1972, 1984; Kaisse 1985; Berendsen 1986). As palavras funcionais, segundo a autora, terão a configuração de ‘fortes’ quando (i) forem pronunciadas isoladamente; (ii) aparecerem focalizadas; e (iii) aparecerem em final de sintagma. Nos demais casos as palavras funcionais serão formas ‘fracas’.

Assim como Selkirk no inglês, Vigário (1999) realizou um trabalho, investigando as palavras funcionais no PE. Para a autora, as palavras funcionais monossilábicas não se comportam fonologicamente como as outras palavras lexicais, pois são prosodicamente ‘deficientes’ no sentido de Anderson (1992) e Booij (1996), isto é, elas não são prosodizadas no léxico como palavras de conteúdo, não são dominadas pela Palavra Prosódica, nem pelo pé no nível lexical, e também não sofrem processos lexicais, tal como atribuição de acento.

De acordo com Vigário (1999), as únicas palavras funcionais monossilábicas que são a parte das demais, são os complementizadores ‘*que, se, de, em, por, a*’, e que devido ao seu estatuto ‘forte’ podem formar uma Palavra Prosódica se acentuadas pós-lexicalmente quando aparecem em posição final de *I*. Vigário afirma que algumas palavras funcionais podem receber acento tonal se elas portam a proeminência de *I*. Isto somente é possível pela posição e não pela atribuição de acento marcado, ou seja, quando a fronteira de *I* ocorre à direita da palavra funcional (cf. Frota e Vigário, 1996). A pesquisadora ressalta que somente complementizadores em posição final de *I* podem ser prosodizadas como Palavras Prosódicas⁴⁰.

Com base em tais considerações e para verificarmos nossa hipótese sobre a prosodização das palavras funcionais no PB, procuramos controlar, na elaboração do

⁴⁰ Vigário (1999) afirma que no PE somente Complementizadores podem ser prosodizados como Palavra Prosódica em posição final de *I*, enquanto Selkirk (1995) afirma que todas as palavras funcionais do inglês são prosodizadas como Palavra Prosódica em posição de final de sintagma.

experimento, as variáveis que estão apresentadas na seção a seguir. Vale ressaltar que a opção de trabalhar com dados experimentais faz-se necessária devido à natureza específica das questões investigadas.

3.2. O *corpus* e as variáveis analisadas

Como mencionado na seção anterior, o *corpus* utilizado para esta pesquisa foi elaborado de acordo com a abordagem conhecida como ‘fonologia laboratorial’, devido à natureza específica que apresentavam as questões propostas para o presente trabalho.

Primeiramente, antes de elaborar as sentenças, fizemos um levantamento das palavras funcionais⁴¹ monossilábicas, as quais são projeções funcionais na árvore sintática. Em seguida, passamos a observar as palavras funcionais dissilábicas que tem se mostrado facilmente cliticizáveis.

A divisão das palavras em monossilábicas⁴² e dissilábicas é importante, porque as palavras funcionais monossilábicas, não formam um pé, e se não são constituídas por sílaba inerentemente tônica, não recebem acento lexical, sendo prosodizadas como clíticos.

Já as palavras funcionais dissilábicas formam um pé e recebem acento lexical, sendo, portanto, prosodizadas como Palavra Prosódica independentes. Entretanto, a conjunção ‘*porque*’ e a preposição ‘*para*’ são consideradas exceções por sofrerem processo de redução vocálica na sílaba candidata a portar o acento primário, o que é tomado como evidência de que tais palavras podem ser prosodizadas como clíticos (ver a discussão sobre tais palavras funcionais no capítulo 4).

Além da conjunção ‘*porque*’ e da preposição ‘*para*’, discutiremos o comportamento do pronome relativo e interrogativo ‘*que*’, pois, assim como a conjunção ‘*que*’, ele pode sofrer a redução da vogal e processos de sândi externo (ver capítulo 4).

⁴¹ Segundo Mioto et al (2004), a classe funcional, ou classe fechada, não permite que novas palavras sejam criadas na língua a partir delas, e isso é o que acontece com artigos, preposições, pronomes, advérbios e conjunções.

⁴² O advérbio ‘*não*’, apesar de ser inerentemente proeminente, em alguns casos ele aparece na forma reduzida [num], tanto na escrita quanto na oralidade, o que o tornaria um clítico por sofrer processo de redução da vogal nasalizada, dependendo da posição na sentença. Como especificado, não trataremos dos advérbios inerentemente tônicos, entretanto, essa questão merece ser investigada em trabalhos futuros.

É importante destacar que Brisolara (2008) trata como clíticos dissilábicos as formas aglutinadas ‘*pelo(s)/pela(s)*’, e o pronome quantificador ‘*cada*’, assim como Vigário (2003) para o PE. Bisol (2005) também trata a preposição ‘*entre*’ como facilmente cliticizável. Entretanto, em nossa análise, não foram encontrados processos fonológicos que afetassem as sílabas candidatas a portar acento, tanto das preposições quanto do quantificador mencionados. Devido ao fato de tais palavras não sofrerem processos fonológicos que afetam o acento, como a redução da vogal, consideramos que formam um pé e recebem acento primário, sendo prosodizados como Palavra Prosódica.

Apesar de considerar os pronomes do caso oblíquo (*o, a, os, as*) como clíticos em potencial, não os incluímos em nosso *corpus* por não serem muito utilizados na variedade oral do PB, e por apresentarem comportamento prosódico semelhante ao dos artigos definidos, *o(s), a(s)*⁴³. Ainda, para testar a aceitabilidade dos pronomes clíticos nas diferentes posições de *I* em contexto neutro e de focalização, fizemos um teste perceptivo com alguns informantes nativos de PB. Grande parte dos informantes responderam não utilizar as formas oblíquas na variedade oral, mantendo-as exclusivamente na escrita. Entretanto, na língua falada, os pronomes oblíquos aparecem quase sempre proclíticos ao verbo, mesmo que não haja palavra atrativa, e quase nunca enclíticos. O mesmo se dá na escrita, a preferência pela próclise na maioria das ocorrências e a ênclise somente em casos fossilizados pela gramática normativa.

As palavras funcionais trissilábicas não serão discutidas por formarem pés, e consequentemente, portarem um acento primário.

Apresentamos no Quadro 1 as palavras funcionais que compõem o *corpus* desta pesquisa:

Quadro 1: Palavra funcionais investigadas

Categorias funcionais	Monossilábicas	Dissilábicas
Artigos definidos	<i>o, a, os, as</i>	
Artigos indefinidos	<i>um, uns</i>	
Conjunções	<i>nem, ou, e, se, mas, que</i>	<i>porque</i>
Preposições ⁴⁴	<i>a, de, em, com, sem, por, sob, à, ao⁴⁵, do(a)(s), no(a)(s)</i>	<i>para</i>

⁴³ Assim como Brissolara (2008), não incluímos os clíticos pronominais ‘-lo(s)’, ‘-la(s)’, visto que estão implícitos nos pronomes ‘-o(s)’, ‘-a(s)’, pois a lateral /l/ é epentética.

⁴⁴ Cf. nota 2.

Pronomes pessoais	me, se, te, lhe(s), o(s), a(s), nos, vos ⁴⁶	
Pronomes relativo/interrogativo	que	

Terminado o levantamento e a delimitação das palavras funcionais a serem investigadas, elaboramos um *corpus* formado por sentenças (declarativas e interrogativas) contendo essas palavras nas diferentes posições de *I* e em dois tipos de contextos discursivos, neutro e de focalização.

O primeiro passo foi elaborar as sentenças de modo com que as palavras funcionais aparecem em posição inicial, medial e final de *I*. O segundo passo foi inseri-las dentro de contextos discursivos que levassem o informante a produzir sentenças neutras e que focalizasse as palavras funcionais.

Como apresentado, cada palavra funcional analisada foi colocada em dois tipos de contextos discursivos: contexto neutro e de focalização. Nos contextos neutros, a palavra funcional foi testada em início, meio e fim de *I*, e, para cada sentença, havia um contexto diferente. Testamos as palavras funcionais nas posições de *I*, pois segundo Vigário (1999) e Selkirk (1995), as palavras funcionais em posição final de *I* podem receber acento tonal, se elas são marcadas com a proeminência desse domínio. Vale lembrar que para alocarmos a palavra funcional em posição final foi necessário criar sentenças seguidas de pausas hesitativas. Observe a seguir.

(1) **I) Variável: Contexto neutro**

a. Variável: início de *I*

Contexto: João conversava com Pedro e, de repente, lembrou de perguntar a Pedro sobre uma menina morena e muito bonita, que ele tinha visto na rua de Pedro. João então perguntou:

- Você conhece uma menina morena da sua rua? Acho que se chama Odete.

Pedro respondeu:

- A Odete? Claro que conheço.

b. Variável: meio de *I*

Contexto: João conversava com Pedro e, de repente, lembrou de perguntar a Pedro sobre uma menina bonita da sua rua, chamada Odete.

- Você conhece a Odete da sua rua?

⁴⁵ A forma aglutinada da preposição 'ao' não foi inserida no *corpus*. Entretanto podemos considerar que ela se realiza com a mesma configuração fonética que a preposição 'a' e o artigo 'o', estando sujeita às mesmas regras fonológicas.

⁴⁶ O pronome 'vos' também não foi incluído no experimento devido ao pouco uso dele na oralidade e na variedade falada na região de Campinas, a qual foi utilizada na pesquisa.

c. Variável: fim de I

Contexto: Pedro, um dia, comentou com João que queria conhecer uma garota da rua dele. João então perguntou a ele:

- Você quer conhecer a... Alguém da minha rua, não é? Quem é mesmo?

Nos contextos de focalização, a palavra funcional foi disposta no meio de *I*, com o intuito de verificar também o modo com o informante iria produzi-la, se era em início, meio ou fim de *I*, ou até mesmo entre pausas, compondo sozinha um *I*. Como podemos observar no *corpus* anexo a esta dissertação, para construirmos sentenças em que a palavra funcional estivesse focalizada, foi necessário utilizarmos situações em que há a correção do uso da variedade formal da língua. Observe em (2).

(2) **II) Variável: Contexto de foco**

Contexto: Durante a aula de português, o professor ensinava aos seus alunos o uso das preposições. Peter, um aluno britânico, disse para o professor que iria viajar. O professor então perguntou para onde ele iria. Peter disse:

- Irei em Olinda.

O professor logo em seguida o corrigiu:

- Você vai A Olinda.

Quanto ao contexto segmental, procuramos colocar as palavras funcionais em contato com palavras terminadas ou iniciadas por vogal e por sonorantes para verificar se ocorreria algum processo fonológico como redução vocálica, sândi vocálico, sonorização da fricativa, *tapping*⁴⁷, entre outros, pois a aplicação de tais processos pode ser evidência do modo como as palavras funcionais em questão são prosodizadas⁴⁸.

(3) **I) Vogal da palavra funcional seguida por outra vogal**

De ônibus

A Olinda

No armário

II) Consoante final seguida por vogal

Sob a mesa

Com a blusa

Por aqui

As araras

⁴⁷ Tenani (2002) justifica que por não haver um nome no PB para o referido processo, a autora o batiza de ‘*tapping*’, o qual será discutido no capítulo seguinte.

⁴⁸ Ver as definições dos referidos processos no capítulo 4

Também no *corpus* podemos encontrar, além das sentenças declarativas, sentenças interrogativas. Observe os exemplos em (4).

(4) **a. Início de I**

Contexto: Ana chegou em casa e não encontrou sua filha. Quando ela chegou, sua mãe perguntou:

- **Para** onde você foi que não te encontrei quando eu cheguei?

b. Meio de I

Contexto: Ana chegou em casa e não encontrou sua filha. Quando ela chegou, sua mãe perguntou com ar de ironia:

- Você foi **para** onde?

c. Fim de I

Contexto: Ana tentava contar para sua mãe onde tinha ido na noite anterior. Quando contou, sua mãe não soube esconder o espanto:

- Você foi **para**?

No total, nosso *corpus* é constituído de um conjunto de 127 sentenças⁴⁹.

Montado o *corpus*, iniciamos a gravação do experimento. Para realizar a gravação, selecionamos cinco informantes de mesma faixa etária (entre 20 e 25 anos); mesmo sexo (no caso, informantes de sexo feminino); mesmo grau de escolaridade (nível universitário); e residentes na mesma região (Campinas-SP) por no mínimo 5 anos.

As sentenças foram distribuídas em fichas⁵⁰ para que as informantes não as lessem rápido demais ou em forma de lista, de forma que deixassem o experimento comprometido. Foi pedido às informantes que, primeiramente fizessem uma leitura silenciosa dos contextos e das sentenças, e em seguida reproduzissem em voz alta para que fossem gravadas com uma velocidade próxima a fala concatenada. Depois de realizada uma primeira leitura, foi pedido que realizassem uma segunda leitura das sentenças, a fim de obter uma segunda gravação dos mesmos enunciados, e para que, posteriormente, pudessemos observar possíveis variações das realizações das palavras funcionais.

⁴⁹ As sentenças usadas para a realização do experimento estão anexas a este trabalho.

⁵⁰ Como veremos no capítulo seguinte, algumas palavras funcionais em determinadas posições dentro de *I* em contexto neutro e de focalização não vão apresentar resultados para as variáveis analisadas, pois durante a gravação das sentenças, as informantes não as produziram. As lacunas de resultados são referentes a ausência das sentenças que continham as palavras funcionais nas fichas que as informantes utilizaram para a gravação.

A gravação foi realizada durante três dias, com um número de sentenças mais ou menos igual por dia de gravação, e foi pedido às informantes que realizassem uma leitura do modo mais natural possível, próximo à fala espontânea.

As gravações das sentenças foram feitas em uma sala acusticamente isolada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), com a utilização dos recursos audiovisuais do mesmo. Após a realização da gravação, fizemos a edição do material sonoro em um microcomputador com a ajuda do programa Praat⁵¹ desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink da Universidade de Amsterdã, a fim de obter arquivos sonoros adequados para posterior manipulação.

3.3. Forma de análise dos dados

Com os dados em formato de arquivo sonoro, iniciamos as transcrições segmentais, fonéticas e tonais com base na análise do sinal acústico de cada sentença e com na percepção auditiva, utilizando o programa *Praat*. Primeiramente fizemos a segmentação silábica das sentenças; em cada sílaba, identificamos os segmentos consonantais e vocálicos, utilizando os símbolos do IPA-93, conforme convenção proposta por Cagliari (1981) para o PB.

Por último, fizemos a marcação dos eventos tonais, de acordo com as convenções da Fonologia Entoacional, propostas por Pierrehumbert (1980, 1986, 1988), Beckman & Pierrehumbert (1986), Pierrehumbert & Beckman (1988), Ladd (1996), por Frota (1997, 2000) e Vigário (1998) para o PE, e por Tenani (2002) e Fernandes (2007) para o PB, utilizando L para tom baixo, H para tom alto, e LH ou HL para eventos bitonais. De acordo com Tenani (2002), “a identificação de um dado evento tonal L, H, LH, ou HL não é uma tarefa simples, especialmente quando se observa a chamada ‘regra de abaixamento’ (casos de ‘downstep’) (p. 26)”. Vale salientar que os eventos tonais foram atribuídos às vogais proeminentes das sílabas consideradas inerentemente tônicas, aquelas que carregam o acento lexical, e marcados com um asterisco (*). Nos casos em que o evento tonal iniciava em outro segmento anterior à vogal, configurando um evento bitonal, ou terminava em outro, foi atribuído o asterisco àquele evento que predominava no segmento vocálico acentuado, como podemos observar na figura 1, a

⁵¹ <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>

seguir, no verbo ‘viu’. Nos casos em que a palavra funcional estava focalizada, foi atribuído um evento tonal LHL sem asterisco, pois nesses casos, a proeminência atribuída é pós-lexical.

Em nossa análise, focalizamos: (i) os segmentos das palavras funcionais sujeitos aos processos fonológicos já referidos (reduções, e processos de sândi vocálico, como a EL, DT e DG); (ii) a duração das sílabas que compõem as palavras (sílabas portadoras de acento são mais longas que as átonas); (iii) e os eventos tonais associados à cadeia segmental, com o intuito de verificar se havia eventos tonais associados às palavras funcionais, pois os eventos tonais podem, por hipótese, indicar que uma palavra funcional foi prosodizada como Palavra Prosódica (cf. Frota, 1997, 2000; Vigário, 1999 e 2003).

A seguir, apresentamos um exemplo de aplicação da metodologia de análise aqui proposta.

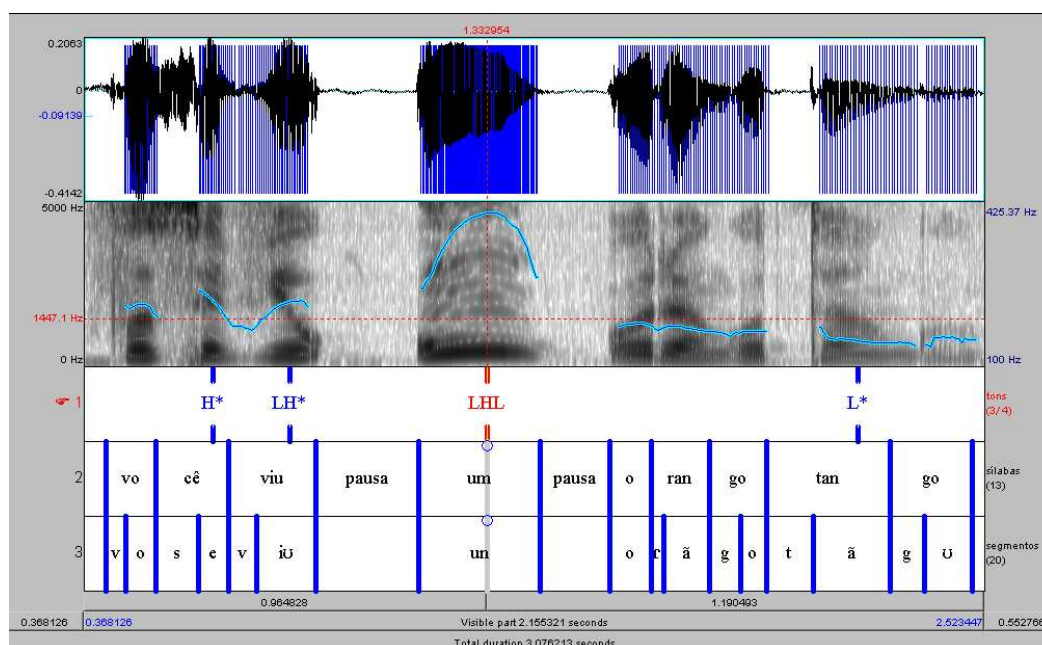


Figura 1: Artigo ‘um’ produzido entre pausas em contexto de focalização.

Com base nas informações acústicas fornecidas pelo espectrograma acima, podemos constatar que a palavra funcional ‘um’ em contexto de focalização é realizada como Palavra Prosódica independente, e as evidências para isto vêm do fato de ela receber a proeminência principal representada pelo acento tonal LHL característico de

contexto focalizado, segundo Lucente e Barbosa (2008). Tal palavra funcional forma um ϕ , constituído unicamente pela palavra funcional, e por ser delimitada por pausas, também forma um I independente, logo recebendo a proeminência principal desses dois domínios prosódicos.

A descrição e a discussão dos resultados serão apresentadas no capítulo seguinte. Por ora, apresentamos as considerações finais desse capítulo.

3.4. Considerações finais

Neste capítulo, apresentamos a metodologia de trabalho utilizada para abordar as questões investigadas. Considerando que nosso objetivo era investigar o estatuto prosódico das palavras funcionais do PB e o modo como são integradas à estrutura prosódica, partindo da hipótese de que dependendo da posição dentro de I e do contexto discursivo, a palavra funcional pode ser prosodizada de diferentes modos, optamos por trabalhar com dados controlados e elaborados de acordo com os fundamentos da fonologia experimental para que não houvesse uma distorção dos resultados.

Definida a abordagem para a elaboração do *corpus*, passamos à montagem do mesmo e em seguida à gravação. Com os dados disponibilizados em arquivo sonoro, começamos a descrição e a análise das realizações, ressaltando as variáveis selecionadas, como (i) grau de formalidade das gravações, (ii) contexto discursivo, (iii) posição dentro de I , e (iv) o contexto segmental em que estavam as palavras funcionais em busca da ocorrência de processos fonológicos.

A descrição e a análise dos resultados serão apresentadas no próximo capítulo.

4. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.0. Introdução

Neste capítulo apresentamos a descrição e a discussão dos dados experimentais da presente pesquisa, os quais foram submetidos à análise acústica, utilizando o programa ‘*Praat*’ para identificação dos segmentos vocálicos e consonantais, dos fenômenos segmentais (sândi vocálico, redução vocálica e duração dos segmentos) e suprasegmentais (acentos tonais⁵²). Os dados também são analisados com base na percepção auditiva do investigador.

Para nortear nosso trabalho, partimos da hipótese de que, dependendo da posição da palavra funcional dentro de *I* e do contexto discursivo (neutro e focalização), ela pode ser prosodizada de diferentes modos, como clítico ou como Palavra Prosódica. Esperamos que as palavras funcionais, quando prosodizadas como Palavras Prosódicas, recebam acento tonal. Vale lembrar que nossa hipótese parte da reflexão realizada a partir dos trabalhos de Selkirk (1995) e Vigário (1999).

Assim, antes de discutirmos o estatuto prosódico das palavras funcionais do PB e o modo como são integradas à estrutura prosódica, descreveremos os resultados obtidos a partir da gravação das sentenças, ressaltando o comportamento das palavras funcionais: (i) em contexto de foco⁵³ e em contexto neutro (não foco); (ii) conforme as posições que ocupam em *I* (inicial, medial e final) em contexto neutro; (iii) conforme os processos fonológicos que sofrem, tal como redução da vogal, sândi externo⁵⁴, entre outros; e também (iv) os correlatos acústicos do acento, tal como a duração e os eventos tonais.

⁵² Para a análise da atribuição de evento tonal à cadeia segmental foi necessário observar o correlato acústico frequência fundamental (F0).

⁵³ Conferir uma definição de foco no capítulo anterior ou em Fernandes (2007).

⁵⁴ Sândi é um fenômeno fonológico que ocorre quando uma vogal ou uma consoante, em início ou final de sílaba, se encontram em determinado contexto segmental. O sândi externo, no caso, resulta do encontro entre dois segmentos separados por uma fronteira de palavra, ou seja, é caracterizado por ocorrer entre palavras.

É importante ressaltar que nossa descrição tenta apontar evidências do estatuto prosódico das palavras funcionais, ou como clíticos prosódicos ou como Palavras Prosódicas.

Definido o estatuto prosódico das palavras funcionais, pretendemos apontar evidências do modo como são integradas à estrutura prosódica. Se forem prosodizadas como sílabas átonas no léxico, elas precisarão se unir a um hospedeiro no nível pós-lexical, pois, como será discutido no próximo capítulo, a prosodização das palavras funcionais difere da prosodização dos afixos, por serem mais independentes do que estes no léxico.

Com base nisso, é necessário definir quais processos fonológicos podem ser pistas do domínio prosódico, ao qual a palavra funcional irá se unir no componente pós-lexical: o *Grupo Clítico*, segundo Nespor & Vogel (1986) e Bisol (2000, 2005), ou a *Palavra Prosódica*, segundo Selkirk (1995) e Vigário (1999, 2003, 2007)⁵⁵. Essa questão será discutida no próximo capítulo.

O capítulo está organizado como se segue. Na seção 4.1, apresentamos a descrição dos dados, enfocando: em 4.1.1, os correlatos acústicos do acento, tal como duração (4.1.1.1) e acentos tonais (4.1.1.2); e em 4.1.2, os processos fonológicos, tal como redução da vogal (4.1.2.1); sândi vocálico (4.1.2.2): DT (4.1.2.2.1), DG (4.1.2.2.2) e EL (4.1.2.2.3); vozeamento da fricativa (4.1.2.3); e *tapping* (4.1.2.4). Na seção 4.2, discutimos os resultados, e na seção 4.3, apresentamos nossas considerações finais sobre o capítulo.

4.1. Descrição dos dados

Como já mencionado no capítulo anterior, o *corpus* utilizado para a análise é de natureza experimental e é constituído de 127 sentenças construídas de modo a testar as palavras funcionais investigadas nas posições de *I* (início, meio e fim) em contexto neutro, e em contexto de focalização. As palavras funcionais analisadas estão apresentadas novamente no Quadro 2.

⁵⁵ Vigário (2007) propõe uma nova interpretação para o constituinte Grupo Clítico. Ver capítulo 2, seção 2.3.1.

Quadro 2: Palavras funcionais investigadas

Categorias funcionais	Monossilábicas ⁵⁶	Dissilábicas ⁵⁷
Artigos definidos	o, a, os, as	
Artigos indefinidos	um, uns	
Conjunções	nem, ou, e, se, mas, que	porque
Preposições	a, de, em, com, sem, por, sob, à, ao, do(a)(s), no(a)(s) ⁵⁸	para
Pronomes pessoais	me, se, te, lhe(s), o(s), a(s), nos, vos	
Pronomes relativos e interrogativos	Que	

Ao analisar as sentenças do *corpus*, primeiramente fizemos a segmentação de cada sentença em sílabas e depois identificamos os segmentos vocálicos e consonantais de cada sílaba, para depois observar a duração das sílabas e dos segmentos individuais. Por fim, observamos os contornos melódicos a fim de verificar a ocorrência de eventos tonais, tal como a atribuição de acentos tonais (*pitch accent*) nas sílabas tônicas e nas palavras funcionais, caso houvesse.

Os acentos tonais são as partes mais proeminentes dos contornos melódicos e também são denominados como ‘*cabeças*’ ou núcleos, enquanto que as partes que marcam os limites entre os contornos melódicos são chamados de ‘*tons de fronteira*’ (*edge tones*), conforme Tenani (2002).

Em seguida, observamos a ocorrência de processos fonológicos, tal como a redução da vogal, o sândi vocálico, o vozeamento da fricativa e o *tapping*, marcando os segmentos fonéticos de acordo com a ocorrência de determinado processo fonológico. Nas seções seguintes, apresentamos e discutimos os resultados obtidos para os correlatos acústicos do acento e para a ocorrência de processos fonológicos.

4.1.1. Correlatos acústicos do acento

⁵⁶ Vigário (1999) afirma que algumas palavras funcionais como as conjunções ‘*quer, pois e nem*’, a preposição ‘*sem*’, o artigo indefinido ‘*um*’ e o pronome interrogativo ‘*que*’ não foram consideradas em seu trabalho, pois faltaram argumentos claros que mostrassem que são lexicalmente átonas.

⁵⁷ Vale lembrar que as palavras dissilábicas, como ‘*uma(s), cada, contra, desde, entre, sobre, pelo(a)(s)*’, não foram incluídas no *corpus* por falta de evidências do caráter átono ou da ocorrência de processos fonológicos que as tornassem facilmente cliticizáveis, logo por formarem um pé, recebem acento primário e são prosodizadas como Palavras Prosódicas.

⁵⁸ É importante ressaltar que as tais palavras são formas aglutinadas da preposição ‘em’ ou ‘de’ mais artigo definido ‘a(s), o(s)’, as quais estamos considerando como preposições.

Clíticos são acentualmente dependentes, no entanto, de acordo com Selkirk (1995), uma palavra funcional clítica pode receber proeminência pós-lexical, quando for pronunciada isoladamente, estar focalizada, ou estar em posição final de sintagma, pois recebe acento tonal.

Neste caso, o acento que a palavra recebe não é de natureza lexical, por isso é necessário verificar se tal proeminência é percebida acusticamente, além de auditivamente. No nível frasal⁵⁹, Massini-Cagliari (1992) afirma que o acento é marcado por uma variação relativamente grande de F0 do padrão entoacional em relação a todo o enunciado. Já Tenani (2002) afirma que embora não esteja especificado em Massini-Cagliari (1992) o nível frasal do acento, pode se deduzir que tal nível corresponderia ao enunciado fonológico formado por um único *I* (p. 201).

Para que identifiquemos se a palavra funcional terá alguma característica das palavras acentuadas, é necessário observar os correlatos acústicos do acento como duração, altura, qualidade da vogal e acento tonal, os quais são (cf. Massini-Cagliari, 1992).

Tenani (2002) ressalta que, com base na literatura sobre o PB, a variação de F0 (evento tonal) é o correlato acústico mais importante do acento em *I*, e a duração é importante indiretamente já que o acento frasal se sobrepõe a uma sílaba que tenha o acento lexical (p. 201).

Logo, baseando-nos nas afirmações de Tenani (2002), optamos nesse trabalho analisar apenas a duração e a atribuição de evento tonal como evidência de acento pós-lexical. As outras características do acento lexical não serão consideradas em nossa análise, pois o tipo de proeminência associada às palavras funcionais é pós-lexical. Nas seções seguintes, apresentamos os resultados para a duração e evento tonal.

4.1.1.1. A duração das palavras funcionais em contexto neutro e em contexto de foco

Segundo Massini-Gagliari (1992), a análise da duração é importante, porque é o principal correlato físico do acento no português, além da intensidade, altura e

⁵⁹ Tenani (2002) afirma que embora não esteja especificado em Massini-Cagliari (1992) o nível frasal do acento, pode se deduzir que tal nível corresponderia ao enunciado fonológico formado por um único *I* (p. 201).

qualidade da vogal. Já Tenani (2002) salienta que a duração é importante devido ao fato do acento frasal sobrepor uma sílaba tônica, com acento lexical.

A análise da duração também se torna relevante quando serve para diferenciar uma sílaba acentuada de outra, mas de acordo com o nível prosódico desse acento, pois, de acordo com Tenani (2002), um acento referente a um domínio prosódico superior como *I* tem que ter uma vogal mais longa do que outra que carrega acento de Palavra Prosódica, por exemplo.

No entanto, vale lembrar que um alongamento em posição final é esperado, devido ao fato de coincidir com o final de sentença neutra e não só como reflexo de uma prosodização diferente. Logo, a duração somente será evidência de uma prosodização diferente para as palavras funcionais, caso esteja associada a um acento tonal.

Entretanto, como uma Palavra Prosódica se define por portar apenas um acento primário, e considerando que a duração é uma das pistas para identificar a existência de acento em uma palavra, apresentamos os resultados encontrados a partir da análise de nossos dados para a duração, comparando as posições dentro de *I* em contexto neutro, e também em contexto de focalização.

Apesar de haver divergências quanto às medidas acústicas utilizadas para as mudanças da duração associadas ao acento (cf. Massini-Cagliari 1992, Frota 1998, Tenani 2002 entre outros) no que se refere aos segmentos considerados na medição, optamos por marcar a duração a partir da sequência silábica (CV, CVC ou CVV) e não apenas ao núcleo vocálico (V). Nos casos em que há a ocorrência de processos fonológicos como vozeamento da fricativa, *tapping*, e sândi vocálico, houve variação nas marcações da duração para cada sequência silábica, pois quando a palavra funcional terminava em vogal e a próxima palavra iniciava também em vogal, a duração engloba ambos os segmentos vocálicos, caso houve processo fonológico; já nos casos em que a palavra funcional terminava em segmentos consonantais, como /s/ e /r/, e a próxima iniciava por vogal, o segmento consonantal, por formar uma nova sílaba após a ocorrência do processo fonológico, não foram considerados. Nos casos em que a sequência silábica CVC é travada por nasal como '*com, nem, sem, um*', consideramos todos os segmentos realizados, inclusive se a nasal é ressilabificada com uma vogal seguinte.

Na tabela 1, apresentamos a duração média⁶⁰ em milissegundos das palavras funcionais investigadas tanto em contexto neutro, quanto em contexto de focalização⁶¹.

Tabela 1: Duração em contexto neutro (início, meio e fim de I) e em contexto de focalização

Palavra Funcional	Foco	Início	Meio	Final
A Art	205,8889	116,2	95	452,3
À Crase	201,6	181,5	117,4	388
A Prep	227,6	115,6667	187,5	387,8889
As	269,125	153,9	84,9	492,0053
Com	387,2	141,1	158,7	503,5
Da	307,7	170,9	135,9	530,3
Das	388,7	142,5	107	502,3
De	311,6	156,4	173,7	488
Do	313,5556	140	123,2	515
Dos	⁶²	120	109,8889	533,903
E	218,7	159	130,7	266,3
Em	270,8	123	143,8889	894,5
Lhe	328,5	127	137	510,2
Lhes	395,3	133	149	529,3
Mas	623,4049	126	155,1	521
Me	350,6	185	155,8	522,7
Na	368,4	204	209,4	503,2
Nas	492,1	140	165,2	493,3
Nem	394,1111	215,25	207,625	317
No	296,3333	115	136,625	484,625
Nos Pron	401,7	109,1	102,8	428,9074
Nos Prep	373,5	104,1	123,3	502,5054
O	221,6667	144,6	94,22222	381,1
Os	312,7	58,77778	55,33333	479,3
Ou	399,3	142,4	129,4444	358,4
Para	732,6667	100,875	219,1111	353,5
Pois	462	135,6	258,3333	447,6
Por	294,9	80,9	126,3	628,9
Porque	419,6	217,5	229	314,3333
Que	319,7	132	168,8	458,9
Se Conj	382,9	166,6	137,6667	599,8
Se Pron	329,2222	153	150,8	522
Sem	442,4	321	196,2	437,4
Sob	552,3333	207	195,3333	414,241
Te	260,3	142,6	143,6	480,3333

⁶⁰ Os dados de duração apresentados são relativos a uma média aritmética do número de informantes e do número de realizações produzidas por eles.

⁶¹ É importante ressaltar que em contexto de foco, dependendo da informante, a palavra funcional foi produzida em posição inicial, medial, ou final de *I*, ou até mesmo compondo um *I*, sozinha, por ser produzida entre pausas, por isso não separamos os resultados.

⁶² A lacuna indica que tal palavra funcional não foi produzida nessa posição e contexto. Ver nota 50 no capítulo 3.

Um	249,7	139,5	127,4	228,5
Uns	321,5	129,6	152,6	375,6

Ao observar a tabela 1, podemos notar que as informantes produziram as sílabas, correspondentes às palavras funcionais, com maior duração nos contextos de foco, indiferente à posição em que foi produzida dentro de *I* nesse contexto, e em contexto neutro em posição final de *I*, quando comparadas as mesmas palavra funcionais em posição inicial ou medial⁶³ no mesmo contexto.

Na figura 2, apresentamos um exemplo de palavra funcional em posição final antes de pausa hesitativa em comparação a posição medial de *I*.

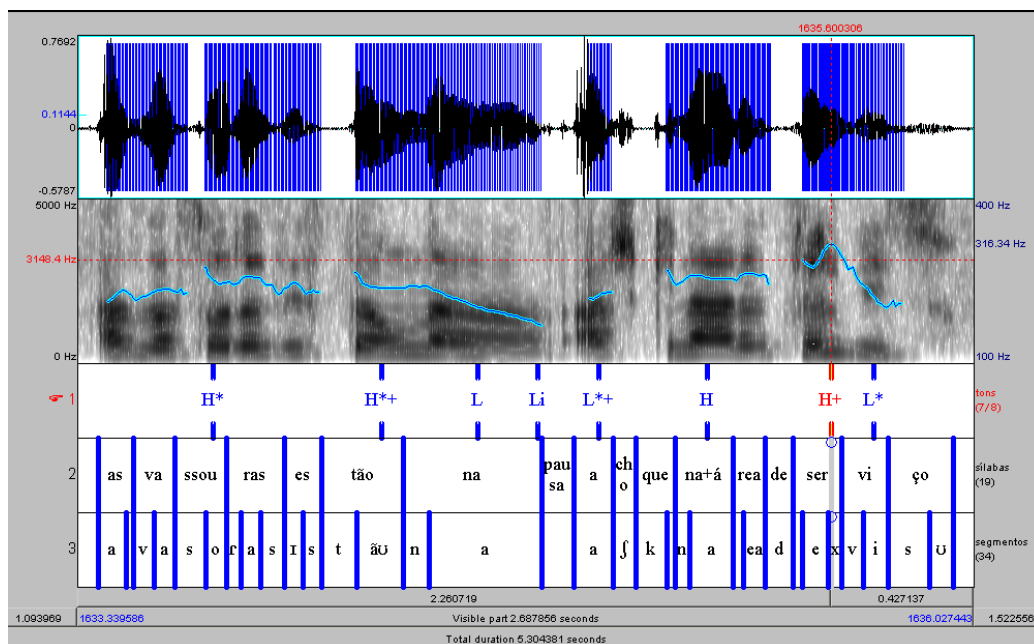


Figura 2: Preposição 'na' em posição final e medial de *I* em contexto neutro.

Podemos observar que na figura 2 a diferença entre a duração da preposição 'na' em posição final em relação à posição medial é consideravelmente maior, em torno de 415 milissegundos, enquanto em posição medial a duração é de 176 milissegundos, além do que, em posição medial de *I* em contexto neutro, a vogal final da preposição é

⁶³ As medidas da duração das palavras funcionais não foram comparadas com sílabas semelhantes acentuadas. Somente comparamos a duração entre as posições dentro de *I* e entre as mesmas palavras funcionais em contexto neutro e de focalização.

ressilabificada com a vogal da palavra seguinte sofrendo o processo de sândi externo da Degeminação, o qual será discutido nas próximas seções.

Na figura 3, a preposição ‘a’ está em posição final e posição inicial de *I* em contexto neutro, e assim como podemos notar na figura 2, também na figura 3, a duração da preposição em posição final é relevantemente maior do que em posição inicial. Em posição final o valor da duração da preposição ‘a’ é de 320 milissegundos, enquanto que em posição inicial é de 96 milissegundos, além do fato de que, em posição inicial, a preposição sofre processo de sândi externo Ditongação com a vogal da palavra seguinte.

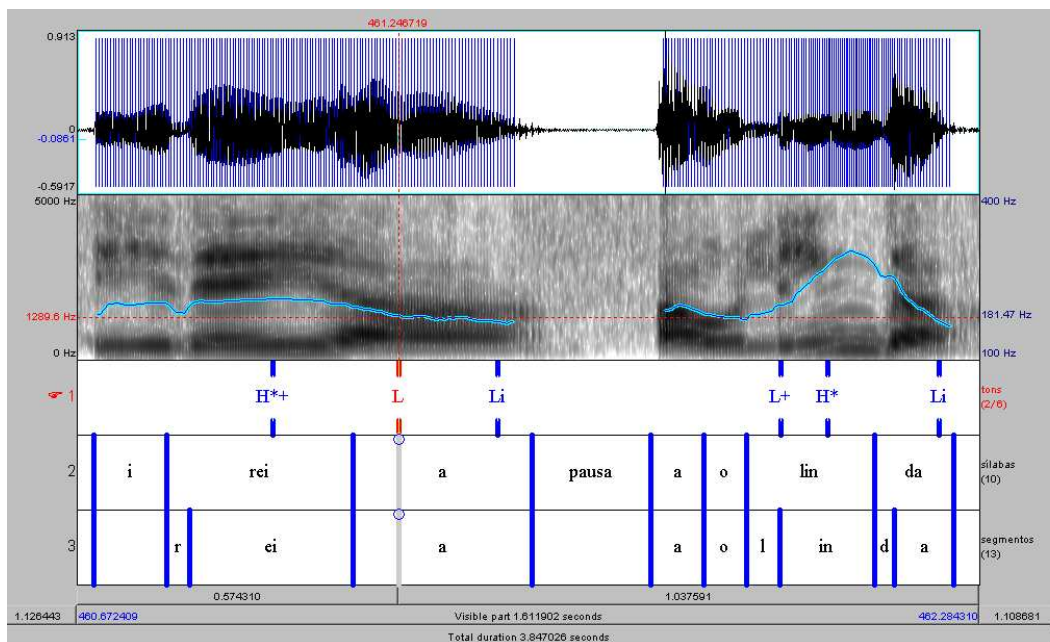


Figura 3: Preposição ‘a’ em posição final e inicial de *I* em contexto neutro.

Como podemos observar nos resultados apresentados na tabela 1 para a duração das palavras funcionais, além da posição final em contexto neutro, as palavras funcionais em contexto de foco também apresentam a duração com um valor maior se a compararmos com as posições iniciais e mediais de *I* em contexto neutro.

Na figura 4, a preposição ‘de’ é produzida no meio de *I* em contexto de focalização e o valor da duração é de 269 milissegundos.

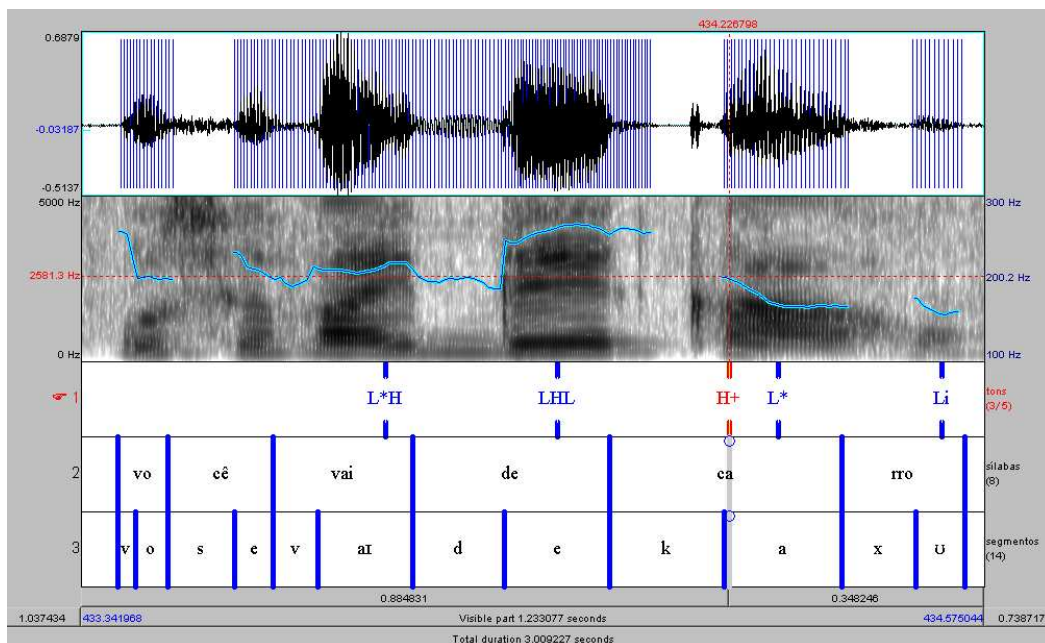


Figura 4: Preposição ‘de’ em posição medial de *I* em contexto de focalização.

Para comparar a duração da preposição ‘de’ em posição medial de *I* em contexto de focalização com a mesma posição em contexto neutro, apresentamos a figura 5.

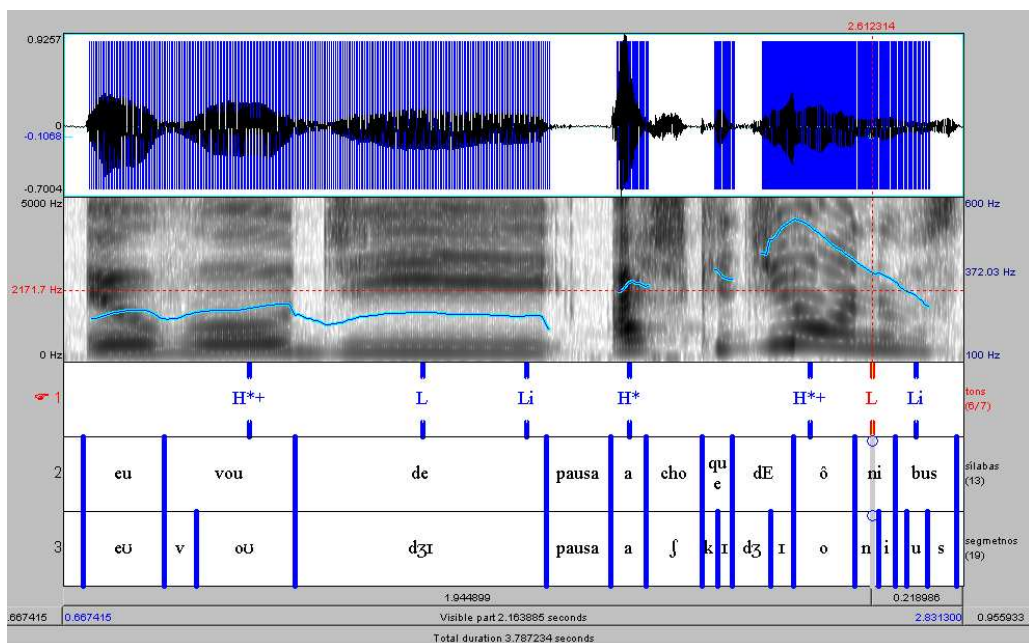


Figura 5: Preposição ‘de’ em posição final e medial de *I* em contexto neutro.

Na figura 5, temos a mesma palavra funcional em contexto neutro em posição final de *I* seguida de pausa hesitativa e, em seguida, em posição medial, seguida por uma palavra iniciada por vogal acentuada ‘ônibus’. Em posição final, o valor da duração é de 603 milissegundos, e, em posição medial, o valor é de 147 milissegundos. O valor da duração da palavra funcional em posição medial em contexto neutro é menor em relação à mesma posição em contexto de foco.

Em oposição à figura 4 que apresenta a preposição ‘de’ em contexto de focalização no meio de *I* sem pausas, na figura 6, a preposição ‘de’ é realizada entre pausas, compondo sozinha um *I*, com o valor da duração de 379 milissegundos.

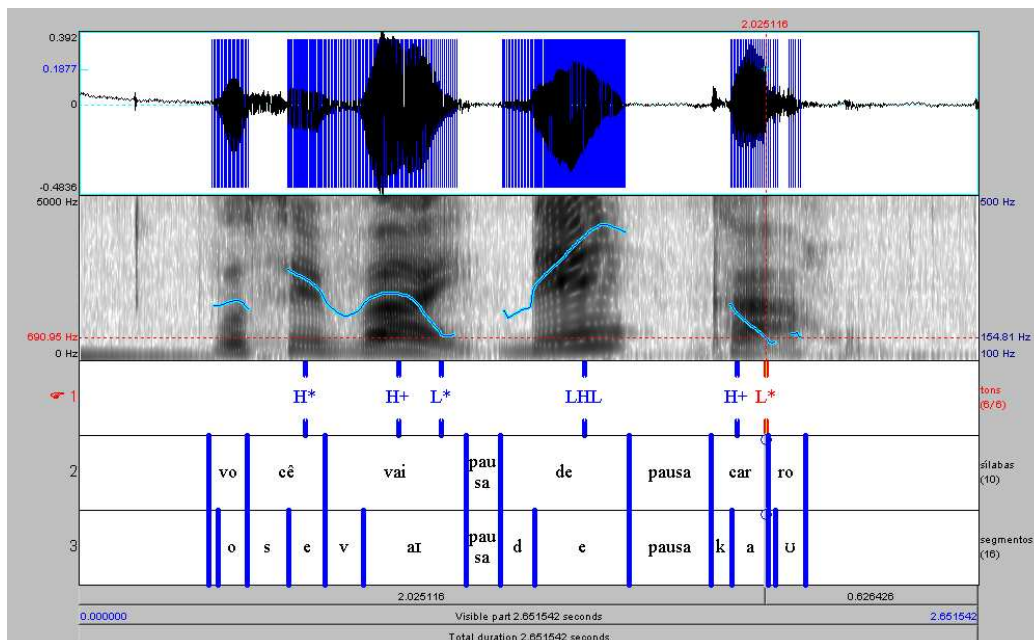


Figura 6: Preposição ‘de’ produzida entre pausas em contexto de focalização.

Quando comparados os valores da duração para a posição medial de *I* em contexto de focalização apresentada na figura 4, a duração na mesma posição em contexto neutro apresentada na figura 5, e a duração em contexto de focalização quando compõe sozinha um *I* na figura 6, podemos observar que o valor da duração da preposição ‘de’ em contexto neutro (147 milissegundos) é menor do que em contexto de focalização, tanto quando a palavra funcional está em posição medial (269 milissegundos) quanto no caso em que é produzida entre pausas (379 milissegundos).

As palavras funcionais que terminam em fricativa coronal surda ‘s’ apresentam duração menor, pois foi apenas considerado o valor da duração da vogal, como em ‘os, as, uns’, ou da vogal e da consoante anterior que a precede, como em ‘dos, das, lhes, mas, pois, nos, nas’, porque a consoante ‘s’ é ressilabificada com a vogal da palavra seguinte, como em ‘a.za.ra.ras’.

No caso das palavras funcionais dissilábicas ‘para’ e ‘porque’, não apresentamos as medidas das duas sílabas, somente das sílabas candidatas a receber acento primário, ‘pa’ de ‘para’ e ‘que’ de ‘porque’.

No geral, o que foi observado de relevante nos resultados encontrados para a duração é que, em posição final de *I* em contexto neutro, há um alongamento das palavras funcionais, ou seja, a duração é maior nessa posição. Entretanto, esse alongamento é característico de final de enunciado, e não pode ser tomado, isoladamente, como evidência de um reflexo de uma prosodização diferente, no caso das palavras funcionais produzidas nessa posição.

Também em contexto de focalização, a duração, quando comparada com o contexto neutro, nas mesmas posições, é relativamente maior. Entretanto, essa duração mais longa é esperada nesse tipo de contexto, pois é dada uma ênfase nas palavras funcionais focalizadas.

Apesar de os resultados indicarem que a duração é maior em posição final de *I* em contexto neutro e em contexto de focalização, independentemente da posição dentro de *I*, a duração por si não é suficiente para afirmarmos que as palavras funcionais produzidas nestes casos (foco e final de *I*) estariam recebendo algum tipo de proeminência pós-lexical, pois é esperado que em ambas as situações a palavra funcional seja alongada.

Na próxima seção, discutiremos a atribuição de evento tonal às palavras funcionais, a fim de encontrar evidências de uma prosodização diferente das palavras funcionais. A atribuição dos acentos tonais é relevante para este trabalho, pois o acento tonal só é atribuído a sílabas acentuadas lexicalmente e pós-lexicalmente, logo, podem revelar a presença de um acento pós-lexical associado aos dados da duração nas respectivas posições.

4.1.1.2. Descrição dos eventos tonais

Como discutido na seção anterior, as palavras funcionais produzidas em posição final de *I* em contexto neutro e em contexto de focalização, independentemente da posição dentro de *I*, apresentaram uma duração maior do que em relação à posição inicial e medial em contexto neutro. Entretanto, como já afirmado, somente a duração não pode ser evidência de uma prosodização diferente.

Uma evidência de que nesses casos as palavras funcionais estariam sendo prosodizadas como Palavra Prosódica é a atribuição de acento tonal pós-lexical, tanto em posição final de *I* em contexto neutro quanto em contexto de focalização.

Segundo Vigário (2003), os acentos tonais são associados a sílabas acentuadas (cf. Viana 1987; Frota 1994-2002; Falé 1995; Selkirk 1995; Vigário 1998, 1999), logo, elementos clíticos não recebem acento tonal, porém a presença de um acento tonal pode ser vista como evidência de que dada palavra tem o estatuto de acentuada no pós-léxico.

Com base nessas considerações e na busca de evidências de que em alguma posição ou contexto as palavras funcionais do PB possam ser prosodizadas de modo diferente, configurando-se como Palavras Prosódicas pós-lexicais, passamos, nesta seção, a investigar os eventos tonais das sentenças.

Na tabela 2, apresentamos os resultados para eventos tonais referentes à posição inicial de *I*.

Tabela 2: Eventos tonais em posição inicial de I em contexto neutro

Eventos tonais	Resultados
HL*	21%
H*L	21%
L*H	51%
L*	5%
H*	2%

Somente marcamos nessa tabela, os eventos tonais associados à primeira sílaba inerentemente tônica.

No exemplo apresentado na figura 7, o evento tonal começa com um tom baixo simples L associado à palavra funcional ‘*a*’ e se estende até a sílaba tônica ‘*de*’, formando um evento bitonal L*H, pois há uma subida que vai terminar na sílaba seguinte, entretanto o tom baixo é sobressalente no movimento de subida.

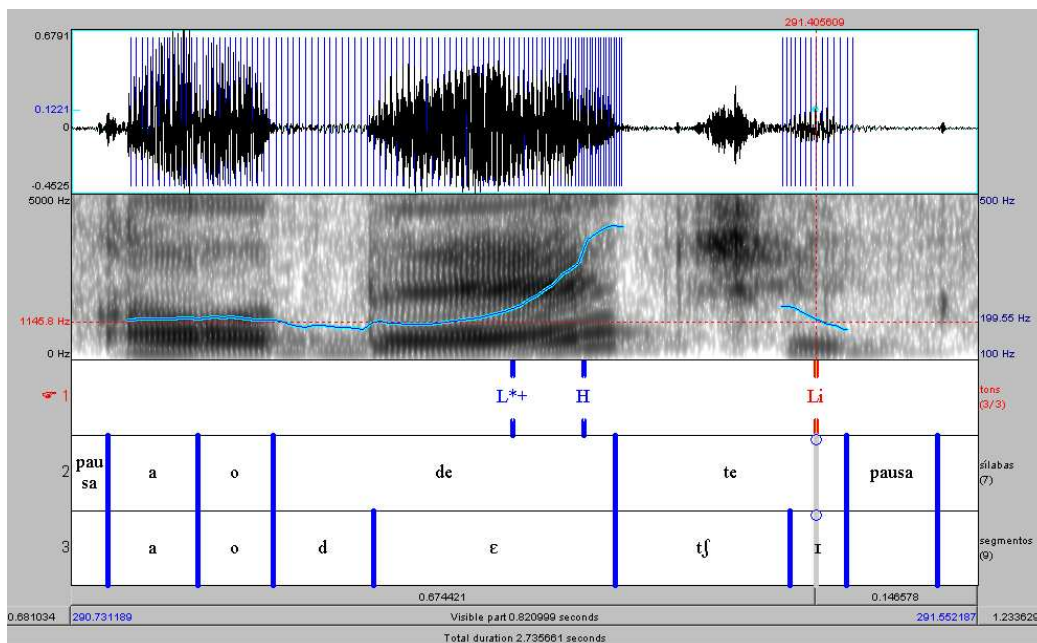


Figura 7: Artigo ‘a’ em posição inicial de I em contexto neutro.

Também o evento tonal inicial pode começar com um tom alto H associado à palavra funcional ‘a’, entretanto a primeira sílaba tônica recebe evento bitonal L*H, como pode ser observado na figura 8.

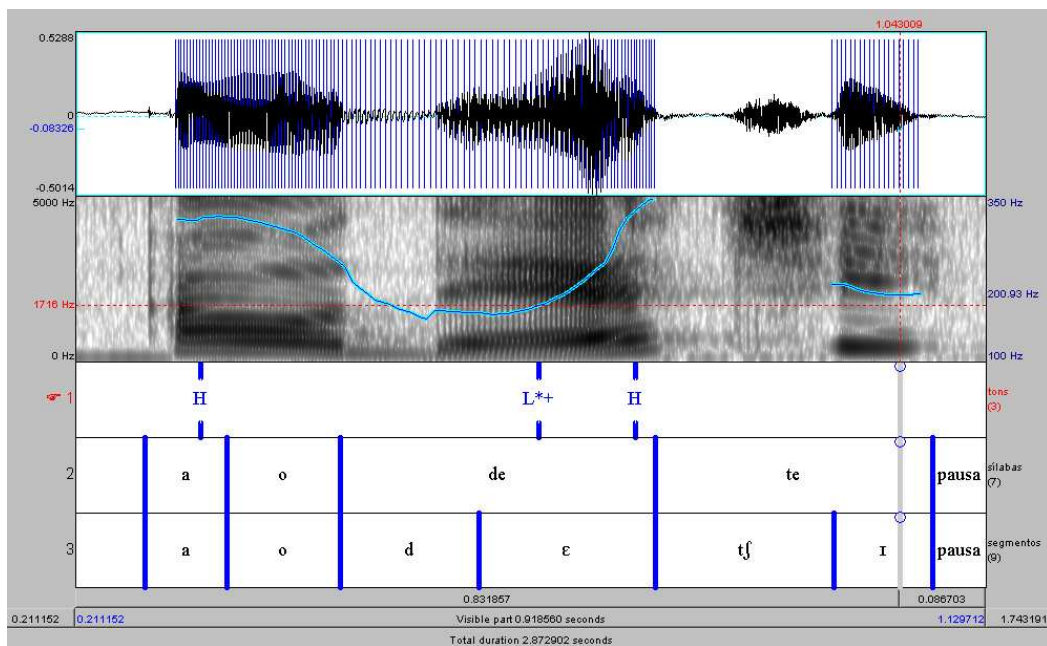


Figura 8: Artigo ‘a’ em posição inicial de I em contexto neutro.

Com base nos resultados relativos à posição inicial de *I* em contexto neutro, notamos que, no geral, o contorno relevante é o que está associado à primeira sílaba tônica da sentença e não à palavra funcional. Na maioria dos casos a primeira sílaba tônica recebe acento tonal ou bitonal, como podemos ver nas figuras 7 e 8, seja um evento bitonal L*H ou H*L.

Frota & Vigário (1999) interpretam o evento tonal inicial do PB como sendo H* (*apud* Tenani 2002). Tenani (2002) argumenta que ‘o tom LH* pode ser uma interpretação mais adequada para o evento tonal inicial em razão da estrutura entoacional do PB’ (p. 39-40).

Tenani levanta a questão da problemática em representar a distinção entre os tons acentuais H* e LH* a partir da representação fonética dos mesmos, pois o problema é interpretar quando o evento L é parte de um evento bitonal⁶⁴. Entretanto, a autora ressalta que o evento tonal de início de *I* é LH*, e argumenta em favor da importância do número de sílabas pretônicas para a distinção dos eventos tonais no início de *I*. Em estruturas com até duas sílabas pretônicas, um evento tonal é alinhado à sílaba tônica da estrutura de modo categórico, entretanto, segundo a mesma autora, pode ocorrer eventos simples como L* para a mesma sentença.

Com base em nossos dados, podemos observar nas figuras anteriormente apresentadas, a maioria dos eventos tonais associados à sílaba tônica em início de *I* é marcado por evento bitonal LH. No que se refere às palavras funcionais, podemos afirmar que as palavras funcionais em posição inicial de *I* em contexto neutro funcionam como sílabas pretônicas e não como Palavras Prosódicas independentes.

Com relação às palavras funcionais em posição medial de *I*, notamos que em nenhuma das ocorrências a palavra funcional recebe atribuição de evento tonal, somente recebem evento tonal a sílaba tônica anterior à ela e a sílaba tônica posterior, como pode ser observado na figura 9.

⁶⁴ Mais discussões sobre essa problemática, ver Tenani (2002).

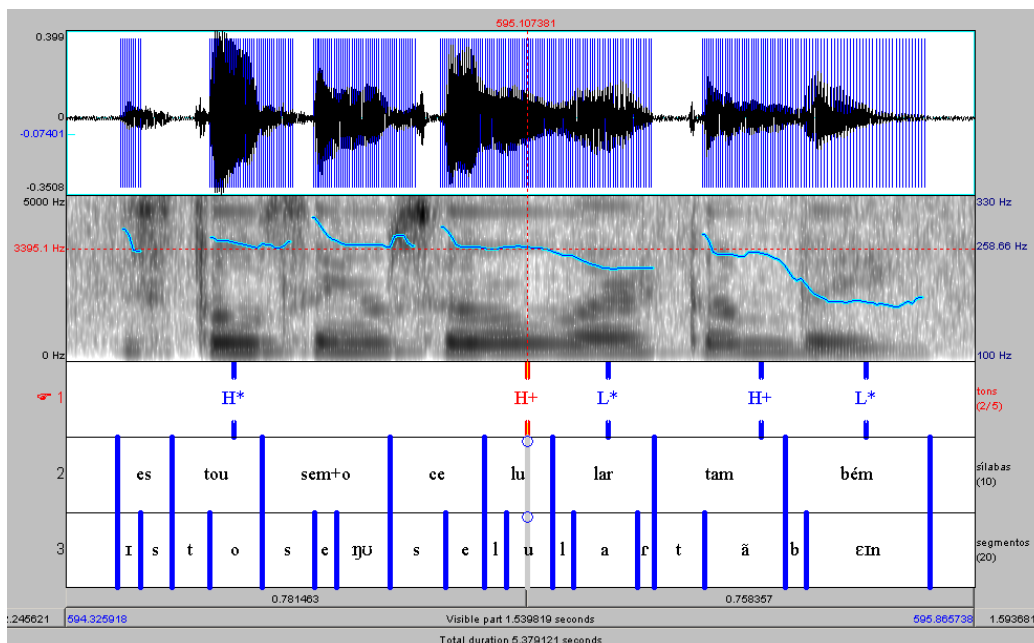


Figura 9: Preposição 'sem' em posição medial de I em contexto neutro.

No caso das palavras funcionais dissilábicas, quando não sofrem processo fonológico como a redução da vogal, essas palavras formam um pé e recebem acento, como consequência, recebem acento tonal, como podemos observar na figura 10.

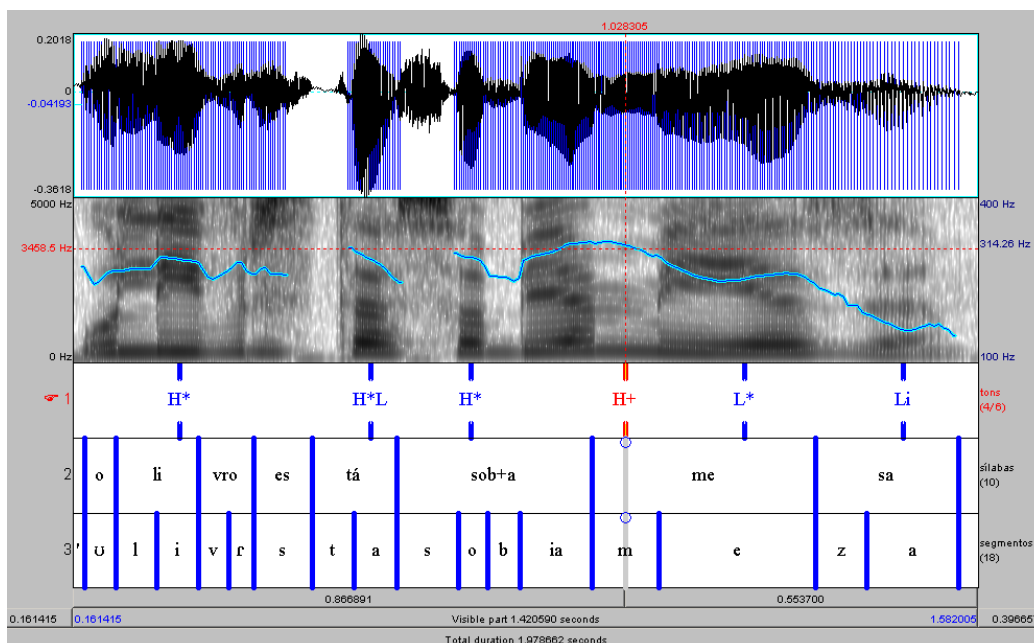


Figura 10: Preposição 'sob' em posição medial de I em contexto neutro.

Apesar de a preposição ‘*sob*’ terminar em ‘*b*’ mudo, no PB é comum inserirmos, na fala, uma vogal depois de consoantes mudas da escrita para otimizar a estrutura silábica CVCV. Então, a preposição deixa de ser palavra monossilábica e passa a palavra dissilábica, formando um pé e recebendo acento primário.

No geral, quando a palavra funcional está em posição medial de *I*, ela fica entre a transição de um evento tonal de uma sílaba tônica a outra sílaba tônica, não recebendo evento tonal.

Com base nos resultados, além de não termos encontrados valores significativos da duração para as palavras funcionais em posição medial de *I* em contexto, também não notamos a atribuição de evento tonal às palavras funcionais monossilábicas nessa posição. Já as palavras dissilábicas, quando estão em posição medial de *I*, se não sofrerem processos fonológicos que afetem a sílaba candidata a receber o acento primário, elas receberão acento primário e acento tonal, sendo prosodizadas como Palavras Prosódicas.

O que podemos concluir é que as palavras funcionais em posição medial de *I* em contexto neutro funcionam como sílabas átonas, sendo prosodizadas como clíticos.

Com relação aos resultados encontrados para os eventos tonais em posição final de *I* em contexto neutro, apresentamos os resultados encontrados.

Tabela 3: Evento tonal em posição final de I em contexto neutro

Evento tonal	Final de <i>I</i>
HL* Li	51%
H* Li	10%
LH* Li	21%
L* Li	2%
H*L Li	12%
L* Hi	4%

Em posição final de *I* em contexto neutro, marcamos o evento tonal da última sílaba tônica e o tom de fronteira final de *I*, marcado pelos tons Li ou Hi⁶⁵. Assim, a marcação HL* Li significa que o evento tonal HL* está associado à última sílaba tônica de *I* e Li está associado à preposição ‘*com*’, que está em posição final de *I*, como pode ser observado na figura 11.

⁶⁵ A marcação ‘i’ acompanhada de um tom L ou H quer dizer que aquele tom delimita a fronteira de *I*, em nossas marcações, mesmo que esse sintagma entoacional não seja o último do enunciado.

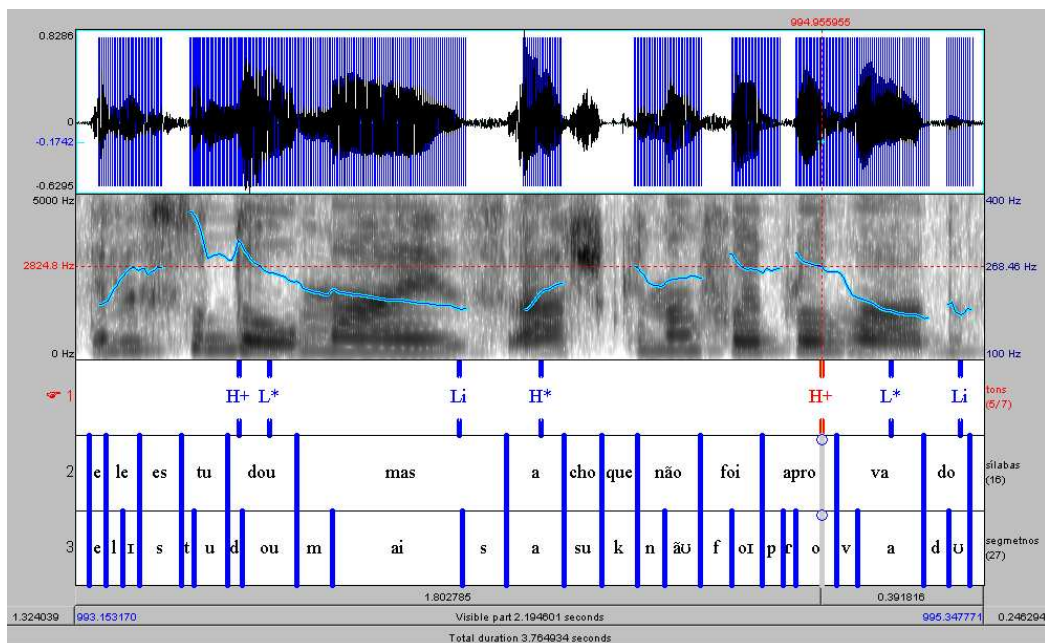


Figura 11: Preposição 'com' em posição final de *I* em contexto neutro.

As palavras funcionais dissilábicas em final de *I* em contexto neutro apresentam acento tonal quando não sofrem processos de redução vocálica, como pode ser observado na figura 12.

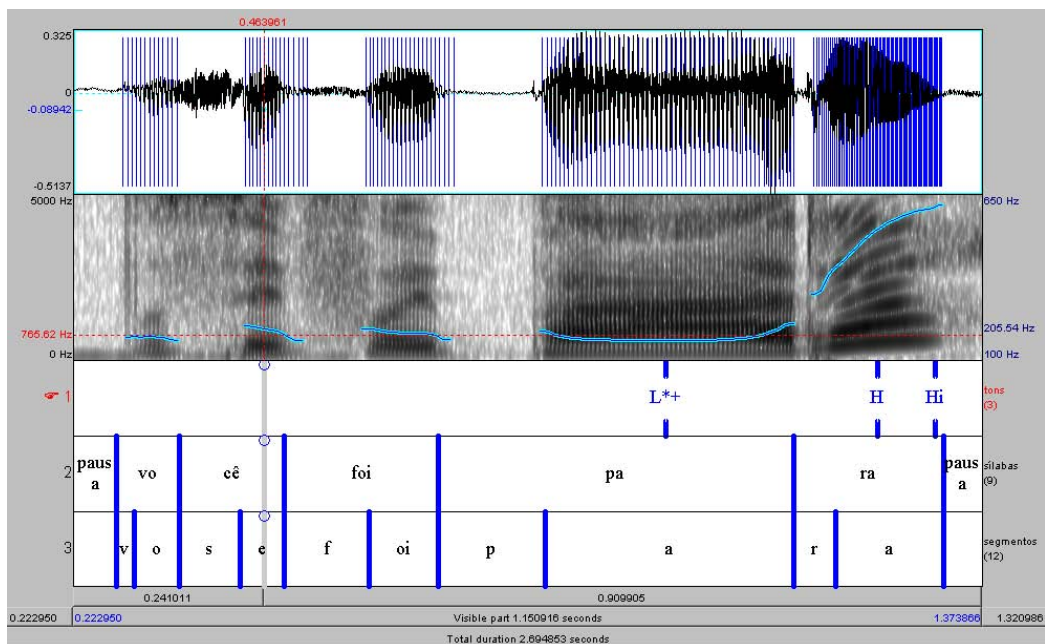


Figura 12: Preposição 'para' em posição de final de *I* em contexto neutro.

Na figura 12, a preposição ‘para’ está em posição final de uma sentença interrogativa, por isso o tom de fronteira final é Hi. Devido ao fato da palavra funcional dissilábica não ter sofrido processo de redução vocálica da sílaba candidata a portar acento primário, ela recebe acento tonal LH.

Segundo Cunha (2000), Frota & Vigário (2000) e Tenani (2002) (*apud* Fernandes 2007), o evento tonal associado à posição final de sentença neutra é o tom H+L* associado à sílaba tônica da cabeça do último ϕ .

Vigário (1999) afirma que somente os complementizadores podem ser prosodizados como Palavras Prosódicas no final de *I*, pois eles se tornam cabeça de *I* (núcleo) e recebem um acento tonal (cf. Frota e Vigário 1996). Além disso, se uma palavra funcional enclítica está na posição final de *I*, ela não recebe nem acento primário nem acento tonal, porque é incorporada à Palavra Prosódica precedente.

Com base nos dados apresentados relativos à posição final de *I* em contexto neutro, e considerando que a proeminência de *I* está associada à última sílaba tônica da sentença, concluímos que a palavra funcional, por ser átona, é prosodizada como clítico prosódico, necessitando se apoiar a um hospedeiro acentuado. Como não há um hospedeiro após a palavra funcional por ela estar em posição final de *I*, a palavra funcional é encliticizada à Palavra Prosódica anterior, a qual funcionará como hospedeiro. Nos casos em que a palavra funcional dissilábica em posição final não sofre redução vocálica, ela forma um pé e recebe acento, sendo prosodizada como Palavra Prosódica.

Definido o estatuto das palavras funcionais em contexto neutro com base na análise dos eventos tonais, passamos a analisar e discutir a prosodização das palavras funcionais em contexto de foco⁶⁶.

Frota (2000) e Vigário (1998) afirmam que, de um ponto de vista semântico, o acento de foco identifica foco estreito e contrastivo, e que as propriedades do acento de foco são de fenômeno pós-lexical. Vale lembrar que, em nossos dados, os contextos de foco privilegiam o foco contrastivo, pois para que as palavras funcionais fossem

⁶⁶ No que se refere ao acento de foco no quadro da Fonologia Entoacional, este tema foi extensivamente estudado no PE por Frota (1994, 1997, 2000), que analisou o acento de foco em sentenças afirmativas, e por Vigário (1997, 1998), em sentenças negativas e sob o escopo de outros advérbios, também. No PB, Fernandes (2007) estuda o acento de foco em sentenças afirmativas.

focalizadas, a situação sempre era de correção, pois normalmente não focalizamos artigos, preposições e conjunções.

Na tabela 4, apresentamos a atribuição tonal no contexto de foco, lembrando que os contextos em que as palavras funcionais estão inseridas se referem a contextos de foco contrastivo, e que, dependendo do contexto e do informante, as palavras funcionais foram realizadas em diferentes posições de *I* ou mesmo entre pausas. Em algumas ocorrências, as palavras funcionais sofrem ênfase, mas essa ênfase parece não se configurar como uma focalização⁶⁷.

Tabela 4: Evento tonal em contexto de foco

Evento tonal	Porcentagem
LHL	65,5%
LH	17,1%
Não foco	17,4%

Analisando os resultados da atribuição de evento tonal às palavras funcionais focalizadas, podemos perceber que, nesse tipo de contexto, o evento tonal se configura, em grande parte dos dados, como LHL, seja em início, meio, ou final de *I*, e principalmente quando a palavra funcional foi produzida entre pausas, formando sozinha um *I*.

Na figura 13, a palavra funcional é produzida em posição medial de *I*, entretanto é possível observar claramente o evento tonal LHL associado ao pronome ‘*nos*’, o que a configura como Palavra Prosódica.

⁶⁷ É importante ressaltar que, segundo Lucente (2008), entre outros autores, o evento tonal típico de foco estreito é LHL, e, apesar de nosso experimento requerer foco contrastivo, vamos assumir a mesma configuração para contexto de foco, mesmo porque não é nosso objetivo estudar a configuração entoacional de estruturas focalizadas.

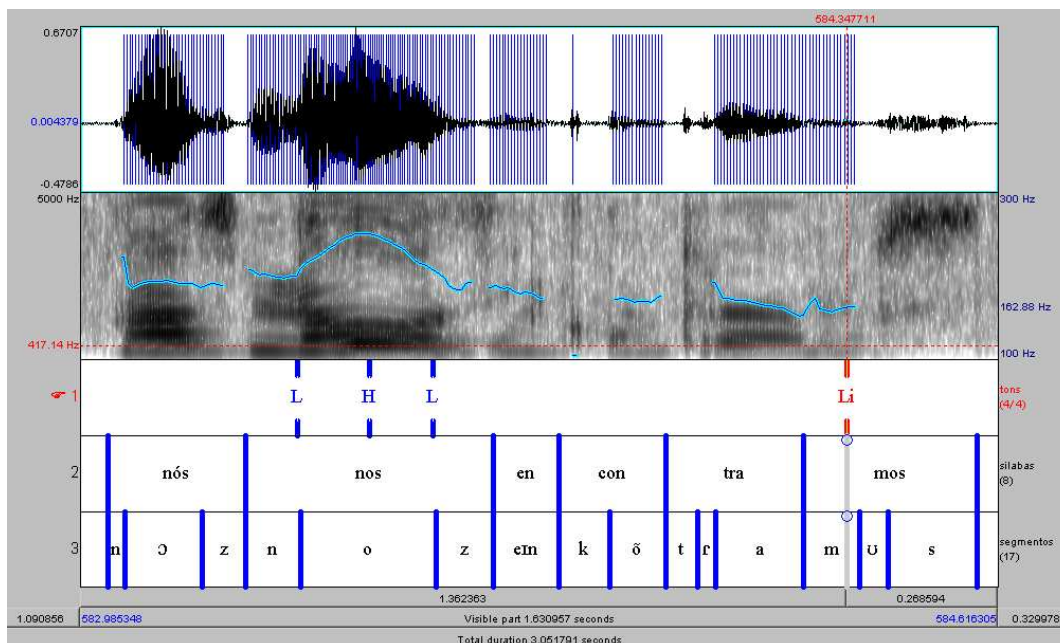


Figura 13: Pronome 'nos' em posição medial de *I* em contexto de focalização.

De modo geral, as palavras funcionais analisadas aparecem focalizadas e o evento tonal associado a elas é LHL, mesmo quando ela é produzida entre pausas (figura 1).

Em 17,1 % das ocorrências, notamos que o evento tonal se configura como LH, entretanto, as informantes parecem apenas ter colocado uma ênfase e não focalizaram a palavra funcional. Nas ocorrências (17,4%), as informantes não produziram as palavras funcionais nem focalizadas e nem enfatizadas.

Lucente (2008) argumenta que o evento tonal associado à palavra focalizada é LH seguido de uma descida L, e a particularidade desse contorno é que a sílaba tônica está alinhada ao pico de F0.

Fernandes (2007), ao estudar os eventos tonais atribuídos às Palavras Prosódicas em sentenças neutras e sentenças focalizadas, afirma que em sentenças neutras, o evento tonal característico é L*+H associado às sílabas tônicas e H+L* Li associado à última sílaba tônica de *I*; em sentenças em que há a focalização, o evento tonal L*+H é associado à Palavra Prosódica cabeça de ϕ e Lp é o acento frasal associado a última sílaba de ϕ .

Com base na literatura sobre a marcação de foco no PB, podemos concluir que o acento tonal associado à palavra funcional focalizada é o mesmo que caracteriza a

focalização de palavras lexicais. Assim, consideramos que nos casos em que as palavras funcionais do PB estão sob focalização e recebem acento tonal LHL, elas serão prosodizadas como Palavras Prosódicas, independente de serem dissilábicas ou monossilábicas, pois o que caracteriza as monossilábicas como Palavra Prosódica é o fato de receber proeminência pós-lexical.

Em suma, podemos concluir que os eventos tonais são evidências de que em contexto de focalização a palavra funcional não acentuada lexicalmente recebe proeminência pós-lexical, sendo, portanto, prosodizada como Palavra Prosódica independente.

Entretanto em posição final de *I*, os dados não mostraram que as palavras funcionais são prosodizadas de modo diferente, isso porque na maioria das ocorrências o contorno é semelhante ao contorno final de sentença neutra H+L* Li, conforme observado por Tenani (2002) e Fernandes (2007), o que sugere que as palavras funcionais funcionam como sílabas átonas em posição final.

Como sílabas átonas, e apesar de serem independentes morfologicamente da palavra anterior, os dados sugerem que as palavras funcionais do PB em posição final de *I* são enclíticas à palavra prosódica anterior, visto que falta uma sequência fônica seguinte à palavra funcional para que a próclise ocorra. É importante ressaltar que não pretendemos discutir a ênclise sintática no PB, pois a ênclise que ocorre nesse caso é prosódica.

Com relação às demais posições em contexto neutro, não encontramos evidências de uma prosodização diferente, exceto no caso das palavras dissilábicas.

No que se refere às posições inicial e medial de *I* em contexto neutro, concluímos que não há atribuição de evento tonal às palavras funcionais nesses casos, logo elas são prosodizadas como sílabas átonas, clíticas, que vão se adjungir a um hospedeiro por meio da próclise. Entretanto vale ressaltar, que foge dos objetivos desse trabalho discutir a direção de cliticização do PB, ficando essa questão para desdobramentos futuros.

A seguir apresentaremos os resultados para a ocorrência de processos fonológicos envolvendo as palavras funcionais.

4.1.2. Processos fonológicos

Nesta seção apresentamos os processos fonológicos que são aplicados nas palavras funcionais, tais como redução da vogal, sândi vocálico, vozeamento da fricativa e *tapping*, a fim de encontrar evidências do seu comportamento prosódico e do modo como são prosodizadas.

4.1.2.1. Redução da vogal: elevação das vogais /e/ e /o/

Vigário (1999) considera os processos de redução da vogal como uma das pistas primárias para identificar o comportamento prosódico das palavras funcionais como clíticos prosódicos, pois a redução da vogal é tomada como evidência do caráter átono da palavra funcional, visto que esse processo fonológico só ocorre em sílabas átonas (cf. Vigário, 1999).

No PB, duas regras de redução vocálica ativa são a regra de elevação das vogais /e/ e /o/⁶⁸ e a harmonização vocálica.

Segundo Bisol (2003), a pauta vocálica tônica do PB é estabelecida em sete vogais /i, u, e, o, ε, ɔ, a/, entretanto, o sistema vocálico se reduz nas pautas pretônicas e postônicas por neutralização, ou seja, uma vogal perde o traço que a distingue de outra semelhante, como por exemplo /o/ e /u/. Na pauta pretônica temos cinco vogais /i, u, e, o, a/, pois as vogais /e, ε/ e /o, ɔ/ perdem a distinção, enquanto na pauta postônica não-final e final, temos apenas três /i, u, a/, pois as vogais /o, u/ e /e, i/, também perdem a distinção entre si.

Bisol ressalva que a elevação gradual das vogais (ε, ɔ > e, o > i, u) ocorre de acordo com o grau de enfraquecimento da sílaba, ou seja, as pretônicas são menos fortes em relação às tônicas, e as postônicas são as mais fracas. Como a atribuição do valor forte/fraco às sílabas decorre do fato de elas portarem acento primário ou não, os processos de redução vocálica, como a harmonização vocálica e a neutralização da átona final, têm por domínio a Palavra Prosódica.

⁶⁸ A interpretação da regra de elevação das vogais /e/ e /o/ como neutralização das átonas, deve-se a Câmara Jr. (1977), segundo Bisol (2003).

Já a regra de harmonização vocálica também é caracterizada pela elevação das vogais /e/ em /ɪ/ e /u/ em /ʊ/, quando a sílaba subsequente contém uma vogal alta como /i/ e /u/, como em ‘p[e]pino ~ p[ɪ]pino’, e ‘c[o]turno ~ c[ʊ]turno’.

Como podemos observar, a regra de harmonização das vogais pretônicas e a elevação da vogal final, como em ‘menino’ /m̩ˈninʊ/ ocorrem dentro do domínio da Palavra Prosódica.

Entretanto, somente a regra de elevação das vogais /e/ e /o/ tem como domínio de aplicação a sequência ‘clítico+hospedeiro’, como podemos observar na sequência ‘me aguarde’ /m̩ˈaɡʊardʒɪ/ (cf. Bisol 2005, e Brisolara 2008).

Nesse caso, a elevação da vogal /e/ não pode ser confundida com a regra de harmonização, pois tal regra ocorre independentemente da vogal da palavra subsequente ser alta ou não, como em ‘me leva ~ m[ɪ] l[ɛ]va’, em que a vogal subsequente é média baixa. Outro fato que corrobora a afirmação de que a elevação da vogal não pode ser confundida com a harmonização é o fato de a primeira ocorrer na sequência clítico+hospedeiro ou hospedeiro+clítico, como em ‘m[ɪ] aguarde’, pois a regra de harmonização só ocorre dentro do domínio da Palavra Prosódica, como em ‘p[e]pino ~ p[ɪ]pino’ (cf. Bisol 2005).

Bisol (2005) afirma que, nos dados analisados por ela, a vogal do clítico eleva-se independentemente da vogal seguinte, pois o clítico não se comporta como uma sílaba pretônica, como no caso da harmonização vocálica, mas como átona final, sofrendo, nessa posição, apenas a neutralização da vogal.

Ao analisar os resultados do nosso *corpus*, notamos que a elevação das vogais ocorre independentemente da vogal da sílaba seguinte, o que corrobora a afirmação de Bisol de que o clítico não se comporta como sílaba pretônica para a aplicação da harmonização vocálica, mas como átona final, propiciando também a ocorrência da neutralização da átona final.

Ainda sobre o processo de redução da vogal, Vigário (2003) afirma que, no que se refere às vogais altas, elas podem sofrer semivocalização quando seguidas por uma vogal. Observe os exemplos de Vigário em (1).

- (1)
- | | |
|----------------------------------|------|
| a. a blusa azul e amarela | [jɐ] |
| b. queria ver o animal | [wɐ] |
| c. a pele do animal | [wɐ] |

Nesses casos, tanto no PE, quanto no PB, a palavra funcional, na maioria das ocorrências, forma um ditongo com a vogal da palavra seguinte, além de se tornar uma semivogal. Vale ressaltar que o processo que Vigário (2003) denomina de semivocalização, iremos tratá-lo como elevação das vogais altas do PB.

Das palavras funcionais apresentadas no quadro 2, a grande maioria está sujeita a sofrer elevação da vogal.

(2) Palavras funcionais que sofrem redução vocálica

artigo definido	o [o] ~ [u], os [os] ~ [us]
preposição	ao [aʊ] com [kõ] ~ [kũ] ~ [kɯ], de [de] ~ [dʒɪ], do [do] ~ [dʊ], dos [dos] ~ [dʊs], em [eĩ] ~ [ɪ], no [no] ~ [nʊ], nos [nos] ~ [nʊs], para [para] ~ [pra], por [por] ~ [pʊr]
conjunção	e [e] ~ [ɪ], porque [porke] ~ [porkɪ] ~ [pʊrkɪ], que [ke] ~ [kɪ], se [se] ~ [sɪ]
pronome pessoal	lhe [ʎɛ] ~ [ʎɪ], lhes [ʎɛs] ~ [ʎɪs], me [me] ~ [mɪ], nos [nos] ~ [nʊs], se [se] ~ [sɪ], te [te] ~ [tɪ]
pronomes interrogativos	que [ke] ~ [kɪ]
pronome relativo	que [ke] ~ [kɪ]

No caso da preposição ‘*para*’ a vogal ‘a’ da sílaba /pa/ é quase apagada, mas na análise acústica, ainda é possível encontrarmos vestígios da presença dessa vogal. Observe a figura a seguir.

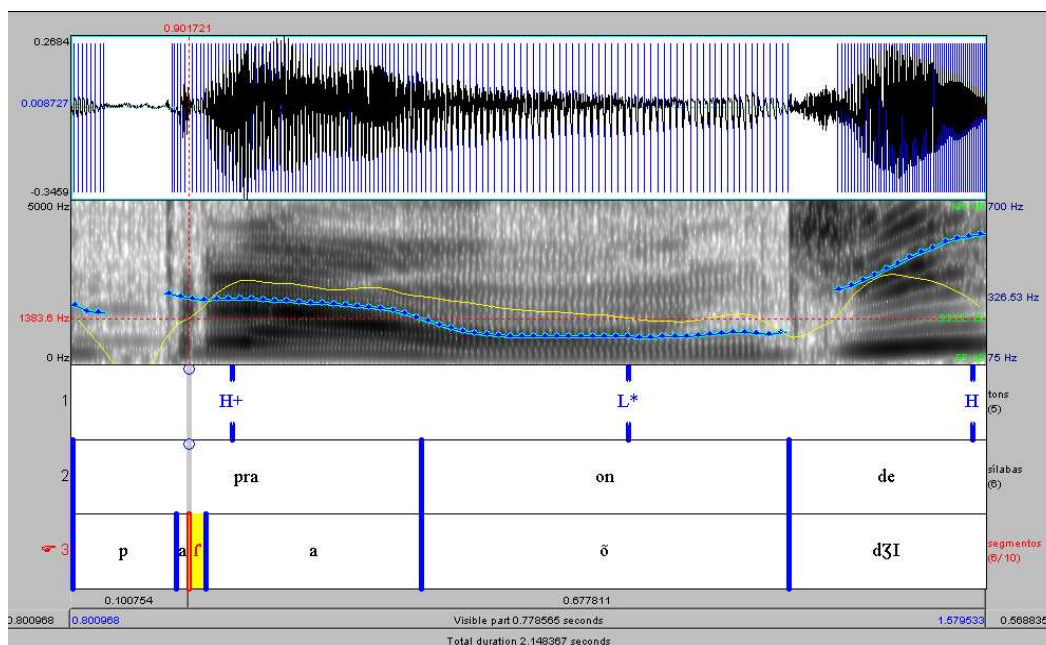


Figura 14: Preposição ‘para’ em posição medial de I em contexto neutro.

Em (3), apresentamos os exemplos do nosso *corpus* das palavras funcionais do PB que sofrem elevação da vogal.

- (3)
 1. Artigos definidos
 - 1.1. Não vi o ônibus passar, não.
[ɔ̃'o.ni.bus]
 - 1.2. Os amortecedores também?
[ɔ̃.sa.mor.te.se.'do.res]
 2. Conjunção
 - 2.1. A Maria e a Edna foram ao baile.
[iã.'ɛ.dʒɪ.na]
 - 2.2. Ele pensa que ainda vou continuar o trabalho depois de tudo.
[kɪã.ĩ.da]
 - 2.3. Não sei se ele me viu.
[ʃɪ.'e.le]
 - 2.4. Prefiro consertar meu computador velho, até porque eu acho que não preciso de um novo.
[por.kɪ.'eũ]
 3. Preposição
 - 3.1. Essa saia combina com a blusa amarela.
[kɔ̃ã.'blu.za]
 - 3.2. Eu vou de... Acho que de ônibus também.
[dʒɪ.'o.ni.bus]

- 3.3. Nós estamos pensando **em** organizar um time de futebol.
[ĩ.or.ga.ni.'zar]
- 3.4. Você vai **por** essa rua até o final e vira à direita.
[pũ.'rɛ.sa]
- 3.5. Esse carro é **do**... Acho que **do** Osvaldo.
[dũ.ã.to.niũ]
- 3.6. Acho que são **dos** ... Elas são **dos** arruaceiros da rua.
[dũ.za.xũa.'sɛĩ.rũs]
- 3.7. As roupas não estão **no**... Acho que **no** armário do corredor.
[nũ.ar.'ma.riũs]
- 3.8. As roupas não estão **nos**... Acho que **nos** armários dos quartos.
[nũ.zar.'ma.riũs]
- 3.9. Você foi **para** onde?
[pra.'õ.dʒĩ]
4. Pronome pessoal
- 4.1. Eu peço que **me** aguarde.
[mĩ.a.'gũar.dʒĩ]
- 4.2. Eu vou **te** amar para sempre.
[tʃĩ.a.'mar]
- 4.3. **Se** arrumou para a festa, o João?
[sĩ.a.xu.moũ]
- 4.4. O gerente **nos** arrumou o empréstimo.
[nũ.za.xu.'moũ]
- 4.5. Ele **lhe**... Espera aí, ele **lhe** arranhou outro?
[ʎĩ.a.xã.ʒoũ]
- 4.6. E então? **Lhes** emprestou algo?
[ʎĩ.zɛĩ.pres.toũ]

A seguir apresentamos os resultados para as palavras funcionais nas três posições do *I*.

Tabela 5: Redução da vogal e posições em I em contexto neutro

Palavra funcional	Início de <i>I</i>	Meio de <i>I</i>	Fim de <i>I</i>
Com	5/10 - 50%	5/10 - 50%	0/10 - 0%
De	10/10 - 100%	10/10 - 100%	9/10 - 90%
Do	9/10 - 90%	10/10 - 100%	5/10 - 50%
Dos	10/10 - 100%	8/10 - 80%	8/10 - 80%
E	10/10 - 100%	10/10 - 100%	10/10 - 100%
Lhe	8/10 - 80%	10/10 - 100%	6/10 - 60%
Lhes	3/10 - 30%	4/10 - 40%	2/10 - 20%
Me	8/10 - 80%	10/10 - 100%	8/10 - 80%
No	8/10 - 80%	10/10 - 100%	9/10 - 90%
Nos pron	9/10 - 90%	9/10 - 90%	9/10 - 90%
Nos prep	6/10 - 60%	9/10 - 90%	10/10 - 100%
O	10/10 - 100%	9/10 - 90%	10/10 - 100%

Os	8/10 – 80%	9/10 - 90%	8/10 – 80%
Para	6/10 – 60%	8/10 - 80%	0/10 – 0%
Por	9/10 - 90%	4/10 - 40%	6/10 – 60%
Porque	5/10 - 50%	3/10 - 30%	4/10 – 40%
Que	0/5 – 0%	8/10 - 80%	10/10 – 100%
Se conj	3/10 - 30%	7/10 - 70%	10/10 – 100%
Se pron	10/10 - 100%	10/10 - 100%	10/10 – 100%
Te	10/10 - 100%	10/10 - 100%	8/10 – 80%

Levando em conta os resultados apresentados na tabela 5, podemos notar que as palavras funcionais em (2) sofrem a elevação da vogal final em quase todas as realizações em contexto neutro, tanto em início, quanto em meio e fim de *I*.

A preposição ‘*com*’ em contexto neutro, quando em posição inicial e medial de *I* aparece seguida pelo artigo feminino ‘*a*’, assim, além de ter sua vogal elevada em 50% das ocorrências nas duas posições, a vogal reduzida forma com o artigo um ditongo, gerando a forma /kũã/. Já em posição final, não há ocorrência de elevação, talvez por estar recebendo proeminência do domínio de *I* ou por estar mais alongada, lembrando que esse alongamento é característico de final de enunciado, e não pode ser evidência de uma prosodização diferente, como já afirmado nas seções anteriores.

Em alguns casos quando aparece seguida por artigo, a preposição pode perder sua vogal nasalizada gerando as formas reduzidas ‘*com+a* [ka]’, ‘*com+o* [ko ~ kũ]’, ‘*com+os* [kos ~ kus]’, ‘*com+a* [kas]’. Esse tipo de redução vocálica não pode ocorrer com palavras lexicais como ‘*dom*’, ‘*som*’, por exemplo, quando seguidas por artigo, ‘*dom+a* *[da]’ ou ‘*som+a* *[sa]’. No nosso *corpus*, não foi encontrado nenhuma ocorrência desse tipo de variação das preposições, e talvez isso se deve ao fato do *corpus* ser baseado em leitura, o que poderia ter aumentado o grau de formalidade da produção das falantes. Sobretudo é comum observarmos a redução dessas preposições em fala espontânea, principalmente quando seguidas por artigo definido.

Os dados referentes à preposição ‘*de*’ apontam que ela também sofre elevação vocálica, além de sofrer a palatalização da plosiva alveolar ‘*d*’ /dʒ/. A elevação ocorre em todas as realizações (100%) quando a preposição está em posição inicial e medial de *I* em contexto neutro, e em posição final, a redução ocorre em 90% das

ocorrências. A palatalização⁶⁹ da preposição ‘de’ parece ser uma regra independente da posição que ocupa dentro de *I*, assim como a regra de elevação da vogal /e/.

Para as variantes ‘do’ e ‘dos’, os resultados em contexto neutro para a posição inicial são de 90% para a variante singular e 100% para a plural. Já em posição medial, os resultados são diferentes, 100% para a variante ‘do’ e 80% para ‘dos’, enquanto que, em posição final, a ocorrência é menor, 50% para a preposição ‘do’ e 80% para ‘dos’.

Assim como os dados apresentados por Vigário (1999) para o PE, a conjunção ‘e’ em PB forma um ditongo com a vogal seguinte, transformando-se em uma semivogal após sofrer a regra de elevação. Em todas as posições de *I*, a conjunção ‘e’ sofre 100% de aplicação da regra de elevação.

Com relação ao pronome ‘lhe’ e sua forma plural ‘lhes’, notamos que a forma singular sofre uma maior aplicação da regra nas diversas posições de *I* em contexto neutro, início (80%), meio (100%), e fim (60%), enquanto que com a forma plural a regra se aplica, em 30%, em posição inicial; em 20%, em posição final; e, em posição medial, em 40%.

Os resultados encontrados para o pronome ‘me’ mostram que a regra também ocorre sem exceção, inclusive em todas as posições de *I*. Uma aplicação maior (100%) foi notada quando o pronome se encontra em posição medial, enquanto que em posição final e inicial, a aplicação ficou em torno de 80%.

Ainda em relação aos pronomes, os resultados encontrados para o pronome ‘nos’ revelam que a elevação se dá em 90% das realizações, quando esta palavra funcional se encontra em posição inicial, medial e posição final. Vale lembrar que de um modo geral os pronomes pessoais átonos quase não são usados na língua falada na variedade informal, pois os falantes de PB acabam usando outras expressões como ‘a gente’ ou ‘nós’ acompanhado de preposição, como por exemplo ‘O gerente arrumou o empréstimo para a gente’ ou ‘O gerente arrumou o empréstimo para nós’.

No caso das preposições ‘no’ e sua forma plural ‘nos’, notamos que a elevação ocorre em posição inicial, em 80% das ocorrências da forma singular e 60% da forma plural. Em posição medial, em 100% das realizações da preposição na forma

⁶⁹ Vale lembrar que na variedade analisada, a regra de palatalização de /t/ e /d/ é usada livremente pelos falantes.

singular, e 90% para a forma plural; já em posição final, em 90% para a forma singular, e, para a forma plural, 100%.

Outro par de variantes singular/plural⁷⁰ analisados são os artigos ‘o’ e ‘os’. No caso do artigo ‘o’, ele sofre redução em 100% das ocorrências quando em posição inicial e final de *I*. Em posição medial, ambas formas singular e plural sofrem redução de 90% das ocorrências. Já a forma plural sofre redução em 80% das ocorrências em posição inicial e final.

No caso do ‘para’, é comum notarmos, tanto na oralidade quanto na escrita, o uso da variante reduzida /pra/ e até mesmo /pa/, pelo menos na língua falada, e combinações como /pru/, /pra/, /pras/, /pro/, /pros/, /pó/⁷¹. No entanto, apesar de em nosso experimento trabalharmos com dados de fala, encontramos somente a variante ‘pra’. Em posição inicial, a redução da vogal /a/ ocorre em 60% das realizações, em posição medial, 80%, e em posição final, a vogal da preposição não é reduzida em nenhuma das realizações. Talvez a baixa ocorrência do processo seja por causa do grau de formalidade da gravação (leitura), no entanto essa questão não será investigada neste trabalho ficando para pesquisas futuras⁷².

A preposição ‘por’ sofre redução em 90% das realizações em posição inicial, 40% em posição medial, e 60% em posição final de *I*.

Já a conjunção ‘porque’ sofre elevação da vogal, tanto na sílaba ‘que’ quanto na sílaba ‘por’. Quando está em posição inicial, a sílaba ‘que’ tem sua vogal elevada em 50% das ocorrências; em posição medial, 30%, e em posição final, 40%. Em algumas ocorrências, a vogal final da sílaba ‘que’ sofre DT com a vogal que inicia a palavra seguinte, como podemos observar no exemplo ‘Até porqu[ɪ]eu não acho que preciso de um novo’, entretanto discutiremos esse processo de sândi nas seções seguintes.

⁷⁰ Não é possível afirmar quais fatores estariam influenciando na diferença de resultado entre as variantes singular e plural ‘do, dos, na, nas, no, nos, a, as, o, os’, visto que a regra de elevação da vogal é possível tanto com uma forma, quanto com outra. É possível que, no caso dos pronomes, a frequência de uso esteja influenciando a variação da realização da vogal. No entanto, a investigação dessa variação foge ao objetivo desse trabalho, ficando para trabalhos futuros.

⁷¹ Segundo Bisol (2005), tais variações indicam uma mudança em andamento, mas a prevalência é da variante ‘pra’.

⁷² É importante ressaltar que as variantes reduzidas têm sido muito usadas pelos falantes de PB, e é possível notar também a presença na língua escrita também. Bisol (2005), ao analisar a variedade falada em Porto Alegre já afirma que as variantes citadas indicam uma mudança em andamento. Acredito que o mesmo esteja ocorrendo com as palavras funcionais investigadas ao sofrer redução vocálica, no entanto investigar essa hipótese não é nosso objetivo, ficando para trabalhos futuros.

A preposição ‘para’ e a conjunção ‘porque’ merecem nossa atenção por estarem sofrendo processos de redução ou de apagamento da vogal nas sílabas que seriam candidatas a receber acento primário. Assim, podemos concluir que tais palavras não se configuram como Palavras Prosódicas, pois estão sofrendo mudanças na sua configuração prosódica ao tornarem clíticas.

Analisando o pronome ‘que’ como relativo, notamos que ele sofre a elevação da vogal final quando, em posição medial ‘*Dêem-me dois cadernos qu[ɪ] eu vou levar*’ e em posição inicial ‘*Qu[ɪ] é chato esse programa!*’. Em posição final, a redução é opcional, como em ‘*Você não se lembra do dinheiro qu[e ~ ɪ]... do dinheiro que você deve para mim?*’.

A redução também é possível quando o pronome ‘que’ é interrogativo, como em posição inicial, ‘*Qu[ɪ] ele está fazendo?*’; e em posição medial, ‘*Eu não sei o qu[ɪ] ele falou*’. Entretanto em posição final, a elevação não ocorre, como podemos observar em ‘*Ele quer o qu[e]?*’, pois a vogal é realizada como forte.

No caso da conjunção ‘que’, a regra de elevação ocorre com maior frequência nas posições medial (80%) e final (100%). Apesar de não termos dados referentes à posição inicial de *I*, é possível que a regra ocorra independente do segmento que segue a conjunção.

Com relação ao pronome ‘se’, notamos que a redução ocorre em 100% das ocorrências em todas as posições de *I* em contexto neutro, pois a consoante fricativa favorece a elevação da vogal /e/.

Ao contrário do pronome ‘se’, a conjunção ‘se’ sofre a regra de elevação em 70% em posição medial, em 100% em posição final, e em posição inicial, apenas em 30% das ocorrências.

Para finalizar, o pronome ‘te’ tem sua vogal elevada em todas as ocorrências quando em posição inicial e medial (100%), enquanto em posição final, a ocorrência da regra se dá em apenas 80% dos casos. Além da elevação vocálica, o pronome ‘te’ sofre palatalização da consoante /t/ ~ /tʃ/. É importante notar que o processo de palatalização atinge as consoantes /t/ e /d/ diante de vogal alta.

No geral, pudemos notar que a regra de elevação da vogal ocorre em qualquer posição de *I*, sem restrições, no entanto, encontramos uma maior frequência de

ocorrências nas posições inicial e medial. O menor número de ocorrências em posição final poderia ser explicado pela presença de pausa ou por influência da fronteira do domínio prosódico *I*, entretanto investigar tais hipóteses foge do objetivo desse trabalho.

Ao observar a aplicação da regra de redução vocálica em questão, pudemos concluir que a regra de elevação da vogal alta é considerada a principal evidência do caráter átono das palavras funcionais apresentadas em (2), pois tal regra de redução vocálica só ocorre em vogais átonas, segundo Vigário (1999), logo, são prosodizadas como clíticos.

Na tabela 6, apresentamos os resultados encontrados em nosso *corpus* para as palavras funcionais em contexto de foco.

Tabela 6: Redução da vogal em contexto de focalização

Palavra funcional	Foco
Com	0/10 – 0%
De	0/10 – 0%
Do	0/10 – 0%
Dos	0/10 – 0%
E	0/10 – 0%
Lhe	0/10 – 0%
Lhes	0/10 – 0%
Me	1/10 – 10%
No	0/10 – 0%
Nos pron	0/10 – 0%
Nos prep	0/10 – 0%
O	0/10 – 0%
Os	0/10 – 0%
Para	0/10 – 0%
Por	0/10 – 0%
Porque	0/10 – 0%
Que	1/10 – 10%
Se conj	1/10 – 10%
Se pron	0/10 – 0%
Te	5/10 – 50%

Com base na tabela 6, podemos observar que a elevação da vogal ocorre minimamente em contexto de focalização, entretanto não é bloqueada.

A elevação da vogal nos casos do pronome ‘*se*’ e da conjunção ‘*que*’ e ‘*se*’ pode ser justificada pela proximidade articulatória dos sons consonantais /s/ e /k/ em relação à vogal alta /e/, pois a posição articulatória de tais consoantes poderia estar

favorecendo a regra de elevação, pois a vogal reduzida é mais próxima articulatoriamente das consoantes do que a vogal plena /e/.

O fato das vogais sob foco serem reduzidas levar-nos-ia a pensar que nesse contexto a palavra funcional seria prosodizada como clítico. Entretanto, como já afirmado, a regra de elevação da vogal ocorre independentemente da atribuição de acento tonal. Observe a figura 15, comparando-a com uma ocorrência (figura 16) em que a palavra funcional é prosodizada como Palavra Prosódica independente e não sofre redução vocálica.

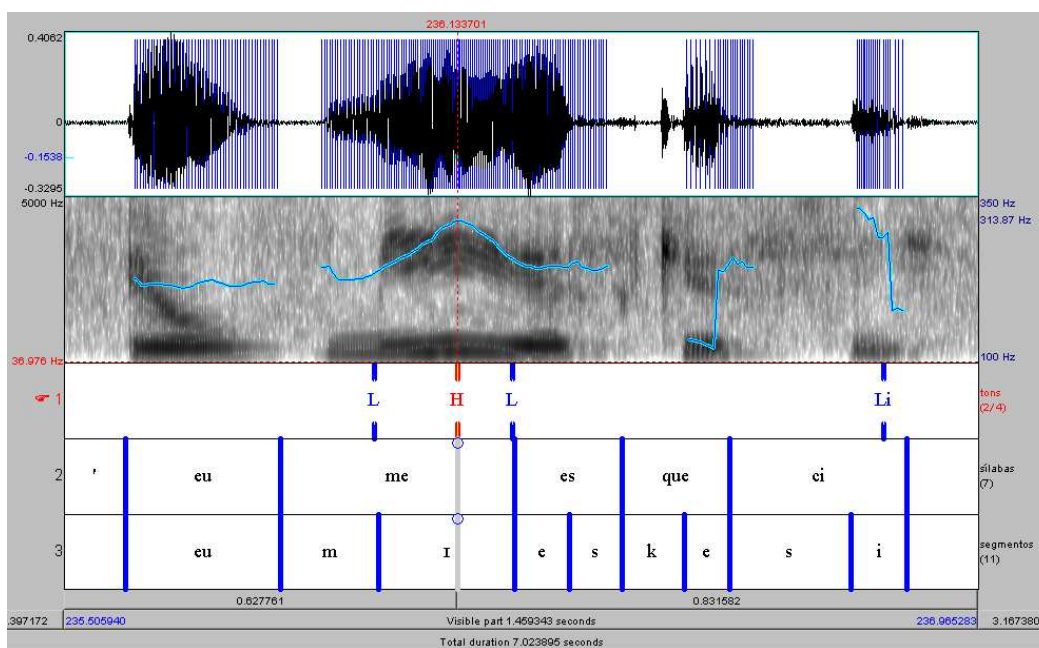


Figura 15: Pronome 'me' em posição medial de I contexto de focalização.

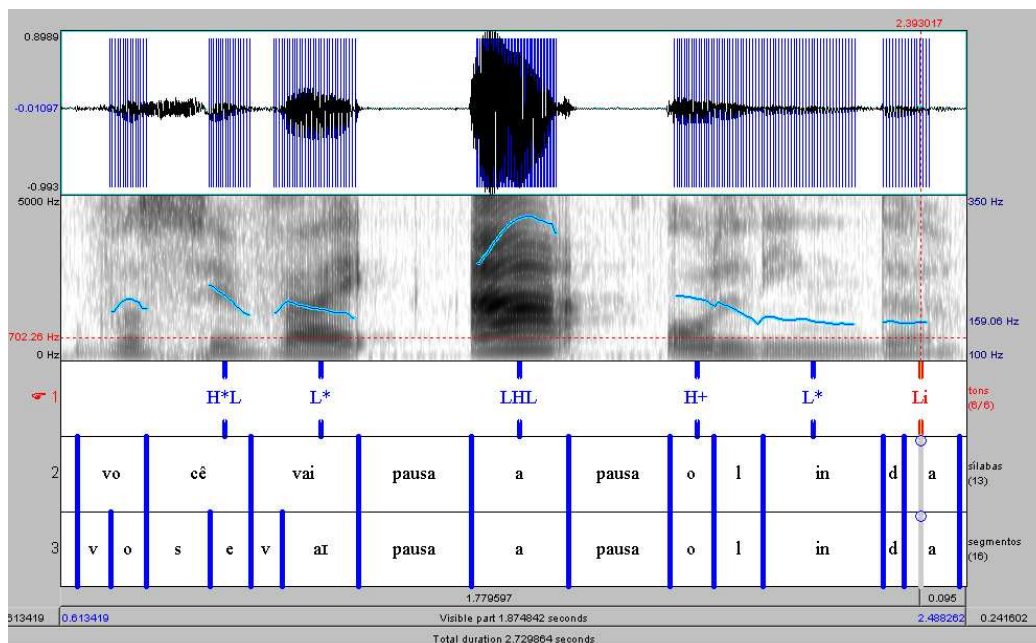


Figura 16: Artigo ‘a’ em contexto de focalização produzido entre pausas.

A figura apresentada em 15 mostra que, mesmo tendo a vogal elevada, a palavra funcional ‘*me*’ é prosodizada como Palavra Prosódica, e a evidência para essa prosodização diferente é a atribuição de evento tonal LHL, evento típico de palavras lexicais em focalização.

Já na figura apresentada em 16, a palavra funcional ‘*a*’ é prosodizada como Palavra Prosódica, e as evidências são o fato de ela sozinha compor um *I*, recebendo o acento principal desse domínio e também por receber evento tonal LHL.

No geral, o que observamos é que a regra de elevação da vogal quase não ocorre quando a palavra funcional está em contexto de focalização, no entanto, não é excluída a possibilidade de se ter uma vogal reduzida nesse tipo de contexto.

Em suma, com base na regra de elevação vocálica nas posições em *I* em contexto neutro e em contexto de focalização, as palavras funcionais apresentadas em (2) se comportam prosodicamente como clíticos prosódicos, exceto nos casos em que aparecem em contexto de focalização, pois recebem proeminência principal de *I*, marcada pelo acento tonal LHL, por formarem sozinhas esse domínio prosódico.

Definido o comportamento prosódico das palavras funcionais⁷³ no PB, analisaremos na seção seguinte os processos de junção externa que podem servir como evidência de como e do nível em que essa prosodização ocorre, pois, uma vez que as palavras funcionais do PB são clíticos, elas precisarão de um hospedeiro para se apoiar. E a partir da análise das regras de junção a seguir, poderemos encontrar argumentos a favor de determinado constituinte prosódico da hierarquia que tem tais regras como domínio de aplicação.

4.1.2.2. Sândi vocálico

Considerando que as palavras funcionais monossilábicas e as dissilábicas facilmente cliticizáveis são prosodizadas como sílabas átonas e integradas na estrutura prosódica como clíticos, passamos agora a observar e descrever os processos de sândi vocálico que afetam os clíticos, a fim de encontrar evidências sobre a prosodização das palavras funcionais no PB. De acordo com Vigário (2003), Bisol (2005) e Brisolara (2008), os clíticos do português estão sujeitos a regras de sândi vocálico.

Apesar de não haver muitos trabalhos em PB sobre os processos fonológicos de junção mencionados por Tenani (2002), tal como vozeamento da fricativa e *tapping*, Bisol (1992, 1993, 1996a, 1996b, 1996c) fez um estudo amplo e consistente dos processos de sândi vocálico, também caracterizado como processo de junção, em qualquer uma de suas manifestações: Elisão (EL), Degeminação (DG) ou Ditongação (DT). Bisol caracteriza tais processos de junção como processos de reestruturação silábica, os quais envolvem duas palavras sob o domínio do mesmo enunciado, e independente do resultado, quando as duas vogais se encontram, a sílaba que incorporar a vogal pertencerá ao vocábulo seguinte, assim como no caso da fricativa vozeada e da vibrante.

Com relação aos processos de sândi vocálico, Tenani (2002, p. 152) afirma que:

⁷³ As palavras funcionais ‘a(s), à, um, uns, mas, da(s), na(s), sem’ não sofrem processos de redução vocálica.

“Quando se delinea, no nível pós-lexical, a sequência de duas vogais em fronteira de ω , ocorrem processos de sândi, cuja aplicação leva em conta a localização do acento primário das palavras envolvidas”.

Em outras palavras, se uma das vogais envolvidas no sândi portarem acento primário, o processo pode ser bloqueado.

É importante ressaltar que os trabalhos de Bisol sobre sândi têm como objetivo identificar as condições de aplicação dos processos com relação aos segmentos e à ocorrência de acento primário, enquanto o foco de Tenani é verificar o modo como a estrutura prosódica condiciona a variação do sândi vocálico. Em nosso trabalho, a relevância de observar o sândi é com o propósito de encontrar evidências no que se refere à prosodização das palavras funcionais do PB.

A seguir descrevemos os processos fonológicos de sândi externo, de acordo com a literatura do PB sobre o assunto, e apresentamos os resultados encontrados sobre os referidos processos envolvendo as palavras funcionais de nosso *corpus*.

4.1.2.2.1. Degeminação

A DG, segundo Bisol (1992), se aplica quando há a fusão de duas vogais iguais átonas, como em ‘camisa amarela’ [ka.’mi.za.ma.’re.la] ⁷⁴. Entretanto Tenani (2002) afirma que não há mais a necessidade em se falar em fusão de duas vogais, pois, o choque silábico provoca a perda de um dos núcleos, o que acaba motivando a ressilabificação.

Bisol (1992) afirma que a DG é bloqueada se a segunda vogal é tônica, ou se ambas forem tônicas. No entanto, se a primeira vogal for tônica, a DG só ocorrerá se as duas vogais forem iguais. Tenani (2002) observa que a aplicação da DG quando a primeira vogal é acentuada, e o bloqueio quando é a segunda, deve ser interpretado como índice da direção do processo de ressilabificação (p.163).

Das palavras funcionais presentes em nosso *corpus*, as que aparecem em contexto propício à aplicação da DG, estão apresentadas em (4). Vale ressaltar que, primeiramente, discutiremos os resultados da ocorrência da DG em contexto neutro.

⁷⁴ Exemplo de Bisol (1996a). Vale ressaltar que os primeiros estudos relacionados ao sândi vocálico no PB foram realizados por Bisol (1992, 1993, 1996a, 1996b, 1996c), entretanto, outros autores, como Tenani (2002) também investigaram tais processos fonológicos no PB.

- (4) 1. Acho que **do** Osvaldo.

Como dito anteriormente, o processo de DG é bloqueado quando a segunda vogal é acentuada. No entanto notamos que em alguns contextos, houve a ocorrência do processo mesmo com a presença de uma vogal acentuada que no caso, era segunda. Observe os exemplos em (5).

- (5) 1. Devo ir **à... À** aula? Só à tarde, acho.
 2. **Na** **á**rea de serviço, as vassouras não estão. Você sabe onde elas estão?
 3. Não sei **se** **e**le me viu.
 4. Por**que** **eu** acho que não preciso de um novo.
 5. Não vi **o** **ô**nibus passar não.

Tenani (2002) afirma que a DG é aplicada entre todas as fronteiras prosódicas acima da Palavra Prosódica, ou seja, ϕ , *I*, e *U*, entretanto, não ocorre com a mesma frequência. O bloqueio da DG ocorre somente quando há pausa entre as fronteiras de *I* e *U*.

A seguir, na tabela 7, apresentamos os resultados encontrados para a aplicação da DG nas palavras funcionais em contexto neutro do *corpus*.

Tabela 7: DG e posições em I em contexto neutro

Palavra funcional	Início de <i>I</i>	Meio de <i>I</i>	Fim de <i>I</i>
À	1/ 10 - 10%	2/ 10 - 20%	0/ 10 - 0%
Do	0/ 10 - 0%	0/ 10 - 0%	0/ 10 - 0%
Na	8/ 10 - 80%	7/ 10 - 70%	0/ 10 - 0%
O	0/ 10 - 0%	0/ 10 - 0%	0/ 10 - 0%
Porque	6/ 10 - 60%	9/ 10 - 90%	0/ 10 - 0%
Se conj	9/ 10 - 90%	1/ 10 - 10%	0/ 10 - 0%

Vale ressaltar que tais palavras funcionais não têm contexto segmental sujeito a sofrer a DG em todas as posições de *I* em contexto neutro, por isso algumas posições não apresentam resultados. Especificaremos cada caso a seguir.

Com relação à preposição ‘do’, não há nenhuma ocorrência da DG em contexto neutro nas posições de *I*. Como veremos a seguir, tal preposição estará sujeita à ocorrência de DT, pois a vogal alta ‘o’ sofre a regra de elevação estando propícia a formar um ditongo com a vogal da palavra seguinte.

Como dito anteriormente, o processo de DG é bloqueado quando a segunda vogal é acentuada. No entanto, alguns casos nos levaram a refletir sobre essa questão, pois em alguns contextos a vogal final da palavra funcional parece se unir a vogal seguinte, formando apenas uma vogal alongada.

No caso da preposição ‘à’, a vogal seguinte é tônica, mas isso não impede que ocorra a DG entre a palavra funcional e a Palavra Prosódica seguinte ‘aula’ em posição inicial (10%) e em posição medial (20%) de *I* em contexto neutro. Quando ela aparece em posição final de *I*, a DG nunca ocorre, pois a palavra funcional é seguida por pausa.

Os dados apresentados para a preposição ‘na’ apontam que a DG ocorre em 80 % dos casos quando esta palavra funcional está em posição inicial e em 70% em posição medial de *I* em contexto neutro, mesmo que a vogal inicial da palavra seguinte seja acentuada. Vale ressaltar que nas duas posições, a vogal é mais longa. No entanto quando está em posição final, o processo é bloqueado, e isso se deve a presença de pausa.

A conjunção ‘porque’ está em contexto segmental propício à DG quando aparece em posição inicial, medial e final de *I* em contexto neutro. Notamos que a DG ocorre com maior frequência em posição inicial (100%) e medial (80%). Contudo em posição final há o bloqueio do processo, devido à presença da pausa no final do enunciado. A seguir apresentamos um exemplo da ocorrência da DG, envolvendo a conjunção ‘porque’ em posição medial de *I* em contexto neutro.

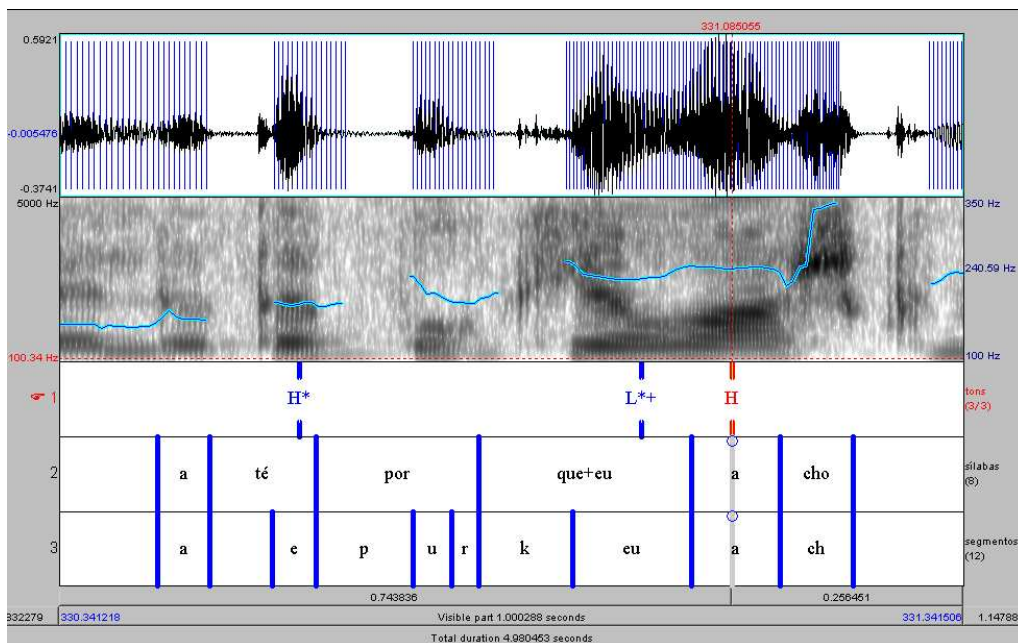


Figura 17: DG entre a conjunção ‘porque’ em posição medial de *I* em contexto neutro e a vogal da sílaba seguinte.

Com relação aos dados para a conjunção ‘se’, notamos que a DG ocorre também quando esta palavra funcional está em posição inicial (80%) e medial (50%) de *I* em contexto neutro, enquanto que em posição final, o contexto segmental dessa conjunção, não está sujeito a ocorrência da DG, pois a vogal seguinte é diferente da vogal anterior, além do que na maioria das ocorrências a palavra funcional é seguida por pausa.

O artigo ‘o’ não sofre DG em nenhuma das ocorrências analisadas, pois a vogal sofre a regra de elevação de vogal alta, tornando-se reduzida e formando um ditongo com a vogal seguinte.

No geral, o fato da vogal inicial da palavra seguinte ser acentuada não impede que a DG ocorra entre a vogal final da palavra funcional e da Palavra Prosódica seguinte nas posições inicial e medial de *I* em contexto neutro, posições as quais tem um maior número de aplicação do processo. A pouca aplicação em posição final de *I* deve-se ao fato da palavra funcional vir seguida de pausa.

Em (6), apresentamos apenas os contextos em que as palavras funcionais sob focalização estão propícias à ocorrência da DG.

- (6) 1. Sim. Esse carro é **DA** Aline.

2. Eu ME esqueci.
3. Nós estamos NA aula.
4. Eu vou pegar O ônibus.
5. Ele pensa QUE é o melhor.
6. Eu não sei SE está certo.

Além das palavras funcionais apresentadas estarem sob foco, algumas delas, estão seguidas de vogais acentuadas, como podemos observar em (6). Na tabela 8, apresentamos somente as palavras funcionais que, em contexto de focalização, estão propícias à ocorrência da DG.

Tabela 8: DG e contexto de focalização

Palavra funcional	Foco
Da	0/ 10 – 0%
Me	0/ 10 – 0%
Na	0/ 10 – 0%
O	0/ 10 – 0%
Que	0/ 10 – 0%
Se conj	0/ 10 – 0%

Nos contextos de focalização mencionados, não há nenhuma ocorrência do processo de DG, os quais envolvem as palavras funcionais ‘*da, me, na, o, que, se*’, pois, no geral, elas são produzidas entre pausas, e a pausa bloqueia o processo.

Em suma, o que podemos notar com base em nossos dados é que o processo só ocorre quando as referidas palavras funcionais estão em posição inicial e medial de *I* em contexto neutro, enquanto é bloqueado em contexto de focalização e em posição final de *I* em contexto neutro, devido à presença de pausa.

Assim como já observado por Bisol (2005) e Brisolara (2008), a DG é um processo que pode ocorrer dentro de uma palavra e também atinge os clíticos do PB. O fato da DG ultrapassar a fronteira de Palavra Prosódica é tomado como evidência de que é processo pós-lexical, e não tem apenas um único domínio prosódico para sua aplicação, como já observado por Tenani (2002). Entretanto Tenani afirma que ϕ é o domínio preferencial para a aplicação de processos de sândi vocálico, pois eles sempre se aplicam nesse domínio (p. 177). Por ora, podemos afirmar que a DG é uma evidência de que a sequência formada pelo clítico e seu hospedeiro não é a Palavra Prosódica lexical, mas um domínio formado no nível pós-lexical.

A seguir apresentaremos os resultados para a ocorrência da DT.

4.1.2.2.2. Ditongação

A ditongação é um processo de sândi, no qual há a formação de ditongo entre a vogal final (V₁) de uma palavra e a vogal inicial de outra (V₂), como por exemplo, ‘*camisa usada*’ [ka.’mi.zaw.’za.da]⁷⁵. No caso de vogal baixa /a/ seguida de vogal alta, cria-se um ditongo decrescente como no exemplo anterior. As vogais /i, u/ tornam-se glides⁷⁶ /y, w/ seguidas de vogais distintas, emergindo os ditongos crescentes, como em [ko.myu.vas], os quais prevalecem na combinação de vogal não-alta e vogal alta (cf. Bisol 1992, p. 25).

Segundo Bisol (1993), a DT ocorre quando ambas as vogais são átonas, em ‘*este amor*’ [estʃyamor]⁷⁷, podendo ocorrer também quando a segunda vogal é tônica, em ‘*come uvas*’ [ko.m̃w.vas]. No caso, da primeira vogal ser tônica, a DT só ocorre se as vogais formarem um ditongo crescente, como em ‘*bebê urinado*’ [bebewrinadu], ‘*bebê elegante*’ [bebeeleg̃t̃ʃi], e em ‘*comi amoras*’ [komyamoras]. Se ambas forem tônicas, a DT crescente pode se aplicar opcionalmente, como em ‘*vi este*’ [vyestʃi]. No caso de vogais idênticas, sendo uma delas acentuada, ou ambas, Bisol (1992) afirma que as duas vogais podem permanecer, como em [viis̃ ~ vyis̃], no entanto prevalece à formação de hiatos sobre ditongos, embora os ditongos não sejam descartados (cf. Bisol 1992, p. 29).

Segundo Brisolara (2008), a DT, assim como a DG e EL, apresenta propriedades de um fenômeno pós-lexical, pois é de uso geral, variável e não precisa de informações morfológicas.

Analisando as sentenças do *corpus* que envolve palavras funcionais sujeitas à ocorrência de DT, algumas possibilidades são apresentadas a seguir. Em (7)

⁷⁵ Cf. Bisol (1992).

⁷⁶ É importante destacar que, posteriormente, Bisol (1996) justifica que o /u/ se torna glide por ficar sob o domínio de C (consoante) ao considerar os princípios universais da teoria fonológica sobre a sílaba.

⁷⁷ As transcrições fonéticas, assim como os exemplos são as feitas por Bisol (1993).

apresentamos as palavras funcionais e os contextos segmentais propícios a ocorrência da DT somente em sentenças em contexto discursivo neutro.

(7) **I. Contexto neutro**

1. Você conhece **a** Odete da sua rua?
2. **A** Olinda? Irei logo.
3. Esse carro é **da**... Acho que **da** Odete.
4. Eu vou **de**... Acho que **de** ônibus também.
5. Esse carro é **do**... Acho que **do** Antônio.
6. Maria **e a** Edna foram ao baile.
7. Ele **lhe** arranjou outro?
8. Eu peço que **me** aguarde.
9. As roupas não estão **no**... Acho que **no** armário do corredor.
10. Não vi **o** ônibus passar não.
11. Ou me dá seu lanche **ou** apanha.
12. Ele pensa que **eu** ainda vou continuar o trabalho depois de tudo.
13. Não sei **se** ele me viu.
14. Ele **se** arrumou para a festa?
15. O livro está **sob a** mesa.
16. Vou **te** amar para sempre.

II. Contexto de focalização

1. Eu vi **A** Odete.⁷⁸
2. Você vai **A** Olinda.
3. Não vou **A** escola hoje.
4. Esse carro é **DO** Antônio.
5. Eu **LHE** arrumo um CD.
6. Eu **ME** esqueci.
7. Eu coloquei as roupas **NO** armário.
8. Eu vou pegar **O** ônibus.
9. Você me dá seu lanche **OU** apanha.
10. Ele pensa **QUE** é o melhor.
11. Eu não sei **SE** está certo.

Para Bisol (1996), o fator mais importante para a aplicação do processo é o contexto segmental, pois a vogal alta e átona favorece a DT independentemente da sílaba em que ocorre, se postônica ou pretônica. Entretanto, como podemos observar em (7), os contextos segmentais selecionados nem sempre apresentam vogal alta em posição de V₁ ou de V₂.

Observe a seguir os resultados apresentados na tabela 9.

Tabela 9: DT e posições em I em contexto neutro

Palavra funcional	Início de I	Meio de I	Fim de I
A art	9/10 – 90%	8/10 – 80%	1/10 – 10%

⁷⁸ As palavras funcionais em caixa alta representam que o elemento foi focalizado.

A prep	10/10 – 100%	3/10 – 30%	0/10 – 0%
Da	10/10 – 100%	10/10 – 100%	0/10 – 0%
De	10/10 – 100%	9/10 – 90%	0/10 – 0%
Do	7/10 – 70%	8/10 – 80%	0/10 – 0%
E	10/10 – 100%	8/10 – 80%	2/10 – 20%
Lhe	10/10 – 100%	9/10 – 90%	0/10 – 0%
Me	8/10 – 80%	10/10 – 100%	1/10 – 10%
No	9/10 – 90%	10/10 – 100%	0/10 – 0%
O	7/10 – 70%	6/10 – 60%	0/10 – 0%
Ou	1/10 – 10%	8/10 – 80%	1/10 – 10%
Que	0/10 – 0%	2/10 – 20%	0/10 – 0%
Se conj	1/10 – 10%	4/10 – 40%	0/10 – 0%
Se pron	2/10 – 20%	8/10 – 80%	1/10 – 10%
Sob	2/10 – 20%	7/10 – 70%	1/10 – 10%
Te	9/10 – 90%	10/10 – 100%	0/10 – 0%

O artigo ‘a’ em posição final não sofre a DT, pois é seguido de pausa, a qual bloqueia o processo. Já em posição inicial a DT se aplica em 90%, e em posição medial a aplicação é de 80%. Nesse caso, V₁ é seguida por vogal alta, o que propicia a ocorrência de DT em posição inicial e medial.

A preposição ‘a’ sofre a realização da DT em posição inicial em 100% e em posição final não há nenhuma ocorrência, devido à presença de pausa. Não há realizações da preposição em posição medial. Observando a ocorrência da DT nas sentenças que envolviam a preposição ‘a’, notamos que era seguida por vogal alta, o que propicia a ocorrência do processo.

O mesmo se dá com a preposição ‘da’, em posição inicial e medial, obtendo 100% de aplicação do processo nas posições mencionadas, enquanto em posição final, o processo não ocorre, pois V₂ não propicia a ocorrência de DT.

A preposição ‘de’ está em contexto sujeito a DT em todas as posições em *I*. Com base nos resultados, notamos que há 100% de aplicação da DT em posição inicial, 90% em posição medial, e nenhuma ocorrência em posição final, devido à presença de pausa. Primeiramente ocorre o alçamento da vogal média /e/, tornando-se uma semivogal alta /i/, e em seguida a preposição sofre a palatalização da consoante /d/, pois a regra de palatalização só ocorre diante de vogais altas. Como podemos observar no exemplo abaixo, a vogal reduzida forma um ditongo com a vogal da palavra seguinte.

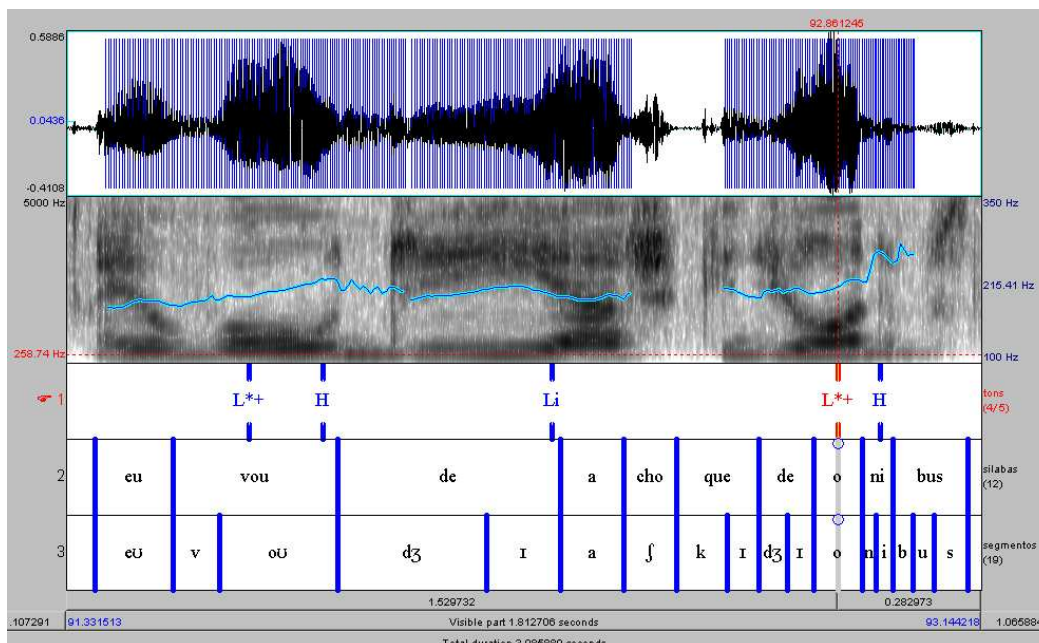


Figura 18: DT entre preposição 'de' em posição medial e final em contexto neutro e a vogal da seguinte.

Já para sua variante masculina 'do', notamos que, além de V_1 ser alta e V_2 não, a DT ocorre em 70% das ocorrências em posição inicial e 80% em posição medial, não havendo nenhuma ocorrência em posição final devido à presença de pausa.

A conjunção 'e' sofre a DT em 100% das ocorrências em posição inicial, em 80% em posição medial, todavia em posição final, o ditongo formado entre a palavra funcional e a palavra seguinte ocorre em apenas 20% das ocorrências. O contexto segmental que engloba a conjunção e a palavra seguinte é uma das possibilidades de ocorrer a DT sem a presença de uma vogal alta.

Outro exemplo são as sentenças que envolvem o pronome 'lhe', o qual sofre a DT em 100% das realizações em posição inicial e 90% em posição medial, enquanto em posição final, o processo é bloqueado, por não formar contexto segmental propício a ocorrência da DT.

O processo ocorre em 80% das ocorrências com o pronome 'me' em posição inicial, enquanto que em posição medial, notamos 100% de aplicação da DT. Já em posição final, o contexto segmental não está sujeito à DT.

Como observado acima, além das palavras funcionais 'e' e 'lhe', outras estão em contextos segmentais sujeitas à DT sem estar seguida por vogal alta, como por exemplo, 'me, que, se_{conj}, se_{pron}, sob, te', as quais serão descritas a seguir.

O artigo ‘o’ sofre aplicação da DT em posição inicial em 70% e em posição medial de 60%, enquanto em posição final o contexto segmental não propiciava a ocorrência da DT.

A preposição ‘no’ sofre 100% de aplicação da DT em posição medial, enquanto que em posição inicial a aplicação é de 90%. Já em posição final o processo não se aplica, pois a palavra funcional é seguida de pausa, a qual bloqueia o processo.

A conjunção ‘ou’ em posição inicial perde a vogal /u/, ocorrendo a monotongação de tal conjunção, embora, o contexto segmental não favoreça a DT. No entanto em posição medial, ela sofre a DT em 80%, enquanto em posição final, o processo não ocorre por estar seguida por pausa, a qual bloqueia o processo. Nos casos em que a palavra funcional se encontra em posição medial de *I*, *V*₁ é alta seguida por vogal baixa /a/.

A conjunção ‘que’ foi produzida pelos informantes apenas em posição medial e final de *I* em contexto neutro, logo, não há ocorrências da conjunção em posição inicial. Em posição medial, a DT ocorre em 20%, enquanto em posição final, não houve nenhuma ocorrência, devido à presença de pausa, a qual bloqueia o processo.

A conjunção ‘se’ sofre DT em posição inicial em apenas 10% das ocorrências, em posição medial 40%, e em posição final, não há a ocorrência do processo, pois a palavra funcional é seguida de pausa.

No caso do pronome ‘se’, a DT ocorre em todas as posições de *I*, embora em posição inicial (20%) e final (10%) a ocorrência é menor do que em posição medial (80%). Como observado na seção anterior, tal pronome sofre primeiramente a redução vocálica e depois a DT para se tornar contexto segmental propício à ocorrência da DT.

Nas realizações da preposição ‘sob’ nas diversas posições de *I*, as informantes inserem uma vogal/semivogal depois da consoante ‘b’, tornando a palavra monossilábica ‘sob’ em dissilábica ‘sobi’. Devido a essa inserção, notamos que em posição inicial, essa vogal sofre a aplicação da DT em 20 % dos casos; em posição, medial 70%; e em posição final, a aplicação é menor com apenas uma ocorrência (10%).

O pronome ‘te’ sofre a DT com a palavra seguinte em 100% das realizações em posição medial, e 90% em posição inicial, porém não se aplica em nenhuma ocorrência quando está em posição final, devido à presença da pausa.

No geral, podemos concluir que a DT é aplicada com maior frequência quando a palavra funcional está em posição medial e inicial. No entanto não podemos excluir a posição final, pois em casos que a palavra funcional é seguida por uma palavra iniciada por vogal, o processo se aplicava, se não houvesse a presença de pausa final. Em alguns casos como das palavras funcionais ‘*de, me, te, se, lhe, e, que, e no*’, primeiramente as vogais dessas palavras funcionais sofrem a regra de redução, e em seguida, sofria os processos de sândi vocálico, tal como a DT.

Na tabela 10, apresentamos os resultados da ocorrência da DT para as palavras funcionais que estão em contexto de focalização.

Tabela 10: DT e em contexto de focalização

Palavra funcional	Foco
A art	0/10 – 0%
A prep	0/10 – 00%
À crase	0/10 – 00%
Do	0/10 – 0%
Lhe	0/10 – 00%
Me	1/10 – 10%
No	0/10 – 0%
O	0/10 – 0%
Ou	0/10 – 0%
Que	1/10 – 10%
Se conj	1/10 – 10%

Como podemos observar a partir dos resultados para o contexto de focalização, a maioria das palavras funcionais apresentadas que exibiam contexto propício à DT não sofreram aplicação do processo, tal como ‘*a_{art}, a_{prep}, à_{crase}, do, lhe, no, o, ou*’.

As poucas ocorrências da DT se justificam pelo fato de que o foco propicia muito mais a criação de um hiato entre as vogais envolvidas do que um ditongo. Por esse motivo, os resultados mencionados são limites a compreensão entre um hiato e um ditongo, entretanto, estamos assumindo que ocorreram ditongos e não hiatos nos casos mencionados com relação às palavras funcionais ‘*me, que, se_{conj}*’, devido à ocorrência da redução da vogal da palavra funcional, ou seja, elas sofrem a regra de elevação da vogal média.

Outro fator a ser mencionado com relação ao bloqueio da DT em contexto de focalização é que a maioria das palavras funcionais estão entre pausas ou seguida dela.

No caso das preposições ‘a, à, do, no’, do pronome ‘lhe’, das conjunções ‘ou, que, se’ e dos artigos ‘a, o’, a DT não ocorre, pois o foco parece formar, na maioria dos casos em que a DT não é bloqueada por pausa, um hiato ao invés de um ditongo, como já mencionado anteriormente.

No caso das palavras funcionais ‘que, se_{conj}, o’, a DT só ocorreu se primeiramente as vogais de tais palavras foram reduzidas pela regra de elevação da vogal, pois os contextos respectivos eram propícios a ocorrência da DG e não da DT. Entretanto, com relação ao artigo ‘o’, não houve nenhuma ocorrência do processo de DT com a vogal da palavra seguinte. Já com as conjunções ‘se’ e ‘que’, houve apenas uma ocorrência para cada (10%).

No caso da conjunção ‘ou’, o processo só ocorreria se houvesse o apagamento da vogal /u/, entretanto, não houve o apagamento, o que não levou a aplicação do processo de DT.

Em suma, pudemos notar que quando a palavra funcional está sob foco, ela é produzida entre pausas ou seguidas delas, assim o processo não se aplica, pois a pausa o bloqueia. Nos demais casos, a DT ocorre normalmente. Entretanto, em nossos dados, a DT quase não ocorre em contexto de focalização. Vale notar que no caso de contexto de focalização, a tendência das informantes foi produzir as palavras funcionais sob foco entre pausas.

No geral, ao analisar os dados do *corpus*, podemos afirmar que a DT é um processo fonológico produtivo nas realizações das palavras funcionais, pois a redução gerada pela elevação das vogais /e/ e /o/ em alguns casos em que o contexto era propício à ocorrência da DG, favorece a ocorrência da DT.

O fato da DT ultrapassar a fronteira de Palavra Prosódica ao afetar a sequência clítico mais hospedeiro, além de também ocorrer dentro de Palavra Prosódica, e ser variável é evidência de que essa regra é de caráter pós-lexical, não sendo restrita à Palavra Prosódica, e nem aos domínios acima de Palavra Prosódica, como ϕ , *I*, e *U*, segundo Tenani (2002).

A seguir, apresentamos os resultados encontrados para o processo de EL.

4.1.2.2.3. Elisão (EL)

A EL é o processo fonológico em que há o apagamento da vogal ‘a’ em final de palavra, quando a palavra seguinte inicia por vogal diferente, como, por exemplo, ‘*menina orgulhosa*’ [meninorgu~~l~~oza], e se aplica quando ambas as vogais são átonas (cf. Bisol 1992 e 1993, e Tenani, 2002). É importante ressaltar que esse processo o processo é bloqueado dentro de palavras, como em ‘*paulada ~ *pulada*’, pois o apagamento de um segmento fere o significado da palavra. O processo só ocorre entre fronteiras de palavras, como em ‘*casa escura*’ [cazyskura]⁷⁹.

O processo de EL não se aplica quando uma das vogais é tônica, seja a primeira ou a segunda, e nem quando ambas são tônicas. Na maioria dos casos quando a EL não ocorre, a DT se aplica.

Segundo Bisol (1996), ‘o processo só não é bloqueado se o acento da segunda vogal sílaba pertencer a uma palavra funcional ou ao verbo ser’, pois nesse caso, o acento da segunda sílaba é apagado (*apud* Tenani, 2002). Observe os exemplos em (8)⁸⁰.

- | | | |
|-----|---|----------------------|
| (8) | 1. Ela não tinha <u>a</u> outra solução. | [tʃɪŋ <u>o</u> utra] |
| | 2. A aula <u>é</u> gravada mas as perguntas podem ser feitas. | [au <u>l</u> ɛ] |

Tenani (2002) afirma encontrar para o PB uma maior ocorrência de EL para a sequência /ao/ e /ao/, como em ‘*laranja holandesa*’ e ‘*pêssego amarelo*’ (p. 172).

Brisolara (2008) trata também do apagamento da vogal /e/ em final de palavra quando a palavra seguinte iniciada por vogal de qualidade distinta, como em ‘*Você fica de antena ligada*’, no entanto a autora afirma que a tendência é que a vogal média /e/ se transforme em semivogal, como em ‘*gent[ɪa]legre*’.

⁷⁹ Exemplos de Bisol (1993).

⁸⁰ Exemplos de Bisol (1996).

No *corpus* analisado, considerando os contextos segmentais que estão sujeitos à ocorrência do processo de EL conforme a literatura para o PB, selecionamos as sentenças que envolviam a sequência de vogais /a/ e /e/ em (9)⁸¹.

(9) **I. Contexto neutro**

a. EL da vogal /a/

1. Esse carro é da... Acho que **da** Odete.

b. EL da vogal /e/

1. Eu vou **de**... Acho que **de** ônibus também.
2. **Se** arrumou para a festa o Joao?
3. Ele o que? **Lhe** arranhou outro carro.
4. Eu vou **te** amar para sempre.

II. Contexto de focalização

a. EL da vogal /e/

1. Eu **LHE** arrumo um CD.

Na tabela a seguir apresentamos os resultados encontrados para a ocorrência da EL.

Tabela 11: EL e posições em I em contexto neutro

Palavra funcional	Início de I	Meio de I	Fim de I
Da	0/10 – 0%	0/10 – 0%	0/10 – 0%
De	0/10 – 0%	0/10 – 0%	0/10 – 0%
Lhe	0/10 – 0%	0/10 – 0%	0/10 – 0%
Se pron	0/10 – 0%	0/10 – 0%	0/10 – 0%
Te	0/10 – 0%	0/10 – 0%	0/10 – 0%

Como podemos observar nos resultados, nos contextos sujeitos à ocorrência do processo, a EL não é aplicada pelos falantes de PB nas sentenças analisadas. O bloqueio da EL quando a palavra funcional se encontra em posição final de I em contexto neutro poderia ser justificado pela presença de pausa após a palavra funcional. Nos casos em que se encontra em posição inicial ou medial, o acento de uma das vogais envolvidas poderia bloquear o processo, como em (9.b.1). Entretanto, podemos notar que tais justificativas não explicam o bloqueio do processo nas sequências analisadas.

Nesses casos, o bloqueio da EL pode ser explicado a partir das afirmações de Bisol (1992, 2005), a qual argumenta que a EL não ocorre em palavras funcionais

⁸¹ Além das vogais /a/ e /e/, notamos que há o apagamento da vogal /u/ na conjunção ‘ou’, entretanto esse caso não será apresentado e discutido como ocorrência de EL.

constituídos de um só segmento silábico, tal como nos exemplos em (9), mas pode ocorrer, quando as palavras funcionais são compostas por mais de uma sílaba, atingindo a sequência clítico+hospedeiro, como em ‘*entr[u]mdia*’.

Com relação à EL da vogal /e/, Brisolara afirma que é um fenômeno raro, ocorrendo em alguns dialetos como regra variável e preferentemente em Grupos Clíticos, no entanto a tendência é que a vogal média /e/ se transforme em semivogal.

Com base nos nossos dados, a tendência na variedade de português analisada é reduzir a vogal /e/ por meio da regra de elevação da vogal, transformando-a em semivogal /i/, e a partir de então, dependendo do contexto segmental seguinte, a preferência é de que ocorra a DG ou a DT.

Na tabela 12, apresentamos os resultados para a EL em contexto de focalização. É importante observar que das palavras funcionais apresentadas em (10), o ‘*de, se, te*’ não estão em contexto segmental propício à ocorrência da EL, pois estão seguidos por consoantes.

Tabela 12: EL em contexto de focalização

Palavra funcional	Foco
Lhe	0/10 – 0%

Como podemos observar, em contexto de foco, a única sentença que envolvia um contexto segmental propício à ocorrência de EL não sofre a aplicação do processo em nenhuma realização, e esse bloqueio se deve a presença de pausa. Nesse caso, não podemos afirmar que o bloqueio da EL se deve ao fato do contexto segmental envolver um monomorfema, pois a ocorrência do processo parece ser aceitável no contexto mencionado.

Em suma, podemos concluir que, com base nos dados analisados para a ocorrência da EL, apesar de ser possível em alguns casos, ela não é aplicada. No que se refere ao domínio de aplicação, segundo Bisol (2005), Tenani (2002) e Brisolara (2008), ela ocorre somente nos domínios mais altos que a Palavra Prosódica, não havendo fronteiras que a bloqueie, exceto pausa, o que evidencia seu caráter pós-lexical.

Como a EL não ocorre na sequência clítico+hospedeiro, concluímos que não pode ser considerada como evidência do modo como as palavras funcionais são integradas à estrutura prosódica do PB.

A seguir, apresentaremos os resultados e discutiremos o processo de vozeamento da fricativa.

4.1.2.3. Vozeamento da fricativa

O processo de assimilação denominado como ‘vozeamento da fricativa’ ocorre quando uma fricativa surda, como o ‘s’, ocupa a posição final de palavra (posição de coda), assimilando o traço [voz]⁸² do elemento seguinte, seja ele uma vogal, ou uma consoante sonora (cf. Tenani 2002).

Tenani (2002) observa que o vozeamento ocorre independentemente da sílaba que tem a coda preenchida pela fricativa ser acentuada, ou mesmo quando há um choque acentual. A autora também afirma que esse processo ocorre tanto dentro de palavras quanto entre elas, atingindo inclusive as palavras funcionais. Observe os exemplos abaixo:

- (10) a. Dentro da palavra
- | | |
|---------|--------------|
| esperto | [es.ˈper.to] |
| esgoto | [ez.ˈgo.to] |
- b. Entre palavras
- | | |
|------------|-----------------|
| os pratos | [os.ˈpra.tos] |
| os meninos | [oz.me.ˈni.nos] |

Em (11), observe as sentenças de nosso *corpus* em que as palavras funcionais estão sujeitas à ocorrência do processo.

- (11) **I. Contexto neutro**
1. Eu já vi as araras azuis e as vermelhas.
 2. Das arruaceiras da rua, pois as vi ontem com elas.
 3. Dos arruaceiros, pois as vi ontem com elas.
 4. Ele lhes emprestou algo?
 5. Ele estudou mas ainda não foi aprovado.
 6. Acho que nas árvores.
 7. O gerente nos arrumou o empréstimo.
 8. As roupas não estão nos... Acho que nos armários dos quartos.
 9. Mas é necessário trocar os amortecedores também?
 10. Mostre-me uns aviões então.

⁸² Aqui a expressão [voz] quer dizer vozeado.

II. Contexto de focalização

1. **AS** araras azuis.
2. Essas bicicletas são **DAS** meninas.
3. Essas bicicletas são **DOS** meninos.
4. Eu **LHES** arrumo um CD.
5. Eu vou com você, **MAS**, antes, tenho que passar em casa.
6. Ele está **NAS** árvores.
7. Nós **NOS** encontramos.
8. Eu coloquei as roupas **NOS** armários do quarto.
9. Eu troquei **OS** amortecedores do carro.
10. **UNS** aviões, é correto.

A tabela 13, a seguir, mostra os resultados de ocorrência do processo de vozeamento em contexto neutro, destacando as posições inicial, medial e final de *I*.

Tabela 13: Vozeamento da fricativa e posições em I em contexto neutro

Palavra funcional	Início de <i>I</i>	Meio de <i>I</i>	Fim de <i>I</i>
As	9/10 – 90%	9/10 – 90%	0/10 – 100%
Das	10/10 – 100%	10/10 – 100%	0/10 – 100%
Dos	6/10 – 60%	7/10 – 70%	0/10 – 100%
Lhes	10/10 – 100%	10/10 – 100%	0/10 – 100%
Mas	10/10 – 100%	9/10 – 90%	0/10 – 100%
Nas	10/10 – 100%	10/10 – 100%	0/10 – 100%
Nos pron	10/10 – 100%	10/10 – 100%	0/10 – 100%
Nos prep	10/10 – 100%	10/10 – 100%	0/10 – 100%
Os	10/10 – 100%	10/10 – 100%	0/10 – 100%
Uns	8/10 – 80%	10/10 – 100%	2/10 – 20%

Os resultados da tabela 13 mostram que o processo de vozeamento tem maior aplicação nas palavras funcionais em início e meio de *I*, enquanto que em final de *I*, a aplicação quase nunca ocorre, e isso se deve ao fato de que a posição final, geralmente é seguida por pausa, a qual bloqueia o processo de vozeamento (cf. Tenani, 2002).

Em posição inicial, o processo ocorre em 100% das realizações das palavras funcionais ‘*das*’, ‘*lhes*’, ‘*mas*’, ‘*nas*’, ‘*nos_{pro}*’, ‘*nos_{prep}*’, ‘*os*’. Já o artigo ‘*a*’ apresenta 90%; a preposição ‘*dos*’, 60%, e o artigo ‘*uns*’, 80%.

Com relação à posição medial, as palavras funcionais ‘*das*’, ‘*lhes*’, ‘*nas*’, ‘*nos_{pro}*’, ‘*nos_{prep}*’, ‘*os*’, ‘*uns*’ sofrem o vozeamento em 100% das ocorrências, enquanto que o artigo ‘*a*’, 90%; a preposição ‘*dos*’, 70%, e a conjunção ‘*mas*’, 90%.

A figura 19 apresenta um exemplo em que a palavra funcional em posição final de *I* não sofre o processo de vozeamento, pois é seguida de pausa. Já em posição medial, o processo é aplicado, pois não há nada que o bloqueie.

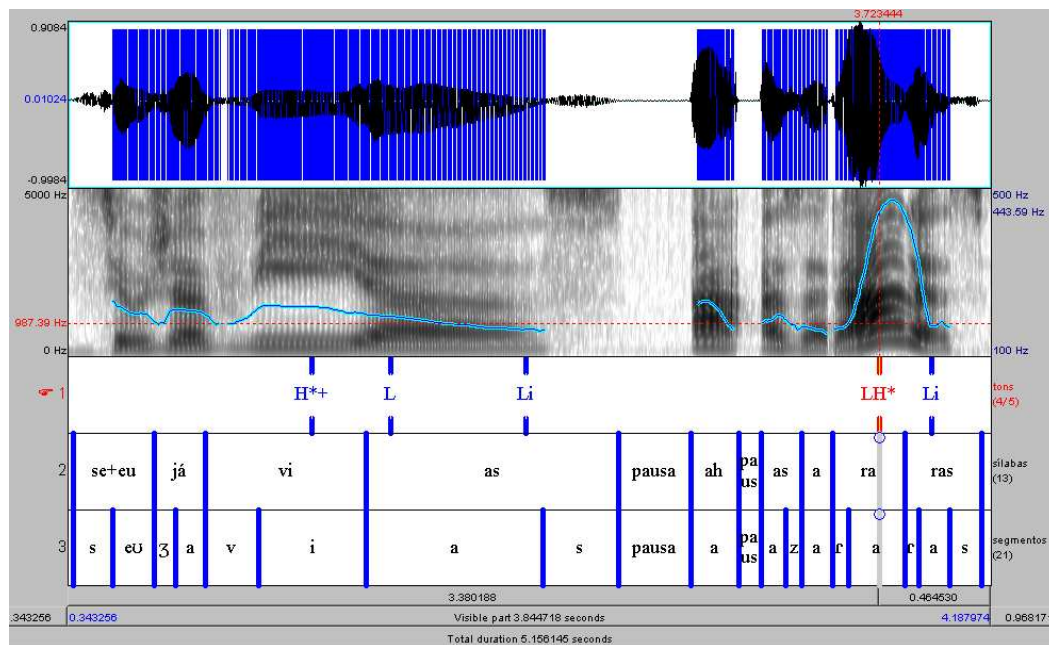


Figura 19: Vozeamento da fricativa em posição inicial e final de *I* em contexto neutro.

Em suma, em contexto neutro, o processo de vozeamento só é bloqueado por pausa, quando esta seguir a posição final de *I*. Em sentenças em que as palavras funcionais terminadas em /s/ não têm nenhuma barreira que impeça a ressilabificação, e se forem seguidas por vogal e consoante sonora, o processo de vozeamento se aplicará.

Na tabela 14, apresentamos os resultados para o contexto de foco. É importante lembrar que no contexto de foco, não testamos as palavras funcionais nas posições de *I*, para que as informantes ficassem livres no modo com que fossem focalizar tais palavras.

Tabela 14: Vozeamento em contexto de focalização

Palavra funcional	Foco
As	2/10 – 20%
Das	1/10- 10%
Dos	0/10- 0%
Lhes	7/10- 70%
Mas	2/10- 20%
Nas	5/10 - 50%

Nos pronome	5/10 - 50%
Nos preposição	4/10 - 40%
Os	2/10 - 20%
Uns	4/10 - 40%

Como podemos observar, nos casos em que a palavra funcional se encontra em contexto de foco, a aplicação do processo é bem menor, pois grande parte das palavras funcionais de nosso *corpus* inseridas nesse contexto discursivo foi realizada entre pausas ou seguida por uma. A seguir, apresentamos um exemplo da ocorrência do processo em contexto de focalização.

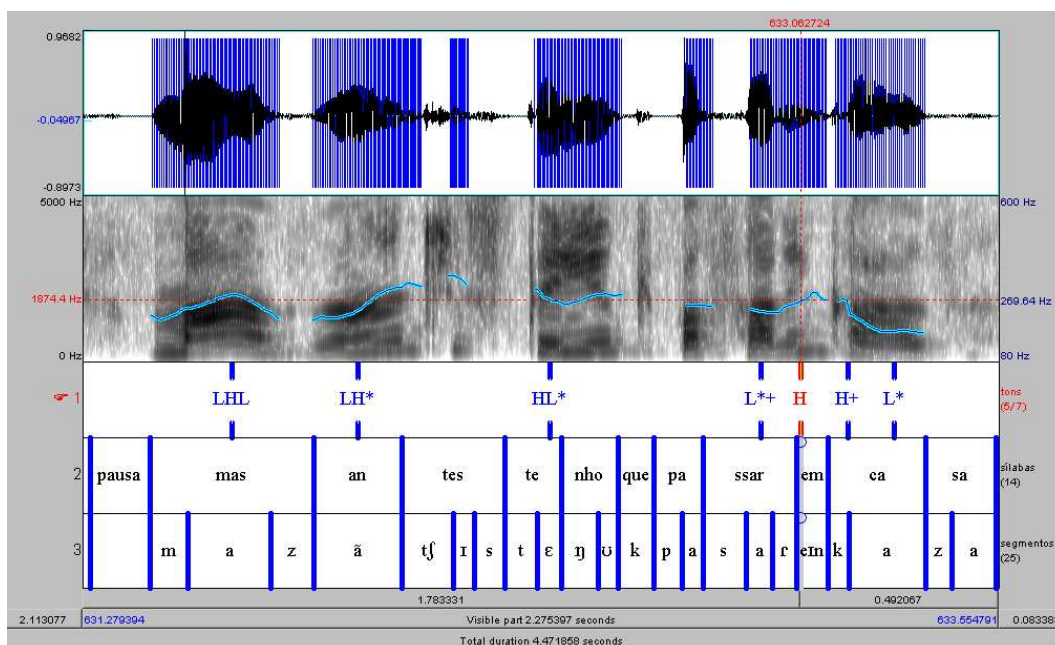


Figura 20: Vozeamento da fricativa na conjunção ‘mas’ em posição inicial em contexto de focalização.

Como podemos observar na figura 20, a conjunção ‘mas’ é produzida em posição inicial de *I* em contexto de focalização e seguida por palavra iniciada por vogal. Satisfeito o contexto segmental, o processo de vozeamento se aplica, mesmo que a palavra funcional esteja sob foco. A evidência acústica nesse caso para identificar a focalização de um constituinte é a atribuição de evento tonal LHL associado à palavra funcional. Assim, podemos concluir que o acento de foco não bloqueia o vozeamento.

De acordo com Tenani (2002), o processo de vozeamento da fricativa em PB é sensível apenas à presença de pausa e não é bloqueado por nenhuma fronteira

prosódica, de modo que a não ocorrência deste processo não pode ser evidência para identificar a relevância de um domínio prosódico no nível ou acima da palavra.

Então, nos casos em que a palavra funcional se encontra em posição final de *I*, seja em contexto neutro, seja em contexto de focalização, não é condição suficiente para que o processo seja bloqueado, exceto se for seguido por pausa. Já em posição inicial ou medial, não há nenhum fator que bloqueie o processo, desde que satisfeito o contexto segmental.

Com relação às questões desse trabalho, podemos concluir que o processo de vozeamento da fricativa, por ocorrer tanto dentro de Palavra Prosódica quanto entre as fronteiras desse domínio e de outros superiores a ele, é considerado de natureza pós-lexical. Devido ao fato de atingir várias fronteiras prosódicas, o processo de vozeamento não pode ser evidência de qual domínio prosódico o clítico irá se apoiar para ser integrado à estrutura prosódica.

Para finalizar a descrição e discussão da ocorrência de processos fonológicos em nossos dados, apresentaremos a seguir os dados referentes ao *tapping*.

4.1.2.4. *Tapping*

Outro processo fonológico, que também remete à reestruturação silábica, é conhecido como *tapping*, o qual envolve uma vibrante em posição de coda que, em contexto de sândi, perde suas características de retroflexão e passa a ser um tepe [r] em posição inicial de palavra, quando o segmento seguinte é uma vogal (cf Tenani 2002). Vale ressaltar que o processo ocorre mesmo quando há choque de acentos, ou penas um acento envolvido no contexto segmental.

No nosso *corpus*, temos somente um contexto segmental em que há a possibilidade de ocorrência do processo em questão com palavras funcionais, e o qual está exemplificado em (12).

(12) **I. Contexto neutro**

1. Você vai por essa rua até o final e vira à direita.

II. Contexto de focalização.

1. Você vai **POR** essa rua.

A tabela 15 mostra os resultados encontrados para a realização do *tapping* em contexto neutro, destacando as posições dentro de *I*.

Tabela 15: *Tapping e posições em I em contexto neutro*

Palavra funcional	Início de <i>I</i>	Meio de <i>I</i>	Fim de <i>I</i>
Por	9/10 – 90%	8/10 – 80%	0/10 – 0%

O processo se aplica quando a palavra funcional aparece em posição inicial (90%) ou medial (80%) de *I*. Em posição final, o processo é bloqueado pela pausa produzida pelas informantes. Como afirmado por Tenani (2002), somente pausa bloqueia o *tapping*.

Na figura 21, apresentamos um exemplo de ocorrência do *tapping* nos dados analisados.

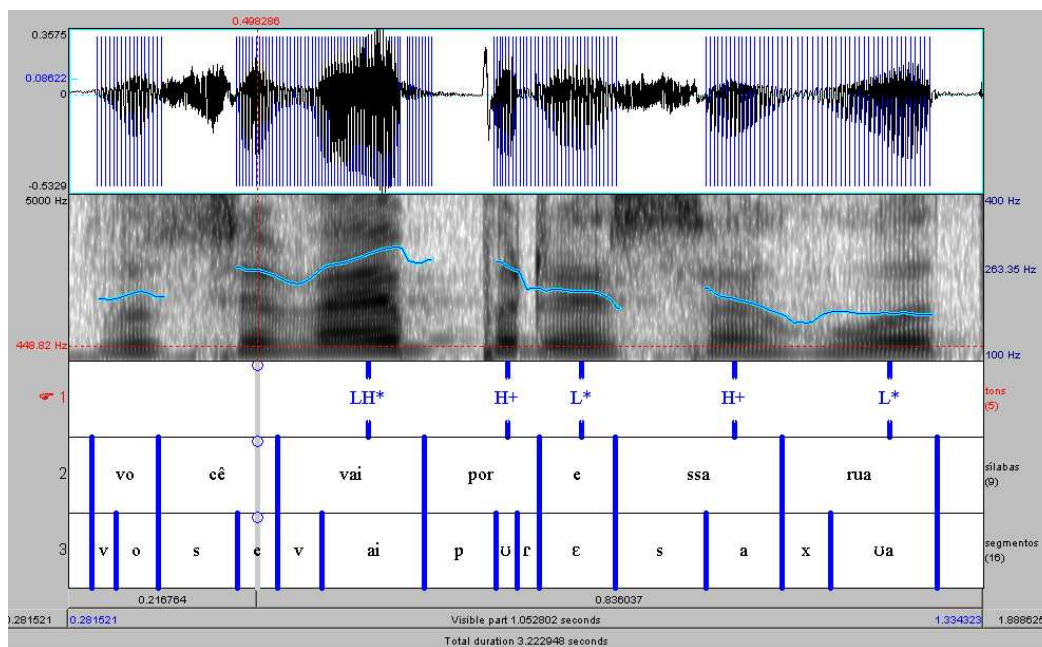


Figura 21: *Tapping na preposição ‘por’ em posição medial de I em contexto neutro.*

Como podemos observar na figura 21, a preposição ‘*por*’ é produzida em posição medial de *I* em contexto neutro. Satisfeito o contexto segmental, o processo é aplicado.

Na tabela 16, apresentamos os resultados encontrados para a ocorrência do processo em contexto de focalização.

Tabela 16: *Tapping em contexto de focalização*

Palavra funcional	Foco
Por	4/10 – 40%

Os resultados apresentados para a palavra funcional ‘*por*’, quando focalizada, indicam que o processo se aplica em apenas 40% das ocorrências. Nesses casos, a palavra funcional é realizada no meio de *I*. Nos demais casos em que o processo é bloqueado, a palavra funcional em questão é produzida ou entre pausas ou seguida por uma pausa.

No seu estudo, Tenani (2002) conclui que não há um domínio de aplicação para os processos de *tapping* e vozeamento da fricativa, isso porque, ambos se aplicam entre as fronteiras de todos os domínios, e somente a presença de pausa pode bloquear o processo.

No geral, o processo de *tapping* é aplicado em todas as posições de *I* em contexto neutro e em contexto de focalização, sendo bloqueado apenas quando a palavra funcional é seguida por pausa.

Com relação às questões desse trabalho, a ocorrência do *tapping* entre a palavra funcional e a palavra lexical, assim como entre as fronteiras acima da Palavra Prosódica, revelam que é um processo pós-lexical. Por não ser prioritário de nenhum domínio, como já afirmado por Tenani (2002), o *tapping* não serve como pista para identificar a qual domínio prosódico o clítico irá se unir no pós-léxico.

Para finalizar nossa discussão a respeito da prosodização das palavras funcionais no PB, apresentamos a seguir a discussão dos resultados descritos nessa seção.

4.2. Discussão dos resultados

Nesta seção, discutiremos, com base nos resultados apresentados nas seções anteriores, qual o estatuto prosódico das palavras funcionais do PB dentro de *I* nos contextos discursivos neutro e foco. No caso de serem prosodizadas como Palavras Prosódicas, discutiremos quais as condições para esta prosodização diferente, e no caso de serem Clíticos, qual o hospedeiro que ele vai se unir no pós-léxico.

O clítico sempre é um elemento sem acento, que mostra certa dependência sintática, e também pertence à classe de palavras funcionais distintas. Dentre outras propriedades, os clíticos são (i) em sua maioria, monossilábicos, sendo alguns dissilábicos; (ii) membros de classes fechadas; e (iii) não podem aparecer isolados.

Bisol (2005) já afirmava que as palavras funcionais do PB são clíticos prosódicos, os quais se apóiam no acento de uma palavra vizinha, estando sujeitos a regras pós-lexicais.

Com relação às evidências para a prosodização das palavras funcionais, Vigário (1999, 2003) aponta algumas pistas do estatuto prosódico de uma palavra; as principais são a regra de atribuição de acento primário no componente lexical, e os processos de redução da vogal, pois a redução só ocorre em vogais sem acento, além do que palavras lexicalmente sem acento podem ser reduzidas, especialmente se elas ocorrem em posições não acentuadas. Vigário (1999, 2003) também afirma, assim como Selkirk (1995), que uma palavra funcional pode ser prosodizada como Palavra Prosódica quando recebe proeminência pós-lexical, quando porta acento principal de ϕ ou de *I*, marcada por acento tonal.

Selkirk (1995) afirma também que, uma palavra funcional no inglês, recebe o estatuto de ‘forte’ assim como as palavras lexicais, quando (i) estão em posição final de sintagma, (ii) são focalizadas, e (iii) são pronunciadas isoladamente.

É importante ressaltar que as palavras funcionais monossilábicas investigadas são átonas lexicalmente, e as palavras funcionais dissilábicas ou trissilábicas por formarem um pé, sofrem a regra de atribuição de acento primário, sendo então tônicas, exceto os casos da preposição ‘*para*’ e da conjunção ‘*porque*’ por serem facilmente cliticizáveis.

Para tecer afirmações sobre o comportamento prosódico das palavras funcionais monossilábicas e das dissilábicas facilmente cliticizáveis do PB dentro de *I*, passamos a investigar uma série de fatores nas seções anteriores, como: (i) a duração das palavras funcionais nas diversas posições de *I* em contexto neutro e em contexto de focalização; (ii) a atribuição de acento tonal em contexto neutro e de focalização; e (iii) os processos fonológicos que sofrem.

Procuramos observar a ocorrência de tais fatores quando as palavras funcionais investigadas estavam em diferentes posições de *I* em contexto neutro e em

contexto de focalização, em busca de evidências do estatuto prosódico de tais palavras e do modo como são integradas à estrutura prosódica.

Ao analisar os dados referentes aos dois correlatos acústicos do acento selecionados, a duração e eventos tonais, notamos que a duração é bem menor nas posições iniciais e mediais de *I* em contexto neutro. Já em posição final de *I* em contexto neutro e em contexto de focalização nas três posições, a duração é maior, quando comparada aos dados da duração nas posições inicial e medial de *I* em contexto neutro. Entretanto a duração sozinha não serve como evidência de uma prosodização diferente.

Com relação ao evento tonal, observamos que somente em contexto de foco há a atribuição de acento tonal LHL às palavras funcionais. Em posição final, notamos a ocorrência de uma descida acentuada marcada por Li, enquanto que nas posições inicial e medial em contexto neutro não há evidência de evento tonal associado às palavras funcionais investigadas.

Diferentemente da afirmação de Vigário (1999) de que no PE somente CPLs podem receber acento tonal em posição final, os dados do PB revelaram que as palavras funcionais nessa posição são produzidas com uma duração maior e o contorno é marcado por uma descida acentuada nessa posição e tom de fronteira Li, assim como é marcado o final de sentença neutra no PB, como já notado por Tenani (2002), entretanto, nem os complementizadores nessa posição são prosodizados como Palavra Prosódica, estando então sujeitas à encliticização prosódica por não haver um hospedeiro que o segue.

Ao contrário do que se dá na posição final em contexto neutro, a atribuição de evento tonal LHL, a duração, e em alguns casos a constituição de um *I* formado apenas pela palavra funcional (figura 1 apresentada novamente na figura 22), são evidências de que em contexto de focalização as palavras funcionais do PB estão recebendo proeminência pós-lexical e são prosodizadas como Palavras Prosódicas independentes.

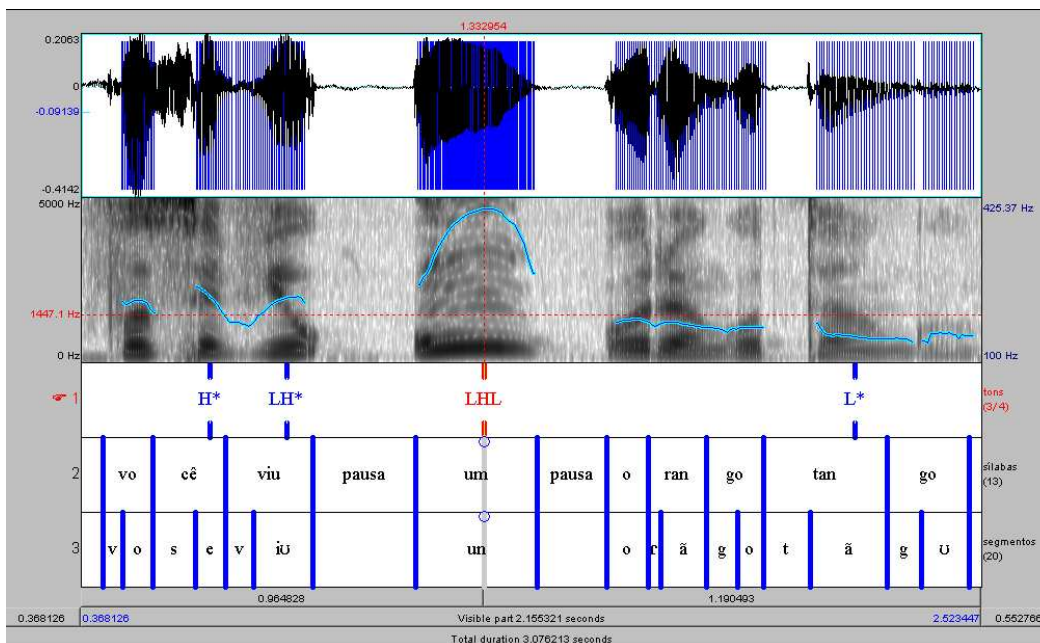


Figura 22: Artigo 'um' produzido entre pausas em contexto de focalização.

Assim, com base na atribuição de evento tonal LHL e a duração associados às palavras funcionais em contexto de focalização, podemos afirmar que somente as palavras funcionais sob foco são prosodizadas como Palavras Prosódicas, como o caso apresentado na figura 22. As demais palavras funcionais em contexto neutro são prosodizadas como clítics no PB, pois não formam um pé, não recebem acento lexical e nem acento tonal, estando sujeitas à ocorrência de processos fonológicos característicos de sílabas átonas.

Com relação às palavras funcionais dissilábicas, se elas não sofrerem processos de redução vocálica na sílaba candidata a portar acento lexical, como no caso da preposição '*para*' e da conjunção '*porque*', elas formarão um pé e receberão acento primário, independente da posição dentro de *I* e do contexto discursivo, sendo prosodizadas como Palavras Prosódicas. Nos casos em que sofrem redução vocálica, elas são formas átonas que são prosodizadas também como clítics.

Definidos as condições em que as palavras funcionais monossilábicas do PB podem ser prosodizadas como Palavras Prosódicas, passamos então a discutir as evidências encontradas para a prosodização das palavras funcionais como clítics. Uma das principais pistas do caráter átono das vogais é a regra de redução vocálica.

As palavras funcionais apresentadas em (2) sofrem a regra de elevação das vogais /e/ e /o/, como em ‘m[i]aguarde’ e ‘d[u]s meninos’, independente da posição dentro de *I* e do contexto discursivo. A mesma regra ocorre em sílabas átonas de palavra lexicais, como por exemplo, ‘dent[i] e dad[u]’.

Esse tipo de redução vocálica pode ser observada nos casos em que as vogais postônicas e finais sofrem a regra de neutralização da átona final, regra a qual reduz o quadro de vogais postônicas a três /i, u, a/. Tais vogais não aparecem em posição tônica, e isso é uma pista de elementos sem acento no PB. Em (13), apresentamos as palavras funcionais átonas que sofrem a regra de redução da vogal.

- (13) 1. Palavras monossilábicas com [i]
de, e, em, lhe, lhes, me, que (conjunção, pronome relativo e interrogativo), se (conjunção), se (pronome), te
 2. Palavras monossilábicas com [u]
com, do, dos, no, nos (preposição), nos (pronome), o, os, por
 3. Palavras dissilábicas com [i]
porque

A regra de elevação das vogais como /e/ e /o/ em postônicas é um processo fonológico que pode demonstrar o estatuto de palavras funcionais sem acento, como as apresentadas em (13), ilustradas em (14) dentro de sentenças neutras. Vale lembrar, que com base nos resultados apresentados na seção 4.1.2.1, as palavras funcionais reduzem mais em posição inicial e medial de *I*, no entanto a redução também ocorre quando estão em posição final.

- (14) Peço que me aguarde [i]
 Ele se arrumou para a festa? [i]
 Eu vou de... Acho que de ônibus também. [i]
 Não vi o ônibus passar não. [u]
 As roupas esta no... Acho que no armário do corredor. [u]

No caso da palavra funcional dissilábica ‘*porque*’, ela tem sua vogal final elevada quando estiver em posição inicial ou medial de *I*, independentemente se o segmento da palavra seguinte for vogal ou consoante, ficando sujeita a sofrer processo fonológico de DT ou de DG, caso o segmento inicial da palavra seguinte seja uma vogal.

É importante ressaltar que, nos casos das palavras dissilábicas, se elas não sofrerem processos de redução vocálica que afetem a vogal portadora de acento primário, elas formarão um pé e serão prosodizadas como Palavras Prosódicas.

A preposição ‘para’ também sofre um tipo de redução vocálica, pois tem seu primeiro /a/ da sílaba /pa/ quase apagado, como pode ser observado na figura 23.

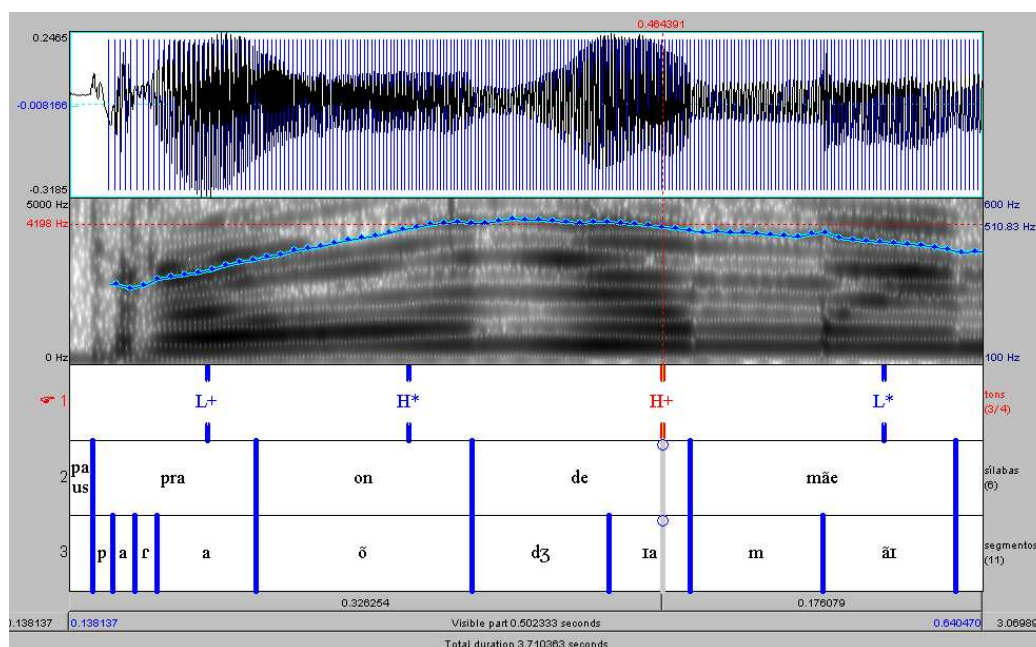


Figura 23. Preposição ‘para’ em posição inicial de I em contexto neutro.

Esses casos de redução que resultam na perda de um segmento distinguem as palavras que têm formas não-reduzidas por não serem afetadas por fenômenos de redução, como por exemplo, ‘para’ [pra] preposição *versus* ‘pára’ [‘para] verbo, ou ‘por’ [pɔr] preposição *versus* ‘pôr’ [‘por] verbo.

Com base nos resultados apresentados, notamos que a regra de elevação da vogal ocorre com maior frequência nas palavras funcionais em posição inicial e medial de I em contexto neutro, e com pouquíssima frequência em posição final em contexto neutro e em contexto de focalização, talvez por tais casos serem seguidos por pausas.

Apesar de ser uma regra de aplicação variável, ela serve como evidência do estatuto prosódico de palavras funcionais dissilábicas como a conjunção ‘porque’, as quais se tornam monossilábicas após a ocorrência do processo. Com relação às palavras funcionais monossilábicas, a ocorrência da regra de elevação da vogal corrobora o

caráter clítico de tais palavras, pois somente sílabas átonas podem sofrer processos de redução vocálica (cf. Vigário 1999). O fato de ser variável e ocorrer tanto em clíticos quanto em Palavras Prosódicas, não faz da regra de elevação exclusiva de um único domínio, e considerando que o clítico vai se unir a um hospedeiro, tal regra serve como evidência de que o clítico se une ao hospedeiro no nível pós-lexical.

Entretanto, a regra de elevação de vogal não serve como evidência para explicar a redução vocálica com a preposição ‘*para*’, assim como não serve de evidência do caráter clítico de palavras funcionais terminadas em vogal /a/, tal como ‘*da, na*’. O que observamos é que no caso da preposição ‘*para*’, a vogal candidata a receber acento primário é quase apagada por completo, e esse apagamento torna-a átona, sendo então um clítico.

Um processo fonológico que atinge palavras terminadas em vogal /a/ é a EL ou apagamento da vogal /a/. A regra de EL opera livremente em final de Palavra Prosódica (15.a), entretanto é bloqueada quando a vogal final /a/ pertence a uma palavra funcional, como ilustrado em (15.b), produzindo estruturas malformadas, segundo Bisol (2005).

- (15) EL de vogal /a/
- | | |
|----------------------------------|--------------------------|
| a. camisa usada → ka.mi.zu.za.da | b. da Odete → * do.de.te |
|----------------------------------|--------------------------|

No exemplo apresentado em (15.b), o apagamento da vogal /a/ não é permitido, pois implicaria no desaparecimento desse monomorfema, assim como não é permitido em seqüências que envolvem o artigo ‘*a*’, como em ‘*a Odete*’, nem em seqüências que envolvem a preposição ‘*a, à*’, como em ‘*Fui à escola*’ ou ‘*Fui a São Paulo*’. A EL também não ocorre dentro de palavra, como em ‘*baunilha ~ *bunilha*’.

A regra de apagamento também é variável, pois ela não se aplica, por exemplo, entre a seqüência clítico+palavra lexical (16.c.) e entre palavras lexicais (16.d.). Conforme Bisol (2005), a regra pode ocorrer em um grupo formado somente por palavras funcionais, como está ilustrado em (16.a.) e (16.b.).

- (16) Contextos ⁸³
- | | |
|---|---|
| a. duas palavras funcionais
de + um: dum | b. mais de duas palavras funcionais
de outra: doutra |
|---|---|

⁸³ A maioria dos exemplos apresentados em (17) são de Bisol (2005).

em + um: num
para + um : prum

em outro: noutro
para outro: proutro

c. clítico+ palavra lexical
de amor: *damor
de atenção: *datenção
de amigo: *damigo

d. duas palavras lexicais
cidade antiga: *cidadantiga
grande amigo: *grandamigo
leque azul: *lê[ka]zul

Outro caso de apagamento envolve a conjunção ‘ou’, pois tal palavra funcional é realizada em algumas ocorrências como a forma monotongada [o], e esse fato pode significar que ela é uma palavra funcional sem acento, pois, devido a perda de material fonético, a conjunção não forma um pé, não estando sujeita a receber acento.

Esses fatos relacionados às regras de redução e a EL não se estendem as formas plurais ‘as, das, nas’ e a conjunção ‘mas’, pois todas são terminadas em fricativa coronal surda, a qual sofre processo de ressilabificação com a vogal da palavra seguinte ao assimilar o traço [+voz] da vogal seguinte, como em ‘a[z]araras’, quando se encontra em posição inicial e medial de *I* em contexto neutro e de focalização. Em posição final de *I*, o vozeamento é geralmente bloqueado por pausa.

Excetuando os casos em que as palavras funcionais terminam em fricativa coronal que assimila o traço [+voz] da vogal seguinte, não encontramos nenhum tipo de processo fonológico que pudesse ser evidência de que tais palavras funcionais como ‘a, à, as, da, das, mas, na, nas’ são prosodizadas como clíticos. A única evidência do caráter clítico de tais palavras funcionais terminadas em vogal /a/ é a falta de acento primário por não formarem um pé ou a falta de acento tonal quando estão em contexto neutro em *I*, pois em contexto de focalização há atribuição de acento tonal, como já observado.

Outros processos fonológicos, além dos já apresentados, atingem as palavras funcionais analisadas, como por exemplo, os processos de sândi vocálico, DT e DG. A ocorrência de tais processos só reforça a argumentação de que, exceto em contexto de focalização, as palavras funcionais monossilábicas e as dissilábicas ‘para’ e ‘porque’ são clíticas no PB.

É interessante notar que os pronomes ‘lhe’, a sua forma plural ‘lhes’ e as aglutinadas ‘lho(a)(s)’ podem sustentar o fato de que tais palavras funcionais não são Palavras Prosódicas, pois ferem uma restrição fonotática da língua, a qual diz que o Português não aceita Palavras Prosódicas iniciadas por [ʎ].

No caso da preposição ‘sob’, as informantes inseriram uma vogal depois da consoante /b/, respeitando o princípio de boa formação silábica /CV/. Sendo assim, tal palavra é dissilábica, formando um pé e recebendo acento primário, e também não foi encontrado nenhum processo fonológico que afetasse a sílaba candidata a receber o acento primário.

Com relação às palavras funcionais ‘*pois, sem, nem, um, uns*’, ressaltamos que não encontramos nenhum processo fonológico que afetasse as vogais das respectivas palavras. Assim, exceto em contexto de focalização, não encontramos evidências da atribuição de acento tonal nas posições de *I* em contexto neutro, sendo, então com base na falta de acento tonal, consideradas como clíticos prosódicos⁸⁴.

Vale ressaltar que a impossibilidade de atribuição de acento tonal às palavras funcionais do PB nas posições de *I* em contexto neutro vem do fato das palavras funcionais não portarem acento primário.

A seguir em (17), listamos as palavras funcionais que apresentaram comportamento de clíticos no PB, isso conforme os dados apresentados nas seções anteriores.

(17) Lista de palavras funcionais clíticas do PB

Monossilábicas

a, de, com, por, em, sem	preposições
o(s), a(s)	artigo definido
me, te, se, lhe(s), nos, vos, o(s), a(s)	pronomes pessoais
e, mas, ou, que, se, nem, pois	conjunções
que	pronome relativo, interrogativo
do(a)(s), no(a)(s), ao(s), à(s)	preposição+artigo definido

Dissilábicas

para	preposição, conjunção
porque	conjunção

Essa lista não é exaustiva, pois é possível que outras palavras funcionais sejam prosodizadas como elementos sem acento. Por outro lado, há palavras funcionais que são lexicalmente acentuadas, pois formam um pé e recebem acento primário, como as apresentadas em (18).

⁸⁴ Apesar de assumirmos que tais palavras funcionais são clíticas, ressaltamos a importância de novas discussões em trabalhos futuros, pois o fato de não sofrerem nenhum processo característico de sílabas átonas pode ser evidência de que os núcleos vocálicos seguidos de nasal ou vogal podem ser interpretados como um pé para a regra de atribuição de acento primário. Entretanto, por fugir de nosso objetivo, não aprofundaremos essa discussão.

(18)	Palavras funcionais acentuadas	
	após, até, desde, sobre, entre	preposições
	ele(a)(s), nós, vós	pronomes pessoais
	logo, embora, caso, conforme	conjunções
	todos, cada,	quantificadores
	quem, onde, quando	pronomes relativos e interrogativos
	meu(s), minha(s), nosso(a)(s), vosso(a)(s)	
	dele(a)(s), nesse(a)(s), desse(a)(s)	pronomes possessivos ⁸⁵

O pronome relativo e interrogativo ‘*que*’ foi incluído na lista das palavras funcionais sem acento, apesar de não ter sido criadas sentenças no experimento que o testassem. Com base em análise intuitiva dos falantes de PB, dependendo a posição em que ele ocupa em *I*, ele pode alternar entre forma forte (posição final de *I* em contexto neutro e em contexto de focalização) e forma fraca (posição inicial e medial de *I* em contexto neutro), por sofrer redução vocálica, logo se sofrer processo de redução vocálica é prosodizado como clítico.

(19)	a. O <u>que</u> eu vi?	[o.kɪ.eʊ.vi] ~ [o.ʼke.eʊ.vi]
	b. A girafa <u>que</u> eu vi era branca.	[o.kɪ.eʊ.vi] ~ [o.ʼke.eʊ.vi]
	c. Ela viu o <u>quê</u> ?	[vi.ʊ.o.ʼke]

Devido ao fato dessa vogal reduzida só ocorrer em posição não acentuada, colocamos tal pronome na lista em (17), concluindo então que por aceitar essa redução, esse pronome deve estar incluído na classe das palavras funcionais sem acento.

Vale ressaltar que, além do processo de redução da vogal ser evidência de que o clítico é prosodizado no nível pós-lexical, outros ainda serão apontados e discutidos. Todavia, deixaremos essa discussão para o próximo capítulo.

Em suma, acreditamos ter mostrado evidências do estatuto prosódico das palavras funcionais monossilábicas listadas no quadro 2, ressaltando uma prosodização diferente em contexto de focalização, e das palavras dissilábicas, com relação à ocorrência de processos fonológicos como a regra de redução vocálica.

4.3. Considerações finais

⁸⁵ Todos os pronomes do PB, exceto os pronomes pessoais do caso oblíquo são acentuados.

Nesse capítulo apresentamos a descrição e discussão dos resultados obtidos a partir da análise dos dados experimentais. Os dados foram submetidos à análise acústica (transcrição segmental, fonética e tonal) e auditiva das sentenças.

A hipótese que norteou nossa investigação era que dependendo da posição dentro de *I* ou do contexto discursivo, as palavras funcionais do PB poderiam ser prosodizadas como clíticos ou como Palavras Prosódicas.

Dentre as variáveis selecionadas em busca de evidências do estatuto prosódico das palavras funcionais monossilábicas e das dissilábicas '*para*' e '*porque*', e tomando por base nossa hipótese de trabalho, observamos (i) dois correlatos acústicos do acento, a duração e os eventos tonais; (ii) ocorrências de processos fonológicos tais como a redução da vogal (elevação de vogal não-alta), os processos de sândi externo (DG, DT, EL), vozeamento da fricativa, e *tapping*.

Baseando-nos nas afirmações de Tenani (2002) sobre a relevância da variação de F0 (atribuição de evento tonal) em *I*, e da duração para o acento frasal, optamos nesse trabalho analisar apenas esses dois correlatos como evidência de acento pós-lexical. Vale lembrar que assumimos como ponto de partida que as palavras funcionais monossilábicas do PB são átonas.

Concluimos então que somente em contexto de focalização, independente da posição dentro de *I*, as palavras funcionais do PB recebem acento tonal LHL e são prosodizadas como Palavras Prosódicas. Em contexto neutro, as palavras funcionais são prosodizadas como clíticos, ficando proclíticas ao hospedeiro quando aparecem em posição inicial e medial de *I*, e enclíticas quando estão em posição final. A duração somente é tomada como evidência de uma prosodização diferente, somente em contexto de focalização quando está associada ao evento tonal LHL. O fato da posição final em contexto neutro ser maior do que as posições inicial e medial não é pista de uma prosodização diferente, mas reflexo de final de enunciado.

Com relação à análise da ocorrência de processos fonológicos, concluimos que a regra de elevação das vogais /e/ e /o/ é tomada como evidência do caráter clítico das palavras funcionais monossilábicas e da dissilábica '*porque*'. Outro processo que corrobora a prosodização das palavras funcionais listadas novamente em (17) como clíticos é a ocorrência de sândi vocálico, como a DT e a DG e o bloqueio da EL nos contextos que envolvem vogal /a/. No geral, o que caracteriza o estatuto clítico das

palavras funcionais é a falta de acento lexical ou pós-lexical no momento em que são inseridas na estrutura prosódica do PB.

Com base nas considerações apresentadas nesse capítulo, seguimos nossa investigação em busca do modo como as palavras funcionais clíticas do PB são inseridas na estrutura prosódica.

5. O ESTATUTO PROSÓDICO DAS PALAVRAS FUNCIONAIS NO PB

5.0. Introdução

Como já discutido até agora, nas línguas em geral, as palavras funcionais são um desses elementos difíceis de classificar prosodicamente, pois, enquanto as palavras lexicais são sempre Palavras Prosódicas independentes, já formadas no componente lexical, as palavras funcionais exibem um padrão variável entre as línguas, podendo corresponder a mais de um tipo prosódico (cf. Selkirk 1984, 1995; Inkelas & Zec 1993; Peperkamp 1997; Vigário 1999, 2003; Zec 2005; entre outros).

Apesar de não haver trabalhos empíricos que tratem especificamente do estatuto prosódico das palavras funcionais no PB, Bisol (2005) afirma que as palavras funcionais são clíticas.

Entretanto, o que pudemos observar até o momento, é que, o que a literatura tem afirmado sobre o estatuto prosódico das palavras funcionais, não parece ser diferente no PB, pois as palavras funcionais podem ser prosodizadas como clíticos ou como Palavras Prosódicas. Ao analisarmos uma categoria funcional como as preposições, notamos que dentro dessa mesma classe há preposições que se configuram prosodicamente como clíticos, caso das monossilábicas '*a, de com, por, etc*', ou como Palavras Prosódicas, caso das dissilábicas '*até, entre, desde, etc*'.

O trabalho aqui desenvolvido, ao refletir essa questão das diferentes prosodizações de uma categoria funcional, procurou investigar o estatuto prosódico das palavras funcionais no PB, e se diferencia dos demais, na medida em que enfoca o comportamento prosódico das palavras funcionais com base na análise de dados experimentais para a confirmação das hipóteses levantadas de que, dependendo da posição dentro de *I* e do contexto discursivo, as palavras funcionais do PB podem ser prosodizadas como clíticos ou como Palavras Prosódicas.

No que se refere à prosodização dos clíticos no PB, Bisol (2005) e Brisolara (2008) propõem que os clíticos do PB são prosodizados junto a uma Palavra Prosódica, formando com ela, a Palavra Prosódica pós-lexical⁸⁶.

Esse trabalho também avança na medida com que propõe uma análise do modo como se dá a integração das palavras funcionais na estrutura prosódica do PB. Portanto, discutiremos em que nível da hierarquia prosódica as palavras funcionais clíticas ou Palavras Prosódicas independentes são prosodizadas.

Assim, esse capítulo está estruturado do seguinte modo: na seção 5.1, discutimos o estatuto prosódico das palavras funcionais investigadas e a modo como são prosodizadas em contexto neutro e de focalização; na seção 5.2, apresentamos as evidências da inserção pós-lexical das palavras funcionais na estrutura prosódica; na seção 5.3, apresentamos uma proposta do modo como as palavras funcionais são integradas à estrutura prosódica do PB; e na seção 5.4, apresentamos nossas considerações finais.

5.1. O comportamento prosódico das palavras funcionais no PB

Como tem sido afirmado, as palavras funcionais monossilábicas e as dissilábicas ‘*para*’ e ‘*porque*’⁸⁷ do PB são prosodicamente ‘fracas’, ou seja, acidentalmente inertes, não sendo prosodizadas como Palavras Prosódicas independentes. Elas diferem das palavras independentes, porque não recebem acento primário ou por sofrerem redução vocálica, e também diferem dos afixos, porque são formas livres.

Com base nas afirmações feitas no capítulo anterior em cima dos resultados desta pesquisa, as palavras funcionais em (1) são destituídas de acento primário, configurando-se como clíticos.

(1)	a(s), o (s)	artigos definidos
	um, uns	artigos indefinidos
	e, mas, ou, pois, porque, que, se	conjunções
	a, à, ao, com, da(s), de, do(s), em, na (s),	preposições
	no(s), nem, para, por, sem	

⁸⁶ No texto das autoras, elas se referem a esse domínio prosódico como Palavra Fonológica.

⁸⁷ Vigário (2003) cita vários testes para se identificar uma palavra prosódica, no entanto discutiremos somente aqueles que são pertinentes para os clíticos. Conferir capítulo 2, seção 2.3.1.

me, te, se, lhe (a/o)(s), nos, vos, a(s), o (s)
que

pronomes pessoais
pronomes relativo/interrogativo

Para sustentar essa afirmação, usamos como evidência do caráter clítico das palavras funcionais em (1), a ausência do acento primário, principal característica de uma Palavra Prosódica (cf. Nespor & Vogel 1986; Vigário 2003, Bisol 2004) por não formarem um pé, e por sofrerem processos de redução vocálica, como por exemplo, a regra de elevação de vogal não-alta /e/ e /o/, e principalmente no caso da palavra dissilábica *‘porque’*.

Segundo Vigário (2003) e Bisol (2000), o acento do português, tanto o brasileiro quanto o europeu, pode cair em uma das três sílabas de uma palavra, como apresentado em (2).

- | | | |
|-----|------------------|-----------------------|
| (2) | a. última | pontaPÉ ⁸⁸ |
| | b. penúltima | palAvra |
| | c. antepenúltima | pÊssegó |

As formas acima mostram que o lugar em que o acento vai cair não é previsível na base da informação fonológica, posto que estas palavras têm a mesma estrutura silábica⁸⁹, três sílabas, e a que recebe acento é sempre uma sílaba de configuração CV leve e não necessariamente uma sílaba pesada. Nesse caso, uma palavra formada por uma sílaba leve CV pode normalmente receber acento lexical, então, uma palavra funcional, poderia ser uma Palavra Prosódica.

Segundo Bisol (2000) e Vigário (1999, 2003), o português não tem a síndrome da palavra mínima, ou seja, não há um requerimento que exija que a palavra tenha obrigatoriamente um tamanho definido, como sendo bimórica ou dissílaba, para receber acento. Ao mesmo tempo em que temos monossílabos tônicos de sílaba pesada, o português possui monossílabos tônicos de sílaba leve. Além disso, há clíticos que se são monossílabos átonos com sílabas pesadas e outros que são também monossílabos átonos, mas com sílabas leves. Observe os exemplos em (3).

- (3) a. monossílabos tônicos com sílaba pesada

⁸⁸ A caixa alta indica que tais vogais são acentuadas lexicalmente.

⁸⁹ Há também casos em que palavras com a mesma estrutura segmental, diferem com relação ao lugar em que o acento se encontra, como por exemplo *‘fábrica’* (substantivo) e *‘fabrica’* (verbo).

três	sol	cruz	pai
b. monossílabos tônicos com sílaba leve			
pé	pá	má	lá
c. monossílabos átonos com sílaba pesada			
por	mas	com	sem
d. monossílabos átonos com sílaba leve			
me	te	se	de

Todavia, a maioria das palavras do português é identificada pela presença de um pé, que recebe acento primário. Apesar de os clíticos não serem restritos à síndrome da palavra mínima, pois eles têm a mesma configuração, eles não formam um pé, e não recebem acento primário.

O fato dos clíticos serem insensíveis à atribuição de acento faz com que eles não influenciem na localização do acento primário no seu hospedeiro, por exemplo, quando clíticos se juntam a um verbo como , ‘abraÇAmos’, o acento não muda de lugar, ‘*abraçávamo-nos*’ [a.bra.’sa.va.mo.nos] ou em ‘*nos abraçávamos*’ [Áia.bra.’sa.va.mos].

Como dito anteriormente, outra pista utilizada como evidência do caráter clítico das palavras funcionais no PB são os processos de redução da vogal, pois a redução só ocorre em vogais átonas. Nos dados analisados de PB, o processo de redução tomado como evidência do caráter clítico das palavras funcionais é a regra de elevação das vogais átonas como /e/ e /o/, como mostrado em (4) ⁹⁰.

(4) Elevação de vogal não-alta:	/e/	/o/
	[ɪ]	[ʊ]

A redução não ocorre em todas as vogais sem acento, no entanto, as formas reduzidas [ɪ] e [ʊ] somente aparecem em posição não acentuada (pretônica e postônica), principalmente quando a postônica coincide com o final de palavra. Das palavras funcionais apresentadas em (1), a grande maioria sofre redução da vogal, como podemos observar novamente (5).

(5) Palavras funcionais que sofrem redução vocálica

⁹⁰ Vale lembrar que Câmara Jr. (1977) reinterpreta essa regra como neutralização das átonas (cf. Câmara Jr. 1977; Bisol 2003).

1. Palavras monossilábicas com [ɪ]

de, e, em, lhe, lhes, me, que (conjunção, pronome relativo e interrogativo), se (conjunção), se (pronome), te

2. Palavras monossilábicas com [ʊ]

ao, com, do, dos, no, nos (preposição), nos (pronome), o, os, por

3. Palavras dissilábicas com [ɪ]

porque

Como afirmado no capítulo anterior, dentre as palavras funcionais citadas em (1), algumas não sofrem redução da vogal, tal como alguns ditongos, como em ‘*pois*’ [pois], a vogal baixa não-arredondada ‘a’, como em ‘*a(s), à, da(s) mas, na(s)*’ [a, as, das, mas, nas] e as vogais nasalizadas, como em ‘*nem, sem*’ [neĩ, seĩ].

Com relação às preposições ‘*nem, sem*’, notamos que não há a redução da vogal /e/ em nenhuma das ocorrências do *corpus*, somente há a formação de um ditongo nasalizado [neĩ] e [seĩ].

Já as preposições como ‘*em*’ e ‘*com*’ [ẽĩ] e [kõũ], além de formar ditongos, elas podem ser reduzidas, como em [ĩ] e [kũ], respectivamente, e sob algumas circunstâncias, podem perder material fonético. Ambas as preposições podem perder a única vogal que possuem ao serem contraídas com a sílaba seguinte, como em ‘*em+a*’, a qual já tem a forma contraída lexicalizada ‘*na*’. Como podemos observar em nossos dados, a contração da preposição ‘*com*’ mais o artigo ‘*a*’ formando [ka], ocorre do mesmo modo que a contração entre a preposição ‘*de*’ ou ‘*em*’ mais artigo definido, como em ‘*de+a=da*’ ou em ‘*em+a=na*’. Entretanto, apesar de ser muito comum na oralidade a forma [ka] ou [kũa], elas ainda não foram lexicalizadas. É interessante notar que esse fato nunca ocorre com palavras lexicais, tal como ‘*dom*’ ou ‘*som*’ seguido de artigo definido feminino ‘*a*’, *[dũa] ou *[sũa].

Apesar da regra de redução da vogal não ocorrer em palavras como ‘*a, as, à, da, das, mas, na, nas, nem, pois, sem, um, uns*’, o fato de não receberem acento primário e nem acento tonal corroboram a afirmação de que são prosodizadas como clíticos. Outras evidências podem ainda ser apontadas e discutidas.

Notamos que em contexto de focalização, as palavras funcionais, as quais estão sob foco, recebem acento tonal, independente da posição em que ocupam dentro

de *I*, além de uma duração maior em relação ao contexto neutro, sendo, portanto, prosodizadas como Palavras Prosódicas independentes.

Em contexto neutro, não há evidências de que as palavras funcionais recebem acento tonal nas posições inicial, medial e final de *I*, embora a posição final, antes de pausa hesitativa, apresente uma duração maior em relação às posições inicial e medial. Logo, em contexto neutro, as palavras funcionais são prosodizadas como clíticos.

Com relação aos processos fonológicos observados que as palavras funcionais sofrem, podemos afirmar que eles servem de evidência de que as palavras funcionais clíticas são prosodizadas junto ao seu hospedeiro no pós-léxico, devido ao caráter variável de tais regras fonológicas.

Apesar de nosso experimento não ter testado as palavras funcionais em produções isoladas, as evidências para a prosodização das palavras funcionais como Palavras Prosódicas em contexto de focalização, quando sozinhas formam um *I*, parecem ser suficientes para afirmar que no PB, no caso de serem pronunciadas isoladamente, também são prosodizadas como Palavras Prosódicas.

Assim, concluímos que, as palavras funcionais clíticas são prosodizadas no léxico como sílabas átonas, pois não formam um pé, não sofrendo regras lexicais como atribuições de acento primário. E por estar sujeita apenas às regras pós-lexicais, o clítico se une ao hospedeiro nesse componente formando um constituinte maior, o qual será discutido nas seções a seguir.

Na próxima seção, discutiremos o modo como as palavras funcionais são prosodizadas no pós-léxico.

5.2. Evidências da inserção pós-lexical das palavras funcionais na estrutura prosódica

Como discutido na seção anterior, as palavras funcionais do PB são prosodizadas no léxico como sílabas átonas, inexistindo para algumas regras lexicais, como atribuição de acento.

Entretanto, os clíticos não podem ser confundidos com afixos, pois eles têm uma maior independência sintática dentro da sentença, os quais podem estar proclíticos,

mesoclíticos ou enclíticos ao verbo (hospedeiro), como por exemplo, os pronomes clíticos ‘*me, te, se, lhe(s), o(s), a(s), nos, vos*’, enquanto os afixos são formas presas que se incorporam a uma forma livre (palavra lexical), alterando o sentido e o tamanho, como por exemplo, em ‘*re+escrever=reescrever*’.

Assim como alguns afixos são formas clíticas e dependentes, alterando o sentido e o acento lexical de seus hospedeiros, as palavras funcionais também são formas clíticas e dependentes que se apóiam na palavra que serve como hospedeiro, entretanto não alteram o sentido, a posição do acento primário e nem o tamanho desse hospedeiro, quando são ligadas a ele.

Outra diferença entre os clíticos e alguns afixos, é que os afixos têm certa autonomia acentual e de sentido, como por exemplo, o prefixo ‘*pré*’ ou ‘*pós*’, os quais se comportam como membros de um composto quando não sofrem a regra de neutralização vocálica, e esse fato está relacionado ao sentido que ele veicula. Os prefixos ‘*pré*’ com o sentido de ‘*estágio precedente*’ e ‘*pós*’, no sentido de ‘*estágio ou grau separado*’ são membros de um composto ⁹¹.

Apesar de alguns prefixos se comportarem como clíticos ou como Palavras Prosódicas independentes⁹², segundo Schwindt (2000), assim como algumas palavras funcionais, as palavras funcionais clíticas não podem ser confundidas com afixos, pois (i) são formas livres, enquanto que os afixos são formas presas, exemplo ‘*desocupar*’ X ‘*de socorro*’; (ii) pertencem a classes morfológicas diferentes (artigos, preposições, pronomes, e conjunções), enquanto que os afixos não pertencem a uma classe morfológica; (iii) são átonas, como em ‘*a menina*’, enquanto os prefixos podem ser clíticos ou Palavras Prosódicas independentes, por exemplo ‘*prefixo*’ X ‘*pré-estréia*’; e (iv) são ignoradas por regras sensíveis à informação morfológica, enquanto os prefixos são sensíveis à informação morfológica. Então, clíticos não podem ser confundidos com afixos, e nem prosodizados como tal.

Pensando em questões como essa, passamos a discutir em que nível o clítico é prosodizado e quais as evidências para suportar nossas afirmações.

⁹¹ Para mais informações sobre os prefixos no PB ver Schwindt (2000, 2001).

⁹² Schwindt (2000) separa os prefixos em dois grupos: os legítimos e os composicionais. Essa divisão toma por base o acento, pois os prefixos legítimos são sílabas átonas que se afixam à esquerda de uma base por serem destituídos de acento, enquanto que os prefixos composicionais são palavras fonológicas independentes por portarem acento.

No capítulo anterior, foi mostrado que as palavras funcionais do PB estão sujeitas a regras pós-lexicais, tal como redução da vogal, sândi externo, entre outros processos fonológicos (cf. Bisol 2000, 2005; Brisolara 2008) ⁹³.

As palavras funcionais clíticas, independentemente de estarem em posição proclítica ou enclítica em relação ao hospedeiro, sofrem a regra de elevação da vogal, como podemos observar em (11).

- | | | | |
|------|----------------|---|-----------------------|
| (11) | me aguarde | ~ | [m̩a.ˈg̩ʷar.d̩ʒɪ] |
| | que me aguarde | ~ | [k̩ɪ.m̩a.ˈg̩ʷar.d̩ʒɪ] |
| | por essa | ~ | [p̩ʷ.ˈr̩ɛ.sa] |
| | vi o | ~ | [ˈvi.ʊ] |

Apesar de haver muitas discussões sobre a natureza lexical/pós-lexical da regra de elevação vocálica, em alguns dialetos ela é variável, não atendendo aos requisitos das regras lexicais, sendo, portanto, de natureza pós-lexical, segundo Brisolara (2008). O fato de tal regra ter aplicação variável e atingir as palavras funcionais do PB, independentemente da posição delas em relação ao hospedeiro, é uma forte evidência de que a prosodização dos clíticos se dá no pós-léxico. Outras evidências podem ainda ser apontadas.

Além da regra de redução vocálica, outro processo característico do PB que envolve clíticos é a sonorização da fricativa, a qual, como pudemos observar nos dados analisados no capítulo anterior, é aplicada sem exceções, exceto pela presença de pausa. Essa regra ocorre tanto dentro de palavra, ou seja, no componente lexical, como entre palavras, atingindo clíticos, razão pela qual é considerada de natureza pós-lexical e não lexical, pois a regra não ocorre apenas no domínio da palavra lexical.

Assim como a sonorização da fricativa, a palatalização de /t/ e /d/ diante de vogal alta atinge também palavras lexicais e clíticos, criando variantes alofônicas [tʃ] e

⁹³ Além da regra de neutralização da postônica final, a regra de harmonia vocálica transforma vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em vogais altas /i/ e /u/, quando a vogal da sílaba seguinte contém uma vogal alta, como em ‘menino’ [mininu]. A harmonização é uma regra de aplicação variável, sendo então considerada como pós-lexical, no entanto, segundo Brisolara (2008), a vogal do clítico se eleva independentemente da vogal seguinte, como por exemplo, em ‘por amor’ [pu.ra.mor] e ‘do destino’ [du.des.tʃi.nu], por isso não discutiremos a regra de harmonização porque não é claro que ela de fato ocorra com o clítico e seu hospedeiro, uma vez que a vogal do clítico sofre redução independentemente do tipo de vogal que constitui seu hospedeiro e que lhe é contrária.

[dʒ], como em ‘te amarei’ [tʃ̃a.ma.rei] e ‘de ônibus’ [dʒ̃i.o.ni.bus]. Entretanto é de natureza variável, sendo aplicadas de acordo com a variante lingüística utilizada pelo falante de PB. No caso, a variedade analisada, realiza a regra sempre quando o contexto segmental é propício.

Por ser de natureza variável e também atingir clíticos, as regras de sonorização da fricativa e de palatalização das alveolares são também consideradas de caráter pós-lexical.

Há também o processo de juntura externa denominado de *tapping*, que é pós-lexical por ser de natureza variável, ocorre entre palavras lexicais, como em ‘mar azul’ [‘ma.ra.’zul], e entre a sequência clítico + hospedeiro, como em ‘por essa’ [pu.’ɾɛ.sa].

Além dos processos de juntura externa que envolvem consoantes, há outros processos fonológicos como os de sândi externo (DT, DG, e EL), os quais envolvem vogais, que também são de uso geral, variável, não precisam de informações morfológicas e são considerados como pós-lexicais. Entretanto, enquanto a DG e a DT ocorrem tanto dentro de palavra como entre palavras, atingindo palavras funcionais clíticas, a EL só ocorre entre palavras, sendo bloqueada quando ocorre entre clítico+hospedeiro, como em (12).

- | | | |
|------|------------|---------------|
| (12) | no armário | *[nar.ma.rio] |
| | de ônibus | *[dʒo.ni.bus] |

Em suma, o fato de tais processos fonológicos serem pós-lexicais e atingir as palavras funcionais clíticas do PB podem ser tomados como evidências de que os clíticos do PB não são prosodizados no léxico, assim como os afixos, mas sim no pós-léxico, juntamente com seu hospedeiro.

Sendo as palavras funcionais monossilábicas elementos inertes prosodicamente, i.e., elementos átonos dependentes, não portadores de acento primário, precisam de um hospedeiro para se apoiar. Já que as palavras funcionais são prosodizadas no léxico como sílabas átonas, e não havendo evidências de que elas se unem ao hospedeiro no componente lexical, visto que elas não se comportam como afixos, assumiremos então que elas se unem ao hospedeiro no pós-léxico.

Discutiremos na seção seguinte o modo como as palavras funcionais clíticas do PB se unem ao seu hospedeiro e são inseridas na estrutura prosódica.

5.3. Uma proposta para estrutura prosódica das palavras funcionais no PB

Considerando afirmações como de Bisol (2005) e Brisolara (2008) de que as seqüências clítico+hospedeiro ou hospedeiro+clítico formam uma Palavra Prosódica Pós-Lexical, discutiremos nesta seção o modo que as palavras funcionais monossilábicas são inseridas na estrutura prosódica do PB.

Sabemos que as palavras funcionais monossilábicas são prosodizadas no léxico como sílabas átonas, as quais se unem a um hospedeiro no nível pós-lexical, e uma das evidências para essa afirmação é a regra de redução vocálica.

De acordo com Vigário (1999), no PE, as palavras funcionais são sílabas átonas que vão se unir a um hospedeiro no nível pós-lexical por adjunção, no caso dos proclíticos, e por incorporação, no caso dos enclíticos.

No caso dos enclíticos no PE, Vigário afirma que a incorporação é evidenciada pela regra de apagamento da vogal não posterior /e/, a qual seria obrigatória em final de Palavra Prosódica independentemente do estatuto prosódico do elemento seguinte. No entanto, essa regra tem um comportamento interessante, segundo Vigário, com respeito à seqüência hospedeiro+clítico, pois a vogal final do verbo nunca é apagada quando este é seguido por um pronome enclítico, como em *‘pede-te azeitonas’*. Nos casos em que o verbo não é seguido por um enclítico, a regra de apagamento ocorre, pois a vogal final do verbo está em fronteira de Palavra Prosódica, como em *‘pele alva’* [pe.lal.va] e *‘bebe água’* [be.b’a.gua]. Então, quando o verbo é seguido por um enclítico, a regra de apagamento não se aplica no verbo, pois é a vogal final do clítico que coincide com a fronteira direita de uma Palavra Prosódica, como por exemplo, *‘pede-o’* [pe.dj.o]. Esse fato sugere então que o enclítico é incorporado a Palavra Prosódica precedente e não adjungido a ela.

É importante ressaltar que essa regra somente se aplica no final de Palavra Prosódica em PE e não se aplica a palavras funcionais que não são Palavras Prosódicas.

No caso das palavras funcionais proclíticas ao hospedeiro, a vogal final da palavra funcional se realiza como um glide, se a palavra seguinte começar por vogal,

como podemos observar em ‘d[j] água’. Assim, podemos notar que os proclíticos não são incorporados a Palavra Prosódica seguinte no PE, mas adjungidos, como propõe Vigário (1999).

De acordo com Vigário (2003), os proclíticos e os enclíticos podem ser integrados na estrutura prosódica do seguinte modo no PE:

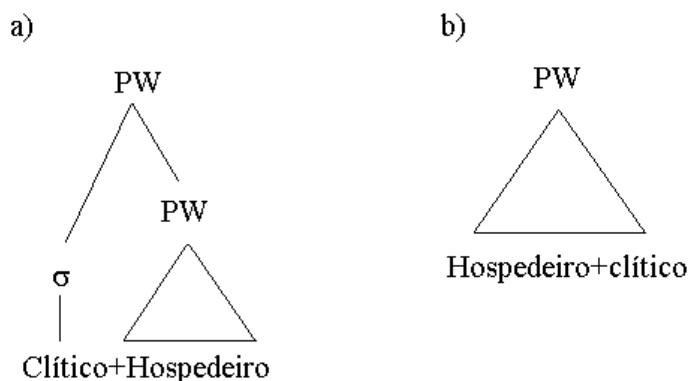


Figura 24: (a) Adjunção de proclíticos a palavra seguinte e (b) Incorporação de enclíticos a palavra precedente no PE, segundo Vigário (2003).

Com base em Vigário (1999, 2003) para o PE, assumiremos, assim como já afirmado por Bisol (2005) e Brisolara (2008), que as palavras funcionais monossilábicas e as dissilábicas ‘para’ e o ‘porque’ do PB, quando clíticas⁹⁴ são sílabas átonas que se unem por adjunção a uma Palavra Prosódica⁹⁵, que serve como hospedeiro ao clítico, no nível pós-lexical. A adjunção do clítico a uma Palavra Prosódica é evidenciada pela regra de elevação vocálica, a qual ocorre independentemente da posição do clítico em relação ao seu hospedeiro.

Contudo no PB, diferentemente do PE que incorpora os enclíticos ao hospedeiro, há uma simetria entre próclise e ênclise, e isso pode ser observado pela aplicação da regra de elevação de vogal final, que ocorre independentemente da posição em que o clítico estiver em relação ao hospedeiro (cf. Bisol 2005 e Brisolara 2008).

⁹⁴ É importante lembrar que as palavras funcionais monossilábicas somente serão prosodizadas como Palavras Prosódicas independentes em contexto de focalização ao receberem acento tonal LHL. Já as palavras dissilábicas só serão clíticas quando sofrerem processo de redução vocálica na vogal candidata a receber acento lexical, independente do contexto discursivo.

⁹⁵ Conforme Bisol (2000), os clíticos juntam-se a uma Palavra Prosódica pronta, tardiamente, sem integrá-la, diferentemente da relação existente entre o prefixo e sua base.

No PB, a regra de apagamento da vogal em final de Palavra Prosódica não se aplica com tanta frequência como no PE, podendo ocorrer em contextos como ‘*compra o livro ~ comprou livro*’, mas não em ‘*bebe o vinho ~ *bebu vinho*’, independentemente de a palavra estar seguida por clítico ou não, logo não serve como evidência de que há incorporação dos enclíticos, o que corrobora a afirmação de que no PB enclíticos e proclíticos são adjungidos ao hospedeiro.

Segundo Bisol, a próclise tem sido como regra geral no PB, ficando a ênclise restrita apenas a escrita, o que difere do PE, que prefere a ênclise, ocorrendo a próclise somente quando há palavra atrativa.

Assim, os clíticos do PB tendem a ser proclíticos e quase nunca enclíticos. Uma exceção de que no PB só ocorre a próclise é o fato de que quando o clítico está em posição final de *I*, ele não tem um hospedeiro acentuado que o segue para que possa se apoiar, tendo que ficar enclítico ao hospedeiro anterior. É importante ressaltar que esse trabalho não contradiz tudo que se tem afirmado sobre a direção de cliticização sintática no PB, pois o tipo de encliticização aqui mencionado se refere à ênclise prosódica, devida à falta de um hospedeiro em posição final de *I*, e não a ênclise sintática. Além disso, não nos aprofundaremos em discutir qual a direção de cliticização no PB por fugir de nossos objetivos. Tal tema ficará aberto a discussões em trabalhos futuros.

Na maioria dos casos analisados em que a palavra funcional está em posição final de *I* em contexto neutro, ocorre a redução vocálica da palavra funcional. Observe alguns exemplos, em (13), de palavras funcionais enclíticas ao hospedeiro.

- (13) 1. Elevação da átona final
- | | |
|--|-----------------|
| i. eu vou de ... | [eu.vou.dʒɪ] |
| ii. você vai por ... | [vo.se.vai.pur] |
| iii. é necessário trocar os ... | [tro.kar.us] |

Observe os exemplos em (14) de palavras funcionais proclíticas ao hospedeiro que sofrem elevação da vogal final. Além dos casos em que a palavra funcional proclítica sofre redução vocálica, podemos encontrar a ocorrência de processos de sândi externo como a DG, a DT, o vozeamento da fricativa e *tapping*.

- (14) 1. DG
- | | |
|----------------------|--------------|
| i. me esqueci | [mes.ke.'si] |
|----------------------|--------------|

ii. da Aline	[da.'li.nɿ]
2. DT	
i. de ônibus	['dʒio.nibus]
ii. me aguarde	[mɿa.'gʊar'dʒɪ]
3. Vozeamento da fricativa	
i. os amortecedores	[ʊ.za.mor.te.se.'do.res]
ii. nos armários	[nʊ.za.mor.te.se.'do.res]
4. Tapping	
i. por essa	[pʊ.'ɾɛ.sa]

Já em posição final, a ocorrência de tais processos de sândi vocálico é geralmente bloqueada por pausa. O bloqueio de tais processos nessa posição de *I* pode ser evidência de uma prosodização diferente nessa posição, o que sustentaria a afirmação de que a posição final de *I* em PB é proeminente, e que as palavras funcionais também nessa posição seriam prosodizadas como Palavra Prosódica por receberem proeminência pós-lexical. Entretanto a ocorrência de alguns casos de redução mostra que o processo é variável em posição final; logo, a redução vocálica serve de evidência de que a posição final não é proeminente.

Não se pode ignorar, sobretudo, que todas as palavras funcionais nessa posição não podem receber proeminência pós-lexical, e essa proeminência coincidir com a prosodização de uma palavra funcional como Palavra Prosódica. O que é importante ressaltar é que, apesar da maioria dos dados corroborarem a afirmação de que a posição final de *I* leva à ênclise prosódica da palavra funcional, a interpretação adequada de casos como o apresentado a seguir fica a depender de novos dados, bem como de discussões e desdobramentos futuros, motivo pelo qual não apresentamos resultados conclusivos neste trabalho.

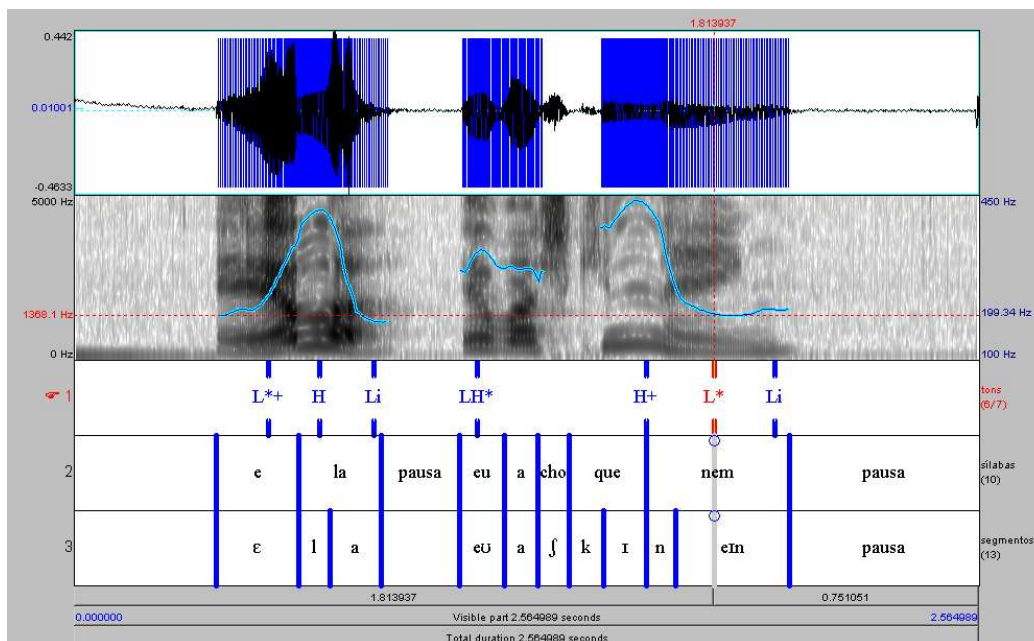


Figura 25: Conjunção ‘nem’ em posição final de *I* em contexto neutro.

Como podemos observar a última sílaba tônica antes da palavra funcional recebe evento tonal LH*, e é possível notar claramente um evento tonal H+L* associado à conjunção ‘nem’ em posição final de *I* seguido de tom de fronteira Li. Esse caso pode ser uma exceção com relação à posição final de *I* em contexto neutro ou pode ser evidência de que a conjunção ‘nem’ é prosodizada como Palavra Prosódica e não como clítico. No entanto os dados não são suficientes para que façamos uma afirmação sobre o estatuto prosódico da conjunção e nem se a posição final pode ser acentuada em situações especiais.

Nos demais casos com relação à posição final, notamos que a ênclise ocorre, devido ao fato de não haver mais material fonético acentuado para que as palavras funcionais possam se apoiar. Observe os exemplos das palavras funcionais em posição final de *I* em (15).

(15) **Palavras funcionais em final de *I***

1. Irei **a...** a Olinda?
2. Eu vou **de...** Acho que de ônibus também.
3. É a primeira vez que vejo **um**.
4. Você me dá seu lanche agora **ou...** apanha.
5. Eu também estou **sem**.
6. Você segue **por...** por essa rua ate o final e vira à direita.
7. Eu acho que **nem**.

8. Ele pensa **que**... ainda que cansada, vou continuar a trabalhar.

Com relação às demais palavras funcionais em posição inicial e medial de *I* em contexto neutro, elas vão se adjungir a palavra seguinte por meio da próclise. Observe os exemplos em (16).

(16)	Estrutura morfológica	Estrutura prosódica
	[a PFunc [Odete P _{Lex}]PWd]	[[a PFunc [Odete P _{Lex}]PWd]PWd]
	[me PFunc [aguarde P _{Lex}]PWd]	[[me PFunc [aguarde P _{Lex}]PWd]PWd]
	[de PFunc [ônibus P _{Lex}]PWd]	[[de PFunc [ônibus P _{Lex}]PWd]PWd]
	[em PFunc [organizar P _{Lex}]PWd]	[[em PFunc [organizar P _{Lex}]PWd]PWd]
	[por PFunc [essa P _{Lex}]PWd]	[[por PFunc [essa P _{Lex}]PWd]PWd]
	[as PFunc [araras P _{Lex}]PWd]	[[as PFunc [araras P _{Lex}]PWd]PWd]
	[o PFunc [ônibus P _{Lex}]PWd]	[[o PFunc [ônibus P _{Lex}]PWd]PWd]
	[os PFunc [amortecedores P _{Lex}]PWd]	[[os PFunc [amortecedores P _{Lex}]PWd]PWd]
	[um PFunc [orangotango P _{Lex}]PWd]	[[um PFunc [orangotango P _{Lex}]PWd]PWd]
	[uns PFunc [aviões P _{Lex}]PWd]	[[uns PFunc [aviões P _{Lex}]PWd]PWd]

Como já afirmado, a regra de elevação mostra que há uma uniformidade de formação que se dá por adjunção, independente da posição do clítico, e não por incorporação, como ocorre com os sufixos no PB e com os enclíticos no PE.

Outro ponto importante a ser novamente observado é que a seqüência hospedeiro+clítico ou clítico+hospedeiro sofre regras pós-lexicais, formando o que estamos denominando de Palavra Prosódica pós-lexical, nos termos de Vigário (2007).

Nespor & Vogel (1986) afirmaram que a palavra fonológica pode possuir apenas um acento primário e corresponde ao elemento terminal de uma árvore sintática, sendo menor que esse elemento, mas nunca maior. No caso da Palavra Prosódica pós-lexical aqui proposta, ela estaria incluída dentro do Grupo Clítico de Nespor & Vogel (1986) por não haver restrições de tamanho. Segundo a proposta das autoras, o Grupo Clítico englobaria um clítico+hospedeiro, considerando o clítico como Palavra Prosódica independente mesmo que ele não possua acento primário.

Entretanto, um dos principais problemas do Grupo Clítico é o fato dos clíticos serem entendidos como Palavras Prosódicas, embora eles não apresentem características das mesmas, como o acento e independência de um hospedeiro. Segundo Vigário (2007), essa ‘assunção é contra-intuitiva e problemática’, pois decorre do fato da *Strict Layer Hypothesis* (SLH) expressar que um constituinte da hierarquia domina

necessariamente um constituinte de nível imediatamente inferior, como por exemplo, uma Palavra Prosódica necessariamente domina um pé.

Embora concordemos com Nespor & Vogel que a Palavra Prosódica se define pela presença de apenas um acento primário, nosso trabalho se diferencia do das autoras por assumir que a hierarquia prosódica do PB não inclui o Grupo Clítico. Admitimos que há recursividade na escala prosódica, no momento em que consideramos que o clítico mais seu hospedeiro formam a Palavra Prosódica pós-lexical, assim como já proposto por Vigário (1999, 2003, 2007)⁹⁶ para o PE.

No que se refere ao trabalho de Selkirk (1995), concordamos que o clítico e a palavra lexical formam apenas uma Palavra Prosódica, como em ‘*me aguarde*’, ‘*a Odete*’, ‘*vou de*’, ‘*irei a*’ e ‘*por essa*’.

Com relação aos trabalhos de Vigário (1999, 2003), concordamos com a autora que as palavras funcionais quando clíticas vão se unir a um hospedeiro no pós-léxico, formando um constituinte prosódico pós-lexical. Entretanto, acreditamos que o constituinte formado entre o clítico e o hospedeiro faz parte do *Grupo de Palavra Prosódica (GPW)*, conforme proposta de Vigário (2007). Convém ressaltar que este não é um novo domínio, segundo a autora, mas sim, o antigo Grupo Clítico reciclado.

Segundo Vigário (2007), o *Grupo de Palavra Prosódica* é formado pela *Palavra Prosódica Mínima* e pela *Palavra Prosódica Máxima*, como já apresentado no capítulo 2, e o que ele agrupa não são apenas clíticos, mas também Palavras Prosódicas. Dentre os dois tipos mencionados, a sequência clítico+hospedeiro ou hospedeiro+clítico formaria o que Vigário denomina de *Palavra Prosódica Mínima* dentro do Grupo de Palavra Prosódica, formada por apenas um acento primário. Observe a configuração da estrutura prosódica formada pela palavra funcional mais o hospedeiro.

⁹⁶ Bisol (2005) e Brisolara (2008) afirmam que a sequência clítico+hospedeiro ou hospedeiro+clítico formam a palavra fonológica pós-lexical, no entanto Bisol apresenta argumentos em favor do Grupo Clítico para o PB, enquanto Brisolara afirma que a hierarquia prosódica não necessita incluir o Grupo Clítico para dar conta dos clíticos no PB.

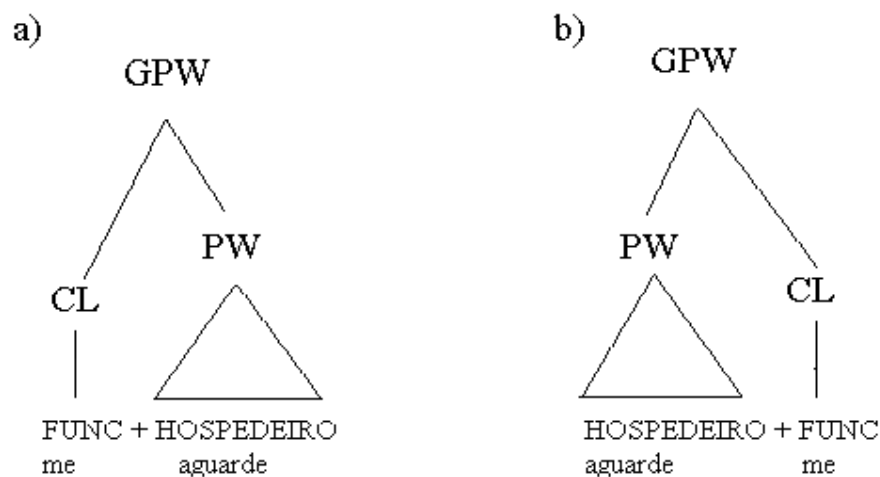


Figura 26: Estrutura prosódica denominada de Grupo de Palavra Prosódica, nos termos de Vigário (2003), formada por uma palavra funcional clítica mais uma palavra lexical que funciona como hospedeiro.

Optamos por usar esse modelo de prosodização por considerar mais coerente no que se refere à definição do clítico dentro da hierarquia prosódica, e também por permitir acomodar melhor casos como o dos afixos e dos próprios clíticos, os quais, apesar de diferenças sintático-morfológicas já comentadas anteriormente, têm as mesmas propriedades fonológicas.

Como mencionado no capítulo anterior, as palavras funcionais em contexto de foco são prosodizadas como Palavras Prosódicas independentes, e as evidências são a atribuição de acento tonal LHL associado à duração, além de comporem sozinhas um *I*, recebendo a proeminência principal desse domínio.

Observe o modo como podem ser representadas na estrutura prosódica a seguir.

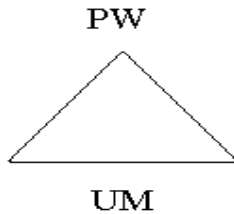


Figura 27: Estrutura prosódica de palavras funcionais prosodizadas como Palavra Prosódica em contexto de focalização.

Em suma, como discutido até agora, as palavras funcionais podem ter diferentes estruturas prosódicas, dependendo do tipo de contexto discursivo em que aparecem, neutro e de foco, e da constituição particular (formação de pés), se não sofrerem nenhum processo fonológico como a redução da vogal.

A seguir, apresentamos nossas considerações finais sobre o capítulo.

5.4. Considerações finais

Neste capítulo, discutimos o estatuto prosódico das palavras funcionais do PB e modo como são integradas à estrutura prosódica, apresentando uma proposta de representação no âmbito da hierarquia prosódica.

Primeiramente mostramos que as palavras funcionais monossilábicas e as dissilábicas ‘para’ e ‘porque’ são clíticos, pois não formam um pé, não recebendo acento lexical, e a evidência para isso é a regra de elevação da vogal, um tipo de redução vocálica. Argumentamos que as palavras funcionais clíticas não podem ser confundidas com os afixos porque são independentes em relação ao seu hospedeiro.

Em seguida, assumimos que, por serem prosodicamente sem acento no léxico, as palavras funcionais vão se adjungir a um hospedeiro no pós-léxico, e que há uma simetria entre próclise e ênclise no PB quanto à adjunção, evidenciada pela regra de elevação da vogal final.

Apesar da tendência do PB ser a próclise, ao contrário do PE que prefere a ênclise, a ênclise prosódica é possível, pois nos casos em que a palavra funcional ocupa a posição final de *I*, o clítico se une ao hospedeiro anterior. As evidências para que a prosodização ocorra no pós-léxico são a ocorrência de processos de sândi externo, como

a DT, a DG, a EL, e os processos de vozeamento da fricativa e *tapping*, os quais ocorrem entre a palavra funcional e seu hospedeiro lexical.

Assim, propusemos que o domínio prosódico que engloba a seqüência formada entre o clítico e o hospedeiro é o Grupo de Palavra Prosódica, de acordo com a proposta de Vigário (2007) por acomodar o clítico dentro da hierarquia prosódica (figura 26).

No caso em que as palavras funcionais estão em contexto de focalização, elas apresentam um comportamento diferente, recebendo proeminência pós-lexical, marcada pelo acento tonal LHL, configurando-se como Palavras Prosódicas independentes (figura 27). Tais conclusões ficam abertas a discussões e contra-argumentações.

No capítulo seguinte, apresentamos as considerações finais desta pesquisa e apontamos possíveis desdobramentos futuros da mesma.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho foi estudar o estatuto prosódico das palavras funcionais em PB em busca de evidências do modo como são integradas à estrutura prosódica, como clíticos ou como Palavras Prosódicas, visto que essa categoria de palavras nas línguas apresenta um padrão variável, e o mesmo pode ser observado no PB. A relevância de tal trabalho é que essa investigação traz, além do modo como as palavras funcionais do PB são prosodizadas, contribuições para os estudos sobre o domínio da ‘Palavra Prosódica’ em PB.

Para analisar a estrutura prosódica das palavras funcionais, adotamos a abordagem de Nespor&Vogel (1986) no que se refere ao domínio da Palavra Prosódica, e baseamo-nos nos trabalhos de Selkirk (1995) e Vigário (1999, 2003, 2007) para a prosodização das palavras funcionais. Para a análise acústica, utilizamos os símbolos do IPA-93 e as convenções da Fonologia Entoacional propostas por Pierrehumbert (1980, 1988) e Ladd (1996), baseando-nos nos trabalhos de Tenani (2002) e Fernandes (2007) para o PB.

No que diz respeito aos dados, optamos por trabalhar com um *corpus* experimental de fala desta variedade de português, elaborado de acordo com a abordagem conhecida como ‘fonologia laboratorial’ (cf. Ohala 1995, entre outros), devido à natureza específica que apresentavam as questões propostas para o presente trabalho. Nossa análise partiu da hipótese de que dependendo da posição dentro de *I* e do contexto discursivo, as palavras funcionais podem ser prosodizadas de modos diferentes. A análise dos resultados mostrou que, quando clíticas, as palavras funcionais se unem a um hospedeiro no nível pós-lexical, e em casos especiais, como em contexto de focalização, recebem acento tonal LHL e são prosodizadas como Palavra Prosódica.

Para chegar a essa conclusão sobre os dados, observamos a posição das palavras funcionais dentro de *I* (início, meio, e fim), o contexto discursivo (neutro e foco), a constituição particular (formação de pés), os correlatos acústicos do acento (evento tonal e duração), e a ocorrência de processos fonológicos (sândi vocálico, redução da vogal, entre outros).

No capítulo 4, apresentamos a descrição e discussão dos resultados obtidos a partir da análise acústica e perceptual dos dados. A descrição dos dados consistiu em ressaltar, primeiramente, os correlatos acústicos do acento, tal como duração e acento tonal, e em seguida, a ocorrência de processos fonológicos segmentais, tal como, o sândi vocálico (DG, DT, EL), o vozeamento da fricativa, o *tapping* e a redução vocálica.

Tenani (2002) salienta que a duração é importante devido ao fato do acento frasal sobrepor uma sílaba tônica, com acento lexical, e também se torna relevante quando serve para diferenciar uma sílaba acentuada de outra, mas de acordo com o nível prosódico desse acento. De acordo com a autora, um acento referente a um domínio prosódico superior como *I* tem que ter uma vogal mais longa do que outra que carrega acento de Palavra Prosódica, por exemplo.

A partir da análise da duração, observamos que os valores encontrados em posição final de *I* em contexto neutro não podem ser interpretados como reflexos de uma prosodização diferente, mas um alongamento esperado por coincidir com o final de um enunciado seguida de pausa hesitativa. Nas demais posições de *I* em contexto neutro, a duração não apresentou valores significativos como evidência de uma prosodização diferente.

Além da duração, outro correlato acústico do acento analisado foi o acento tonal. Segundo Vigário (2001), os acentos tonais são associados às sílabas acentuadas (cf. Viana 1987, Frota 1994-2002, Falé 1995, Selkirk 1995, Vigário 1998), logo os clíticos, por serem destituídos de acento, não recebem um acento tonal. Com base nos dados, somente em contexto de focalização, observamos a atribuição do evento tonal LHL associado à palavra funcional sob focalização. Em contexto neutro, não observamos a atribuição de evento tonal associado às palavras funcionais nas posições de *I*. Assim a duração associada à atribuição de evento tonal LHL às palavras funcionais sob focalização são evidências de que nesses casos são prosodizadas como Palavras Prosódicas independentes.

Identificadas os eventos tonais dos enunciados analisados, passamos a investigar a ocorrência de processos fonológicos com o intuito de verificar se eles podem ser evidências do estatuto prosódico das palavras funcionais e do modo como

são integradas à estrutura prosódica do PB. Os processos observados foram: redução vocálica, sândi vocálico (DT, DG e EL), vozeamento da fricativa e *tapping*.

Notamos que o processo de redução vocálica é a maior pista do caráter átono das palavras funcionais do PB, pois somente vogais átonas são reduzidas. Das palavras funcionais analisadas, a maioria delas sofre redução das vogais /e/ e /o/.

No caso da preposição '*para*' e da conjunção '*porque*', elas se mostram facilmente cliticizáveis, pois sofrem redução vocálica. Vale lembrar que a redução só ocorre quando tais palavras estão em posição inicial e medial de *I* em contexto neutro e nunca em posição final. No caso da preposição '*para*', ela é realizada como /pra/. Já a conjunção '*porque*' é realizada como /porqui/.

Já os outros processos fonológicos analisados, como o sândi vocálico (DG, DT e EL), o vozeamento da fricativa e o *tapping*, são somente bloqueados por pausa, assim como já observado por Tenani (2002). A ocorrência de tais processos fonológicos acima do nível da palavra são evidências de que a sequência clítico mais hospedeiro é formada no componente pós-lexical. Sendo assim, podemos afirmar que quando as palavras funcionais são prosodizadas como clíticos ela se une a um hospedeiro acentuado, e essa união se dá no pós-léxico.

Com base nos resultados obtidos, pudemos perceber que as palavras funcionais monossilábicas do PB são clíticos, e também as dissilábicas '*para*' e '*porque*' em contexto neutro, sendo prosodizadas como Palavras Prosódicas apenas em contexto de focalização.

Entretanto, se tais palavras funcionais dissilábicas não sofrerem redução vocálica, elas formam um pé e recebem acento, sendo prosodizadas como Palavras Prosódicas independentes.

Sugerimos, com base na análise dos dados de PB, que as palavras funcionais, quando se configuram como sílabas átonas, ou seja, como clíticos, vão se adjungir a um hospedeiro seguinte no nível pós-lexical, formando um constituinte prosódico pós-lexical, o *Grupo de Palavra Prosódica* (figura 26), conforme a proposta de Vigário (2007). Quando as palavras funcionais estão sob focalização, elas se configuram como Palavra Prosódica independente (figura 27).

Vale lembrar que a direção de cliticização do PB é à esquerda do hospedeiro, pois o PB tem preferência pela próclise, diferentemente do PE, que tem preferência pela

ênclise. Entretanto nos casos em que a palavra funcional está em posição final de *I*, devido à falta de um hospedeiro posterior à palavra funcional, somente a ênclise pode ocorrer.

É importante ressaltar que nesse caso a ênclise é apenas prosódica, e não sintática, mesmo porque, por fugir do objetivo desse trabalho, não discutiremos os aspectos sintáticos dessa cliticização.

Assim, ao fim desse trabalho, apesar de ainda haver questões que merecem ser desenvolvidas e discutidas, esperamos ter avançado no que se refere ao estatuto prosódico das palavras funcionais no PB e ter trazido contribuições aos estudos sobre o domínio da Palavra Prosódica, além de termos apontado possíveis desdobramentos desse assunto para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, S. *A-Morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- BECKMAN, M. & PIERREHUMBERT, J. Intonational Structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, n. 3, 1986, p. 255-310.
- BERENDSEN, E. *The Phonology of Cliticization*. Dordrecht: Foris, 1986.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 23, 1992, p. 83-101
- _____. Sândi vocálico externo. *Gramática do Português Falado*, v. 2,. Campinas: Editora Unicamp, 1993, p. 21-38.
- _____. Introdução a estudos de fonológica do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996a.
- _____. O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*, n. 31 (2), 1996b, p. 159-168.
- _____. Sandi externo: o processo e a variação. *Gramática do Português Falado*, v. 5, 1996c, p. 55-96.
- _____. A elisão, uma regra variável. *Letras de Hoje*, n. 35 (1), 2000a, p. 319-330.
- _____. O clítico e seu status prosódico. *Revista de estudos da Linguagem*. Belo Horizonte. v.9, n. 1, 2000b, p. 5-30.
- _____. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *Delta*, 20: especial, 2004, p. 59-70.
- _____. O clítico e seu hospedeiro. *Letras de hoje*. Porto Alegre. V. 40, nº 3, 2005, p. 163-184.
- BOOIJ, G. Coordination Reduction in Complex Words: a Case for Prosodic Phonology. In: VAN DER HULST, H. e SMITH, N. (eds) *Advances in Nonlinear Phonology*. Dordrecht: Foris, 1985, p. 143-160.
- _____. On the relation between Lexical and Prosodic Phonology. In: *Certamen Phonologicum*. P. M. Bertinetto & M. Loporcaro(Ed). Torino: Rosenberg and Sellier, 1988, p. 63-76.
- _____. Cliticization as Prosodic Integration: The case of Dutch. *The Linguistic Review* 13, 1996, p. 219-242.

- BORDUQUI CAMPOS, L. B. Segmentações alternativas e constituintes prosódicos em Português brasileiro: uma análise de canções da MPB. 2007. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.
- BRISOLARA, L. B. *A prosodização dos clíticos pronominais no sul do Brasil: uma análise variacionista com base na regra de elevação da vogal átona /e/*. Dissertação de Mestrado. 2004. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2004.
- _____. *Os clíticos pronominais do Português Brasileiro e sua prosodização*. Tese de Doutorado. 2008. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- CAMARA Jr, M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.
- COOK, V. J. e NEWSON, M. *Chomsky's Universal Grammar - an introduction (second edition)*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- CUNHA, G. Entoação regional no Português do Brasil. 2000. *Tese de doutorado*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- CUNHA, C. E CINTRA, L. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3ª edição revista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FALÉ, I. *Fragmento da prosódia do Português Europeu: as estruturas coordenadas*. 1995. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa, 1995.
- FERNANDES, F. R. *Ordem, focalização, e preenchimento em Português: sintaxe e prosódia*. Tese de Doutorado. 2007. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000. (Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1998).
- FROTA, S. Nuclear falls and rises in European Portuguese: a phonological analysis of declarative and question intonation. *Probus*, n. 14(1) (Special Issue on Intonation in Romance, edited by José-Ignacio Hualde), 2002a, p. 113-146.
- _____. Tonal association and target alignment in European Portuguese nuclear falls. In: GUSSENHOVEN, C. & N. WARNER, (Eds.). *Laboratory Phonology 7*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002b, p.387-418.

- _____. *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.
- _____. On the prosody and intonation of focus in European Portuguese. In: MARTÍNEZ-GIL F. & MORALES-FRONT, A. (Eds.). *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1997, p. 359-392.
- _____. Aspectos da Prosódia do Foco no Português Europeu. *Letras de Hoje*, n. 29(4). Porto Alegre, 1994, p. 77-99.
- FROTA, S. & M. VIGÁRIO. "On weights effects in European Portuguese". Paper given at the *GLOW Workshop On Weight Effects*. Athens, ms. 1996.
- FROTA, S. & VIGÁRIO, M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: CASTRO, R. V. & P. BARBOSA (Eds.) *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, v. 1. Coimbra: APL, 2000, p. 533-555.
- GIMSON, A. *An Introduction to the Pronunciation of English*. 2nd ed. London, Edward Arnold, 1970.
- HAYES, B. The prosodic hierarchy in meter, In: KIPARSKY, P.; YOUMANS, G. (eds). *Rhythm and Meter, Phonetics and Phonology I*. New York, Academic Press, 1989, p. 201-260.
- INKELAS, S. Prosodically constrained syntax. In: INKELAS, S. & ZEC, D. (Orgs.). *The phonology-syntax connection*. Cambridge: The University of Chicago Press, 1990.
- _____. & ZEC, D. Auxiliary reduction without empty categories: a prosodic account. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory* 8. 1993, p. 205-253.
- JONES, D. *Outline of English Phonetics*. 9th ed. Cambridge, Mass, 1964.
- LADD, D. R. *Intonational Phonology*. Cambridge: CUP, 1996.
- LEAL, E. G . *Elisão silábica e haplologia: aspectos fonológicos do falar da cidade paulista de Capivari*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo. 2006.
- LEIRIA, L. L. *Em busca da palavra prosódica*. 2000. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

- LUFT, C. P. *Gramática resumida: explicação da nomenclatura gramatical brasileira*. 12ª edição. São Paulo: Editora Globo, 2001.
- KAISSE, E. *Connected Speech*. New York, Academic Press, 1985.
- _____. & SHAW, P. On the theory of Lexical Ohonology. *Phonology Yearbook* 2, 1985, p. 1-30.
- KLEINHENZ, U. The Prosody of German Clitics. In: ALEXIADOU, A. ET AL. (orgs) *ZAS Papers in Linguistics* 6, 1996, p. 81-95.
- MIOTO ET AL. *Manual de Sintaxe*. Florianópolis, Insular, 2004.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- OHALA, J. J. Experimental Phonology. In: GOLDSMITH, J. A. (ed). *A handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995, p. 713-722.
- PEPERKAMP, S, On the Prosodic Representation of Clitics. *Interfaces in Phonology*, (ed. By U. Kleinhenz). Berlin: Akademie Verlag, *Studia Grammatica* 41, 1996, p. 1002-127.
- _____. *Prosodic Words*. 1997. Tese de Doutorado. The Hague: Holland Academic Graphics, 1997.
- PIERREHUMBERT, J. *The phonology and phonetics of English intonation*. 1980. Tese de Doutorado. Cambridge, Mass.: M.I.T., 1980.
- _____. & BECKMAN, M. *Japanese Tone Structure*. Cambridge, Mass.: M. I. T. Press, 1988.
- SCHWINDT, L. C. O prefixo no Português Brasileiro: análise prosódica e lexical. *Delta*, vol. 17, nº 2, São Paulo, 2001.
- _____. *O prefixo do português brasileiro: análise morfofonológica*. Tese de Doutorado. Rio Grande do Sul: PUCRS, 2000.
- SELKIRK, E. *On prosodic structure and its relation to syntactic structure*. Bloomington, Indiana University Linguistics Club. 1980.
- SELKIRK, E. *Phonology and Syntax. The Relation between Sound and Structure*. Cambridge: The Mit Press, 1984.
- _____. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*, n. 3, 1986, p. 371-405.

- _____. The prosodic structure of function words. In: BECKMAN, J. ET AL. *Papers in Optimality Theory*. Amherst, Mass.: GLSA University of Massachusetts Occasional Papers, 18, 1995, p. 439-469.
- _____. & SHEN, T. Prosodic Domains in Shanghai Chinese. In: INKELAS, S. & ZEC, D. (Eds.). *The phonology-syntax connection*. Chicago: UCP, 1990, p. 313-337.
- SWEET, H. *A handboook of Phonetics*. Oxford: Henry Frowde, 1891.
- _____. *The sounds of English – An Introduction to Phonetics*. Oxford, Clarendon Press, 1908.
- TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português*. 2002. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2002.
- VIANA, M. C. *Para a síntese da entoação do Português*. Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar. Lisboa: CLUL-INIC, 1987.
- VIEIRA, S. R. O parâmetro da cliticização fonológica e os pronomes átonos no Português do Brasil e no Português Europeu. *Estudos Lingüísticos XXXIV*, 2005, p. 1003-1008.
- VIGÁRIO, M. Processos de desambiguação em estruturas com advérbios de exclusão. In: BRITO, A. M., OLIVEIRA, F., LIMA, I. P. E MARTELO, R. (eds). *Sentido que a vida faz. Estudos para Oscar Lopes*. v. I. Lisboa: APL/Colibri, 1997, p. 329-349.
- _____. *Aspectos da Prosódia do Português Europeu: estruturas com advérbio de exclusão e negação frásica*. Braga: CEHUM, 1998.
- _____. On the prosodic status of stressless function words in European Portuguese. In: *Studies on the phonological word. Current Issues in Linguistic Theory*. Amsterdam/ Philadelphia, 1999.
- _____. *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003. (Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2001,).
- _____. O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, M. & COUTINHO, M. A. (Orgs.). *Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística – Textos seleccionados*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2007, p. 673-688.

- ZEC, D. Prosodic differences among function words. *Phonology* 22, Cambridge University Press, 1995, p. 77-111.
- ZWICKY, A. M. Auxiliary reduction in English. *Linguistic Inquiry* 1. 1970, p. 323-336.
- _____. *On clitics*. Bloomington: Indiana university Linguistics Club, 1977.

ANEXOS

SENTENÇAS PARA GRAVAÇÃO

1) PALAVRAS FUNCIONAIS MONOSSILÁBICAS

a. Preposição

I) A

- 1) Contexto: João perguntou para o Pedro quando iria viajar a Olinda. Pedro disse:
- **A** Olinda? Irei logo.
- 2) Contexto: João perguntou para o Pedro quando iria viajar a Olinda. Pedro disse:
- Irei **a**... **A** Olinda? Logo.
- 3) Contexto: Durante a aula de português, o professor ensinava aos seus alunos o uso das preposições. Peter, um aluno britânico, disse para o professor que iria viajar. O professor então perguntou para onde ele iria. Peter disse:
Foco: - Irei em Olinda.
O professor logo em seguida o corrigiu:
- Você vai **A** Olinda.

II) COM

- 4) Contexto: Maria estava ajudando Ana a escolher uma roupa para ir ao shopping. Maria pegou uma saia estampada e perguntou se estava combinando com a blusa azul. Ana então respondeu:
- Essa saia combina **com** a blusa amarela.
- 5) Contexto: Maria estava ajudando Ana a escolher uma roupa para ir ao shopping. Maria pegou uma saia estampada e perguntou com que blusa a saia combinava. Ana então respondeu:
- **Com** a blusa amarela.
- 6) Contexto: Maria, então, precisava decidir com que bolsa ir, então perguntou para Ana se uma bolsa preta combinava com a blusa amarela. Ana então respondeu:
- Essa bolsa combina **com**... Acho que a blusa azul.
- 7) Contexto: Durante a aula de português, a aluna húngara perguntou a professora, se estava correto dizer 'a blusa azul combina ca saia branca', porque tinha ouvido isto em um ponto de ônibus da cidade de Campinas. Então a professora, seguindo a norma culta, corrigiu-a:
- A blusa azul combina **COM** a saia branca.

III) DE

- 8) Contexto: Maria perguntou à Ana com que meio de transporte ela iria à faculdade naquele dia. Ana respondeu:

- **De** ônibus.

9) Contexto: Maria perguntou à Ana se ela iria ao shopping de carro, então. Ana lhe respondeu:

- Eu vou **de...** Acho que **de** ônibus também.

10) Contexto: Durante a aula de português, Marie, a aluna francesa, perguntou à sua professora Ana se o correto era dizer 'ir de carro' ou 'em carro a algum lugar'. Ana respondeu:

Foco: Você vai **DE** carro.

IV) EM

11) Contexto: O diretor da escola pediu ao professor de educação física que organizasse um campeonato entre os alunos. O professor pediu às suas salas que formassem times de várias modalidades. Os alunos do 1º ano disseram:

- Nós estamos pensando **em** organizar um time de futebol.

12) Contexto: O diretor da escola pediu ao professor de educação física que organizasse um campeonato entre os alunos. O professor pediu às suas salas que formassem times de várias modalidades. Os alunos do 2º ano disseram:

- Nós estamos pensando **em...** Acho que, organizar um time de futebol.

13) Contexto: O professor perguntou às meninas da sala.

- Vocês estão pensando em organizar...?

Elas então responderam:

- **Em** organizar um time de futebol.

14) Contexto: Durante a aula de português, Marie, a aluna francesa, perguntou à sua professora Ana se o correto era dizer 'eu estou a Campinas' ou 'em Campinas'. A professora respondeu:

- Eu estou **EM** Campinas.

V) POR

15) Contexto: João estava procurando uma rua no centro de Campinas. Como não encontrava, parou e perguntou a uma pessoa na rua. A pessoa lhe explicou:

- Você vai **por** essa rua até o final e vira à direita.

16) Contexto: João estava procurando uma rua no centro de Campinas. Como não encontrava, parou e perguntou a uma pessoa na rua que, pensativa, explicou:

- Você segue **por...** Deixe me ver... **por** essa rua até o final e vira à direita.

17) Contexto: Durante a aula de português, Marie, a aluna francesa, perguntou à sua professora Ana se o correto era dizer 'eu vou pela essa rua' ou 'por essa rua'. A professora respondeu:

- Você vai **POR** essa rua.

VI) SEM

18) Contexto: Maria e Ana estavam na escola, quando Ana resolveu ligar para o Pedro. De repente, Ana se lembrou que estava sem o celular, então perguntou a Maria se ela estava com o celular para emprestar. Maria então, respondeu:

- Eu também estou **sem**.

19) Contexto: Maria e Ana estavam na escola, quando Ana resolveu ligar para o Pedro. De repente, Ana se lembrou que estava sem o celular, então perguntou a Maria se ela estava com o celular para emprestar. Maria então, respondeu:

- Estou **sem** o celular também.

20) Contexto: Maria e Ana estavam na escola, quando Ana resolveu ligar para o Pedro. De repente, Ana se lembrou que estava sem o celular, e ficou na dúvida se Maria estava com o celular. Então perguntou à Maria:

- Maria, você está com o celular?

Maria então, respondeu:

- Sim, **Sem**.

21) Contexto: Maria e Ana estavam na escola, quando Ana resolveu comprar um sorvete. De repente, Ana se lembrou de que estava sem dinheiro, então perguntou à Maria se ela estava com dinheiro, mas já sabia que a resposta seria negativa, já que Maria nunca andava com dinheiro, mesmo assim, perguntou:

- Maria, você está com dinheiro?

Maria então, respondeu:

- Não, eu estou **SEM**.

VII) SOB

22) Contexto: Maria procurava seu livro de português. Perguntou à sua mãe, se ela havia visto. Sua mãe então respondeu:

- O livro está **sob** a mesa.

23) Contexto: Maria perguntou à sua mãe onde estava o livro de português, e ela respondeu:

- **Sob** a mesa.

24) Contexto: Maria perguntou à sua mãe se ela havia visto um livro de português que estava sob a mesa. Ela respondeu pensativa:

- O livro que estava **sob**... a mesa? Guardei na estante.

25) Contexto: Durante a aula de português, Jeane, esquecendo a preposição do português, disse à professora:

- O livro está *sous* a mesa.

A professora corrigiu-a:

- O livro está **SOB** a mesa.

b. Artigo definido

I) A

26) Contexto: João conversava com Pedro e, de repente, lembrou de perguntar a Pedro sobre uma menina bonita da sua rua, chamada Odete.

- Você conhece **a** Odete da sua rua?

27) Contexto: João conversava com Pedro e, de repente, lembrou de perguntar a Pedro sobre uma menina morena e muito bonita, que ele tinha visto na rua de Pedro. João então perguntou:

- Você conhece uma menina morena da sua rua? Acho que se chama Odete.

Pedro respondeu:

- **A** Odete? Claro que conheço.

28) Contexto: Pedro, um dia, comentou com João que queria conhecer uma garota da rua dele. João então perguntou a ele:

- Você quer conhecer **a**... Alguém da minha rua, não é? Quem é mesmo?

29) Contexto: Durante a aula de português, Mary, a aluna americana, perguntou à sua professora se o correto era dizer 'eu vi o Odete' ou 'a Odete'. A professora respondeu:

- Eu vi **A** Odete.

II) AS

30) Contexto: João falava a Pedro sobre a beleza dos pássaros, entre eles, as araras. Perguntou a Pedro se ele já tinha visto alguma, e ele então lhe respondeu:

- Eu já vi **as** araras azuis e as vermelhas.

31) Contexto: João falava a seus alunos sobre a beleza dos pássaros, entre eles as araras. Ao perceber que Pedro não estava prestando atenção na aula, perguntou a ele, se já tinha visto alguma arara, e ele, pensativo, então respondeu:

- Se eu já vi **as**... Ah... **as** araras? Já vi sim.

32) Contexto: Durante a aula de português, John, o aluno americano, perguntou à professora se era correto dizer 'os araras azuis' ou 'as araras azuis' já que se referia a machos. A professora respondeu:

- **AS** araras azuis.

III) O

33) Contexto: João chegou ao ponto de ônibus e perguntou a um senhor que estava sentado se ele havia visto o ônibus que ia para o centro. O senhor respondeu:

- Não vi **o** ônibus passar, não.

34) Contexto: João chegou ao ponto de ônibus e perguntou a um senhor que estava sentado se ele havia visto o ônibus que ia para o centro. O senhor respondeu:

- **O** ônibus que vai para o centro? Não vi passar, não.

35) Contexto: João chegou ao ponto de ônibus e perguntou a um senhor que estava sentado se ele havia visto o ônibus que ia para o centro. O senhor, como não tinha entendido direito o que o moço perguntara, respondeu:

- Se eu vi **o**... O que mesmo? Não vi passar não.

36) Contexto: Durante a aula de português, alguns alunos ficaram com dúvida quanto ao uso de artigos com palavras como 'ônibus'. John, o aluno americano perguntou ao professor se era correto dizer 'eu vou pegar a ônibus' ou 'eu vou pegar o ônibus'. O professor respondeu:

- Eu vou pegar **O** ônibus.

IV) OS

37) Contexto: João levou seu carro ao mecânico para trocar os pneus. O mecânico disse que era necessário trocar os amortecedores também. João, desconfiado, indagou:

- **Os** amortecedores também?

38) Contexto: João levou seu carro ao mecânico para trocar os pneus. O mecânico disse que era necessário trocar os amortecedores também. João, desconfiado, indagou:

- Mas é necessário trocar **os** amortecedores também?

39) Contexto: João levou seu carro ao mecânico para trocar os pneus. O mecânico disse que era necessário trocar os amortecedores também, mas João não tinha entendido, então indagou:

- Mas é necessário trocar **os**... O que mesmo?

40) Contexto: Peter, o aluno australiano, perguntou se o correto era dizer 'eu troquei os amortecedores do carro' ou 'eu troquei as amortecedores do carro'. O professor respondeu:

- Eu troquei **OS** amortecedores do carro.

V) UM

41) Contexto: Pedro e Paulo foram ao zoológico, e Paulo ficou espantado quando viu quantas espécies de macacos existiam, principalmente quando viu um orangotango. Pedro então perguntou a Paulo se ele nunca tinha visto um orangotango, e ele respondeu a Pedro:

- Eu nunca tinha visto **um** orangotango.

42) Contexto: Pedro e Paulo foram ao zoológico, e Paulo ficou espantado quando viu quantas espécies de macacos existiam, principalmente quando viu um orangotango. Pedro então perguntou a Paulo se ele nunca tinha visto um orangotango, e ele respondeu a Pedro:

- **Um** orangotango? É a primeira vez que vejo **um**.

43) Contexto: Pierre e Paul foram ao zoológico de São Paulo, e ao relatarem o passeio à professora, Paul comentou:

- Eu vi uma orangotango.

A professora o corrigiu:
- Você viu **UM** orangotango.

VI) UNS

44) Contexto: O pai de Pedro resolveu dar ao menino um avião de presente de aniversário e foi até a loja para comprá-lo. Chegando lá, pediu ao vendedor o melhor avião que havia na loja. O vendedor disse que havia vários modelos e marcas e perguntou ao pai de Pedro se ele não gostaria de escolhê-lo. O pai de Pedro disse então ao vendedor:

- Mostre-me **uns** aviões então.

45) Contexto: O pai de Pedro resolveu dar ao menino um avião de presente de aniversário e foi até a loja para comprá-lo. Chegando lá, pediu ao vendedor o melhor avião que havia na loja. O vendedor disse que havia vários modelos e marcas e perguntou ao pai de Pedro se ele não gostaria de escolhê-lo. O pai de Pedro disse então ao vendedor:

- Então eu quero ver **uns**.

46) Contexto: O pai de Pedro resolveu dar ao menino um avião de presente de aniversário e foi até a loja para comprá-lo. Chegando lá, pediu ao vendedor o melhor avião que havia na loja. O vendedor disse que havia vários modelos e marcas e perguntou ao pai de Pedro se ele não gostaria de ver uns para escolher. O pai de Pedro disse então ao vendedor:

- **Uns** aviões, quero ver todos então.

47) Contexto: O aluno americano perguntou a professora de português se era correto em português ele dizer 'eu vi umas aviões' ou 'eu vi uns aviões'. A professora então disse a ele:

Eu vi **UNS** aviões, é correto.

c) Pronome pessoal

I) ME

48) Contexto: Maria ligou para Pedro antes do horário do encontro que tinham, avisando que ia atrasar, pois sabia que ele era muito impaciente. Por causa disso, pediu:

- Eu peço que **me** aguarde.

49) Contexto: Maria ligou para Pedro antes do horário do encontro que tinham, avisando que ia atrasar, pois sabia que ele era muito impaciente. Por causa disso pediu:

- Eu peço que **me... me** aguarde, por favor.

50) Contexto: Na sala da 1ª série, a professora perguntou ao Joãozinho porque ele não havia feito a tarefa. Ele respondeu:

- Eu se esqueci que era para fazer a tarefa.

A professora então o corrigiu:

- Eu **ME** esqueci.

II) TE

51) Contexto: Maria estava muito feliz por ter se casado com Pedro. No dia em que comemorariam um ano de casados, preparou-lhe um jantar e disse-lhe:

- Eu vou **te** amar para sempre.

52) Contexto: Maria estava muito feliz por ter se casado com Pedro. No dia em que comemorariam um ano de casados, preparou-lhe um jantar e disse-lhe que iria amá-lo para sempre. Pedro não tinha ouvido direito e perguntou a ela o que ela iria fazer para sempre, e ela respondeu:

- **Te** amarei para sempre.

53) Contexto: Durante o jantar, Pedro deixou Maria chateada, porque nem ao menos agradeceu pelo jantar, nem ao menos disse que também a amava. Maria então sussurrou para ela mesma:

- Eu **te**... Ainda assim, amo muito.

54) Contexto: Ao ouvir a explicação da professora sobre o uso dos pronomes átonos em português, Marie perguntou a ela se poderia dizer 'eu vos chamo' para segunda pessoa do singular. A professora então disse:

- Eu **TE** chamo, é o correto para esse caso.

III) SE

55) Contexto: João estava usando um terno na festa de Maria. Admirada, já que João não comprava nada para si e nunca se arrumava para nada, Maria comentou com Ana o ocorrido. Ana espantada, indagou:

- **Se** arrumou para a festa, o João?

56) Contexto: João estava usando um terno na festa de Maria. Admirada, já que João não comprava nada para si e nunca se arrumava para nada, Maria comentou com Ana o ocorrido. Ana espantada, indagou:

- O João **se**... O que? Ele **se** arrumou para a festa?

57) Contexto: Ao ouvir a explicação da professora sobre o uso dos pronomes átonos em português, Marie perguntou a ela se poderia dizer 'você vos chama' quando se referir ao pronome 'você'. A Professora então a corrigiu:

- Você **SE** chama, é o correto em português.

IV) NOS

58) Contexto: Maria e Pedro queriam comprar um carro, mas o orçamento deles não permitia que a compra fosse realizada. Resolveram então ir ao banco e pedir um empréstimo. Pedro não pôde ir com Maria, e esta, ao chegar em casa, ela contou alegremente a ele:

- O gerente **nos** arrumou o empréstimo.

59) Contexto: Maria e Pedro queriam comprar um carro, mas o orçamento deles não permitia que a compra fosse realizada. Resolveram então ir ao banco e pedir um empréstimo. Pedro não pôde ir com Maria, e esta, ao chegar em casa, ela contou com tanta alegria ao marido, que até gaguejou:

- O gerente **nos... nos** arrumou o empréstimo.

60) Contexto: Sofie leu a resposta de um exercício para a professora durante a aula de português:

- Nós *nous* encontramos.

A professora, percebendo a confusão que ela tinha feito, corrigiu-a:

- Nós **NOS** encontramos.

V) LHE

61) Contexto: Maria chegou atrasada na escola, pois seu carro havia quebrado de novo, e seu marido não queria trocá-lo por outro. Ao chegar, Ana perguntou à Maria:

- Ele, o quê? **Lhe** arranjou outro carro?

62) Contexto: Maria chegou atrasada na escola, pois seu carro havia quebrado de novo, e seu marido não queria trocá-lo por outro. Ao chegar, Ana indagou a Maria:

- Ele **lhe...** Espera aí, ele **lhe** arranjou outro?

63) Contexto: Durante a aula de português, John disse a um amigo:

- Eu *se* arrumo um CD dos Beatles, você quer?

A professora, ao perceber a confusão dos pronomes, o corrigiu:

- Eu **LHE** arrumo um CD.

VI) LHES

64) Contexto: Maria e Ana foram à escola sem material, pois pensavam que não haveria aula. Pediram ao professor que lhes emprestasse algo para escrever. Carla perguntou curiosa:

- E então? **Lhes** emprestou algo?

65) Contexto: Maria e Ana foram à escola sem material, pois pensavam que não haveria aula. Pediram ao professor que lhes emprestasse algo para escrever. Carla perguntou confusa:

- Ele **lhes...** Espera aí, ele **lhes** emprestou algo?

66) Contexto: Durante a aula de português, John disse a um amigo:

- Eu *ses* arrumo um CD dos Beatles, vocês querem?

A professora, ao perceber a confusão dos pronomes, o corrigiu:

- Eu **LHES** arrumo um CD.

d) Conjunção

I) E

67) Contexto: Silvia e Ana conversavam sobre suas filhas. Silvia não tinha certeza se Maria, sua filha, havia ido ao baile com Edna, filha de Ana, então, perguntou a Ana, que lhe respondeu:

- A Maria **e** a Edna foram ao baile.

68) Contexto: Silvia e Ana conversavam sobre suas filhas. Silvia não tinha certeza se Maria, sua filha, havia ido ao baile com Edna, filha de Ana, então perguntou a Ana. No entanto Ana não tinha certeza se Edna havia ido ao baile com Maria, então lhe respondeu:

- A Maria **e**, acho que a Edna, foram ao baile.

69) Contexto: Silvia e Ana conversavam sobre suas filhas. Silvia não tinha certeza se Maria, sua filha, havia ido ao baile com Edna, filha de Ana, então perguntou a Ana. No entanto Ana não tinha certeza se Edna havia ido ao baile com Maria, então lhe respondeu:

- A Maria foi ao baile. **E** acho que a Edna também foi.

70) Contexto: Na aula de português, a professora ensinava as conjunções coordenativas aditivas aos seus alunos. Na correção dos exercícios, Joãozinho leu a seguinte resposta:

- Eu joguei bola, entretanto, fui o goleiro.

A professora, então, o corrigiu:

- Eu joguei bola **E** fui o goleiro.

II) OU

71) Contexto: Na aula de português, a professora ensinava as conjunções aos seus alunos. Durante a aula, Joãozinho disse a um amigo

- Você pode me dar seu lanche agora **ou...** apanha.

72) Contexto: Na aula de português, a professora ensinava as conjunções aos seus alunos. Durante a aula, Joãozinho disse a um amigo:

- **Ou** me dá seu lanche **ou** apanha.

73) Contexto: Na aula de português, a professora ensinava as conjunções alternativas aos seus alunos. Durante a aula, Joãozinho disse a um amigo:

- Você me dá seu lanche, e apanha.

A professora, percebendo a situação, aproveitou para corrigi-lo, brincando:

- Você me dá seu lanche, **OU** apanha.

III) MAS

74) Contexto: Maria perguntou à Claudia se o filho dela havia passado no vestibular. Claudia então lhe respondeu:

- Ele estudou... **Mas** ainda não foi aprovado.

75) Contexto: Maria perguntou à Claudia se o filho dela havia passado no vestibular. Claudia ainda não sabia o resultado, então lhe respondeu:

- Ele estudou **mas...** Acho que não foi aprovado.

76) Contexto: Maria perguntou a Claudia se o filho dela havia passado no vestibular. Claudia então respondeu:

- Ele estudou **mas** ainda não foi aprovado.

77) Contexto: Durante a aula de português, Peter disse a uma amiga:

- Eu vou com você, *but*, antes, tenho que passar em casa.

A professora, ao perceber a confusão que seu aluno fez, aproveitou para corrigi-lo:

- Eu vou com você, **MAS**, antes, tenho que passar em casa.

IV) QUE

78) Contexto: Maria estava muito cansada do seu trabalho, principalmente por causa de seu chefe. Um dia, enquanto desabafava com Ana sobre seu chefe, que queria que ela ficasse até mais tarde para terminar um trabalho, comentou:

- Ele pensa **que...** ainda que cansada, vou continuar a trabalhar.

79) Contexto: Maria estava muito cansada do seu trabalho, principalmente por causa de seu chefe. Um dia, comentando com Ana sobre o fato de seu chefe querer que ficasse até mais tarde para terminar um trabalho, depois de uma discussão com ele, disse:

- Ele pensa **que** ainda vou continuar o trabalho depois de tudo.

80) Contexto: Maria estava muito cansada do seu trabalho, principalmente por causa de seu chefe. Um dia, desabafando com Ana, disse que ele queria que ela ficasse até mais tarde para terminar um trabalho, depois de uma discussão que tiveram. Ana, meio desatenta ao que Maria havia falado, perguntou:

- Ele quer o quê?

Maria respondeu:

- **Que** ainda continuemos o trabalho depois de tudo.

81) Contexto: Durante a aula, Marie, irritada, disse a uma amiga:

- Ele pensa *qui* é o melhor.

A professora, ao perceber a confusão, corrigiu-a:

- Ele pensa **QUE** é o melhor.

V) NEM

82) Contexto: Maria e Ana esperavam o resultado de um concurso, então Ana foi até a banca comprar um jornal para verificar. Quando chegou, disse a Carla:

- **Nem** ela **nem** eu passamos no concurso.

83) Contexto: Maria e Ana esperavam o resultado de um concurso, então Maria foi até a banca comprar um jornal para verificar. Quando chegou em casa, disse a Ana que elas não haviam passado no concurso. Ana então perguntou a Maria se Fátima tinha passado. Maria respondeu:

- Ela? Eu acho que **nem**!

84) Contexto: Durante a aula, Marie disse a John:

- Eu acho que *não* ela fez a tarefa.

A professora, ao perceber que ela tinha trocado a preposição 'nem' pelo advérbio 'não', corrigiu-a:

- Eu acho que **NEM** ela fez a tarefa.

VI) SE

85) Contexto: Maria e Ana queriam seguir Pedro para investigar o que ele fazia depois do trabalho, antes de ir pra casa. No dia em que Maria o seguiu, ela comentou que o tinha visto entrar em uma academia. Ana perguntou a Maria se ele a havia visto, então ela respondeu:

- Não sei **se** ele me viu.

86) Contexto: Maria e Ana queriam seguir Pedro para investigar o que ele fazia depois do trabalho, antes de ir pra casa. No dia em que Maria o seguiu, ela comentou que o tinha visto entrar em uma academia. Ana perguntou a Maria se ele a havia visto, então ela respondeu pensativa:

- Não sei **se**... Acho que ele não me viu.

87) Contexto: Maria e Ana queriam seguir Pedro para investigar o que ele fazia depois do trabalho, antes de ir pra casa. No dia em que Maria o seguiu, ao relatar a operação à Ana, ela comentou que o tinha visto entrar em uma academia. Ana perguntou a Maria se ele a havia visto, então, ela respondeu pensativa:

- **Se** ele me viu? Não sei.

88) Contexto: A professora sempre pedia aos seus alunos que lessem suas respostas. Anne, antes de ler a sua resposta para a sala, disse:

- Eu não sei *si* está certo.

A professora a encorajou a ler, mas a corrigiu educadamente:

- Eu não sei **SE** está certo.

VII) POIS

89) Contexto: Pedro chegou em casa tarde e cansado, e então, Ana perguntou o porquê de estar cansado. Ele respondeu:

- **Pois** trabalhei o dia todo.

90) Contexto: Pedro chegou em casa tarde, e, como sempre, deu a mesma desculpa a Ana, quando esta lhe perguntou o porque de estar cansado.

- Eu estou cansado, **pois**, trabalhei o dia todo.

91) Contexto: Pedro chegou em casa tarde, e, como sempre, deu a mesma desculpa a Ana, quando esta lhe perguntou o porque de estar cansado.

- Eu estou cansado, **pois** trabalhei o dia todo.

92) Contexto: Os alunos da professora Ana, da aula de português para estrangeiros, estavam com muita dificuldade quanto ao uso das conjunções explicativas. Ao ler a resposta de um dos exercícios, uma das suas alunas disse:

- Eu estou cansada, *mas* trabalhei o dia todo.

A professora corrigiu educadamente:

- Eu estou cansada, **POIS** trabalhei o dia todo.

f) Preposição + Artigo

I) A + A

93) Contexto: José perguntou a Pedro se ele iria à aula pela manhã, e ele lhe respondeu:

- Devo ir **à** aula só à tarde hoje.

94) Contexto: José perguntou a Pedro se ele iria à aula pela manhã, e ele lhe respondeu:

- Devo ir **à... À** aula? Só à tarde, acho.

95) Contexto: Frank, ao encontrar a professora na rua, disse:

- Não vou *ao* escola hoje.

A professora o corrigiu, ao perceber o engano:

- Não vou **À** escola hoje.

II) DA

96) Contexto: Maria viu um carro novo estacionado em frente à casa de Ana, e quis saber se era de alguém conhecido. Maria perguntou a Ana de quem era aquele carro. Ana lhe respondeu:

- **Da** Odete.

97) Contexto: Maria viu um carro novo estacionado em frente à casa de Ana, e quis saber se era de alguém conhecido. Ana lhe respondeu:

- Esse carro é **da...** Acho que **da** Odete.

98) Contexto: Pierre, um amigo francês de Paulo, viu um carro parado na frente da escola, e perguntou:

- Esse carro é **DE** Aline, não é?

Paulo respondeu corrigindo-o:

- Sim. Esse carro é **DA** Aline.

III) DAS

99) Contexto: Maria viu duas bicicletas paradas em frente de sua casa. Perguntou a sua filha de quem eram, então sua filha respondeu:

- Acho que são **das** ... Elas são **das** arruaceiras da rua.

100) Contexto: Maria viu duas bicicletas paradas em frente de sua casa. Perguntou a sua filha de quem eram, então sua filha respondeu:

- **Das** arruaceiras da rua, pois as vi ontem com elas.

101) Contexto: Marie viu duas bicicletas paradas em frente da escola e pensou que eram de suas amigas. Então, perguntou a Ana:

- Essas bicicletas são *dos* meninas?

Ana respondeu que eram, mas aproveitou para corrigi-la:

- Essas bicicletas são **DAS** meninas.

IV) DO

102) Contexto: Maria viu um carro novo estacionado em frente à casa de Ana, e quis saber se era de alguém conhecido. Então perguntou a Ana de quem era aquele carro. Ana lhe respondeu:

- **Do** Antonio.

103) Contexto: Maria viu um carro novo estacionado em frente à casa de Ana, e quis saber se era de alguém conhecido. Ana lhe respondeu pensativa:

- Esse carro é **do**... Acho que **do** Osvaldo.

104) Contexto: Pierre, um amigo francês de Paulo, viu um carro parado na frente da escola, e perguntou:

- Esse carro é **DE** Antonio, não é?

Paulo o corrigiu antes de responder:

- Esse carro é **DO** Antonio.

V) DOS

105) Contexto: Maria viu duas motos paradas em frente de sua casa. Perguntou a sua filha de quem eram, então sua filha respondeu:

- Acho que são **dos** ... Elas são **dos** arruaceiros da rua.

106) Contexto: Maria viu duas motos paradas em frente de sua casa. Perguntou a sua filha de quem eram, então sua filha respondeu:

- **Dos** arruaceiros da rua, pois os vi ontem com elas.

107) Contexto: Mary viu duas bicicletas paradas em frente da escola e pensou que eram de seus amigos. Então, perguntou a Ana:

- Essas bicicletas são *das* meninos?

Ana respondeu que eram, mas aproveitou para corrigi-la:

- Essas bicicletas são **DOS** meninos.

VI) EM + A = NA

108) Contexto: Ana conseguiu um trabalho de diarista e, logo no primeiro dia, foi trabalhar na casa de alguns estudantes. Quando foi procurar as vassouras, não as encontrou. Então, disse a um dos jovens moradores da casa:

- **Na** área de serviço, as vassouras não estão. Você sabe onde elas estão?

109) Contexto: Ana conseguiu um trabalho de diarista e, logo no primeiro dia, foi trabalhar na casa de alguns estudantes. Quando foi procurar as vassouras, não as encontrou. Então, perguntou a um dos jovens moradores da casa onde eles guardavam as vassouras. O jovem respondeu pensativo:

- As vassouras estão **na**... Acho que **na** área de serviço.

110) Contexto: Durante a aula de português para estrangeiros, Anne, a aluna americana, disse a professora:

- Nós estamos **no** aula de português.

A Professora a corrigiu:

- Nós estamos **NA** aula.

VII) EM + AS = NAS

111) Contexto: Ao ouvir um bem-te-vi, Joãozinho foi procurá-lo. Sua mãe perguntou onde o bem-te-vi estava, e Joãozinho respondeu:

- **Nas** árvores.

112) Contexto: Ao ouvir um bem-te-vi, Joãozinho foi procurá-lo. Sua mãe perguntou onde o bem-te-vi estava, e Joãozinho respondeu:

- Ele está **nas**... Acho que **nas** árvores.

113) Contexto: Ao ouvir um bem-te-vi, Joãozinho foi procurá-lo. A professora perguntou onde o bem-te-vi estava, e Joãozinho respondeu:

- Ele está *nos* árvores.

A professora o corrigiu:

- Ele está **NAS** árvores.

VIII) EM + O = NO

114) Contexto: Os moradores da casa pediram a Ana que lavasse as roupas deles. Ana perguntou a um dos meninos, onde as roupas estavam, e ele respondeu:

- **No** armário do corredor.

115) Contexto: Os moradores da casa pediram a Ana que lavasse as roupas deles. Ana perguntou a um dos meninos, onde as roupas estavam, e ele respondeu com dúvida:

- As roupas não estão **no**... Acho que **no** armário do corredor.

116) Contexto: Sofie estava com dúvida quanto à contração da preposição 'em' com os artigos, pois tinha dificuldade ao identificar as palavras femininas e masculinas do português. Ao ler uma resposta de um exercício, disse:

- Eu coloquei as roupas *na* armário.

A professora a corrigiu educadamente:

- Eu coloquei as roupas **NO** armário.

IX) EM + OS = NOS

117) Contexto: Os moradores da casa pediram a Ana que lavasse as roupas deles. Ana perguntou a um dos meninos, onde as roupas estavam, e ele respondeu:

- **Nos** armários dos quartos.

118) Contexto: Os moradores da casa pediram a Ana que lavasse as roupas deles. Ana perguntou a um dos meninos, onde as roupas estavam, e ele respondeu com dúvida:

- As roupas não estão **nos**... Acho que **nos** armários dos quartos.

119) Contexto: Sofie estava com dúvida quanto à contração da preposição 'em' com os artigos, pois tinha dificuldade ao identificar as palavras femininas e masculinas do português. Ao ler uma resposta de um exercício, disse:

- Eu coloquei as roupas *nas* armários.

A professora a corrigiu educadamente:

- Eu coloquei as roupas **NOS** armários.

2) PALAVRAS FUNCIONAIS DISSILÁBICAS

a. Preposição

I) PARA

120) Contexto: Ana chegou em casa e não encontrou sua filha. Quando ela chegou, sua mãe perguntou:

- **Para** onde você foi que não te encontrei quando eu cheguei?

121) Contexto: Ana chegou em casa e não encontrou sua filha. Quando ela chegou, sua mãe perguntou com ar de ironia:

- Você foi **para** onde?

122) Contexto: Ana tentava contar para sua mãe onde tinha ido na noite anterior. Quando contou, sua mãe não soube esconder o espanto:

- Você foi **para**?

123) Contexto: Joãozinho escreveu na lousa:

- Nesse final de semana, não fui *pra* lugar nenhum.

A professora o corrigiu:

- Você não foi **PARA** lugar nenhum.

b. Conjunção

I) PORQUE

124) Contexto: João perguntou a Pedro porque ele não comprava um computador novo, já que o seu vivia quebrado. Pedro então respondeu que preferia consertar o seu computador velho. João, então, perguntou insistentemente, porque ele não desistia daquela velharia. Pedro respondeu:

- **Porque** eu acho que não preciso de um novo.

125) Contexto: João perguntou a Pedro porque ele não comprava um computador novo, já que o seu vivia quebrado. Pedro então respondeu calmamente:

- Prefiro consertar meu computador velho, até **porque...** Eu acho que não preciso de um novo.

126) Contexto: João perguntou a Pedro porque ele não comprava um computador novo, já que o seu vivia quebrado. Pedro então respondeu:

- Prefiro consertar meu computador velho, até **porque** eu acho que não preciso de um novo.

127) Contexto: Na aula de português, Jean, o aluno francês, perguntou à professora se era errado dizer “Eu prefiro comprar um computador novo, *mas* o meu está velho”, para dar a idéia de explicação. A Professora, então, respondeu:

- Para dar a idéia de explicação, o correto é dizer: “Eu prefiro comprar um computador novo **PORQUE** o meu está velho.